

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE - UFF
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL – IACS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CULTURA E
TERRITORIALIDADES – PPCULT**

ALEX DE OLIVEIRA TEIXEIRA

FABULAÇÕES DO TERRITÓRIO:

**AS PRÁTICAS DA PENEIRA E A CRIAÇÃO DE SEU MÉTODO ARTÍSTICO-
COMUNITÁRIO**

Niterói
2022



ALEX DE OLIVEIRA TEIXEIRA

FABULAÇÕES DO TERRITÓRIO:

As práticas da Peneira e a criação de seu método artístico-comunitário

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades, da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Cultura e Territorialidades.

Orientador: Prof. Dr. Marildo José Nercolini

Niterói

2022

FICHA CATALOGRÁFICA

ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho ao bairro da Lapa e especialmente a comunidade da Rua Joaquim Silva na figura da eterna Dona Marlene Nazareth.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que colaboraram com a minha caminhada, em especial aos companheiros que passaram pela Peneira ao longo desses 11 anos em que estive no grupo. Sem eles essa pesquisa não seria possível.

Agradeço aos meus pais Kátia Oliveira e Alecyr Teixeira, a minha irmã Alessandra Teixeira e a toda a turma PPCULT 2020.

Muitas pessoas me incentivaram a entrar no PPCULT, entre elas Sil Bahia, Larissa Amorim e Karen Kristien. Obrigado mesmo. Uma vez dentro deste programa, tirei a sorte grande de ter sido indicado pela Ana Lucia Enne a procurar o Marildo José Nercolini para ser meu orientador. Que pesquisador admirável, que ser humano maravilhoso, gentil, paciente e carinhoso. Essa dissertação é muito de você, Marildo. Obrigado!

Agradeço aos professores do PPCULT, aos meus amigos, sobretudo aqueles fazedores de cultura que moldaram esse Alex que hoje escreve aqui.

Agradeço ainda àqueles que muito me incentivaram nessa reta final, os companheiros do Centro de Teatro do Oprimido, do Teatro ao Redor, além da Taty Maria, Daniel Ruiz, Luna Costa, Ruth Maciel, Julia Goromar, Lencinho Smith, Clarisse Zarvos, Dora Motta, Bianca Toledo e Alice Tavares.

E um agradecimento especial aos interlocutores da Rua Joaquim Silva: os finados Dona Marlene Nazareth e Seu Francesco Avena, Gilmara e Adalto (do Bar do Adalto), Robertinha Villas, Tuninho Villas e Marvin Maciel (da Casa Com a Música), Régis e Ximenes do bar Os Ximenes, Seu Antônio (do bar da esquina da Travessa do Mosqueira), Daad (do Hotel Loves House), Adelino (do Othello Centro Cultural), Fátima e Will (da Arte em madeira atelie), Paulo Branquinho, galera da Casa de Estudos Urbanos, o comércio apoiador e a equipe que fez parte do Fabulações do Território na Rua Joaquim Silva: Priscila Bittencourt, Luiz Fernando Pinto, Yassu Noguchi, Paulo Sérgio Kajal, Hugo Cruz, Maurício Maia, Calebi Benedito, Fernando Katullo, Jon Pires, Kamilla Neves, Ledjane Motta, Domitila Almenteiro, Jon Thomaz, Camila Loren, Flávia Moretz, Handerson Oliveira, Amanda Corrêa, Cristina Telles, Júlia Cabo, Michele Lima Pereira, Waleska Adami, Luís Cláudio Arcos, Marcus Ferreira, Pedro Uchoa, Tiago Nascimento, Victor Santana, Victor Coutinho, Fabiano Pires, Talita Magar e Katleen Carvalho.

RESUMO

Como um grupo artístico surge, se organiza, cria, molda seus processos, articula os territórios em que atua e sistematiza um método de trabalho? Na tentativa de responder a essas e outras questões, recorro a um levantamento histórico, seja em minha própria memória, seja através do imaginário coletivo, da pesquisa de campo, dos teóricos ou da investigação em arquivos que correspondem principalmente ao período entre 2010 e 2020. É uma investigação sobre vida, sobre arte e sobre a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, contada através da ótica de um trabalhador da cultura que de alguma maneira, tenta fazer um cruzamento com esse tempo-espaço atual.

Palavras-chave: Identidade; territorialidade; memória; performance; teatro; direito à cidade; fabulações do território.

ABSTRACT

How does an artistic group arise, organize itself, create, shape its processes, articulate the territories in which it operates and systematize a method of work? In an attempt to answer these and other questions I resort to a historical survey either in my own memory, or through the collective imagination, field research, theorists or investigation in archives that correspond mainly to the period between 2010 and 2020. It is an investigation about life, about art and about the city of São Sebastião do Rio de Janeiro, told through the perspective of a cultural worker who somehow tries to make an intersection with this current time-space.

Keywords: Identity. Territoriality. Memory. Performance. Theater. Right to the city. Fables of the territory.

SUMÁRIO

PRÓLOGO	9
ATO I, CENA I - Inverno carioca	16
ATO I, CENA II - Salão Vermelho do Instituto Brasileiro de Administração Municipal (IBAM), no Humaitá	17
ATO I, CENA III - Antiga Escola Municipal Austregésilo de Athayde	20
ATO I, CENA IV - O embrião de um grupo na Zona Oeste do Rio de Janeiro	23
ATO I, CENA V - ZS	29
ATO I, CENA VI - Lapa não é bairro, é faculdade	35
ATO II, CENA I - Espaço de experimentação artística	48
ATO II, CENA II - Os desdobramentos	75
ATO II, CENA III - O turista aprendiz	83
ATO III, CENA I - Vamo na cidade?	88
ATO III, CENA II - Como colocar um método artístico-comunitário na rua	94
ATO III, CENA III - A chamada para ação	103
ATO III, CENA IV - Construção coletiva e temporada da peça Sorte ou Revés na Joaquim Silva	108
ATO III, CENA V - Os desdobramentos do método Fabulações do Território	131
CONSIDERAÇÕES FINAIS	141
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	144
ANEXOS	148

PRÓLOGO

Durante dois anos tentei ser jogador de futsal na categoria Sub-11, passando pelas posições de ala (esquerdo e direito), fixo e goleiro, e cheguei a ocupar a função de quarto reserva. Aos 12, em 1999, descobri no teatro, num curso no extinto Centro Cultural de Nilópolis, uma possibilidade de canalizar todas as energias retidas nos sucessivos meses de banco. Encontrei ali a minha profissão, e hoje sou um trabalhador da cultura. Atuo, escrevo, produzo, articulo, realizo de um tudo, mas gosto mesmo é das possibilidades que o ofício de ator me proporciona. Em 2010, junto com parceiras e parceiros, criamos a Peneira, um grupo carioca que trabalha com projetos multidisciplinares. Me formei em jornalismo aos 22 anos, e desde então também tenho conciliado as artes com a comunicação. Interesse-me bastante pelas minúcias do cotidiano, e acredito que elas têm muito a nos ensinar. Já dediquei um tempo da vida vendendo especiarias num souk em Marrakech, sendo voluntário numa ONG em Barcelona que trabalhava a promoção do uso de tecnologias como meio de diminuição das desigualdades sociais e num período de férias na adolescência, vendi x-tudo no Cabofolia pra juntar grana para tirar o registro profissional de ator, o tal DRT. Considero interessante, como botafoguense que sou, pensar a vida inventando modos garrinchados, como propõe o historiador Luiz Antonio Simas, no texto "O mergulho nas brasilidades".

Por culturas fresteiras entendo, portanto, aquelas que, jogando nas rachaduras dos muros institucionais – com a destreza e a arte do drible no vazio de Mané Garrincha – inventam constantemente modos garrinchados de vida que buscam a transgressão, o equilíbrio gingado, a terreirização do território, como estratégias de jogo e combate contra a mortandade produzida pelo desencanto do mundo. (SIMAS, 2021, ¹)

Entrei no Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades (PPCULT) no início de 2020, com a ideia de pesquisar as Lonas Culturais, Arenas Cariocas e as Estações Cidadania – Cultura, e como esses equipamentos culturais impactam os territórios populares da metrópole fluminense operando historicamente nas frestas, como descreve o Simas. Essa proposta está intimamente ligada à minha trajetória. Por ter morado boa parte da vida em Nilópolis, fui um contumaz

¹ Para ler o texto "O mergulho nas brasilidades", de Luiz Antônio Simas, acesse: <https://iree.org.br/o-mergulho-nas-brasilidades/>. Acessado em 8/06/2021.

frequentador da Lona Cultural Carlos Zéfiro, em Anchieta, Zona Norte do Rio, distante poucos minutos da minha casa. Ali assisti a centenas de espetáculos e shows por valores irrisórios, e pude perceber a importância daquele equipamento para quem vive em seu entorno. Como ator, tive a experiência de circular com espetáculos por todas as Lonas e Arenas através de editais públicos como o Fundo de Apoio ao Teatro (FATE), e posteriormente o Fomento às Artes, ambos da Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro. Vivi o apogeu, mas também acompanhei a decadência de vários desses espaços, seja pela diminuição da verba destinada à pasta da cultura, seja por um projeto político que pretendia frear as transformações sociais.

Pois bem, na segunda-feira, dia 17 de fevereiro de 2020, às 18h30, na sala 214 do Instituto de Arte e Comunicação Social (IACS), tivemos nossa primeira reunião presencial da turma 2020 do PPCULT. Havia um clima tão gostoso no ar, e as novidades pareciam as melhores.



Figura 1 - Primeiro e único encontro da turma 2020 do PPCULT com parte dos mestrandos de 2019. Fonte: Acervo turma PPCULT 2020

João Domingues, coordenador do programa, nos encaminhou um e-mail no dia 2 de março de 2020 dizendo o seguinte: “Envio em anexo a previsão do quadro de horários do segundo semestre deste ano. Salvo excepcionalidade, que podem ocorrer, os horários devem ser estes”. Pois é, João, a tal excepcionalidade estava pra

rolar, infelizmente. Dia 9 de março de 2020 recebo um e-mail informando que havia sido sorteado para a bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Ia começar um mestrado super maneiro, e ainda receberia uma bolsa para estudar com mais tranquilidade. Só sucesso!

Na quarta-feira, 11 de março de 2020 a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou a pandemia de Covid-19, doença causada pelo novo coronavírus (Sars-Cov-2). Além de toda a preocupação com as vidas dos familiares, amigos, e a minha, tinha um ponto. E o mestrado? No primeiro momento, ninguém sabia quanto tempo essa pandemia ia durar. Ou melhor, não sabemos até agora, em agosto de 2022. Dizem que vai virar endemia.

Dois dias depois chega uma mensagem do Danilo dos Santos Pinto, secretário do programa, dizendo o seguinte: “Informo que a Universidade Federal Fluminense (UFF), considerando as ponderações do Grupo de Trabalho de especialistas composto para assessorar a administração acerca da pandemia do novo coronavírus e após consulta à Vigilância Sanitária do Estado do Rio de Janeiro, decidiu adiar por 1 (uma) semana o início do período letivo que ocorreria na próxima segunda-feira, dia 16 de março. Com isso as aulas do PPCULT, a princípio, terão início no dia 23/03/2020”.

Dia 18 de março de 2020, às 10h01, recebo por e-mail o seguinte balde de água fria assinado pela Flávia Clemente de Souza, diretora do IACS: “A partir de hoje (quarta-feira, 18/3), à luz das novas medidas decretadas pelos governos federal, estadual e municipal e com base na Instrução de Serviço Progepe nº 005, de 17 de março de 2020, publicada ontem no Boletim de Serviço n. 47 (suplementar) da Universidade Federal Fluminense, a direção do Instituto de Arte e Comunicação Social suspende todas as atividades presenciais por 30 dias, período que pode ser prorrogado diante de novas diretrizes da gestão”.

Após uma reunião do colegiado do PPCULT, ficou deliberado que nesse primeiro momento teríamos encontros remotos. Alguns professores frisavam que seriam encontros, e não aulas. Com o tempo, ficou nítido que a situação só piorava, e não tínhamos como precisar nada. Com o decorrer dos encontros virtuais através do Google Meet, tivemos que, de muitas formas, nos adaptar. Não só nós, os discentes que estavam entrando no mestrado, mas os professores, que precisaram se reinventar e fizeram o bagulho acontecer com muito afeto e dedicação. As aulas

do primeiro semestre simplesmente viraram a minha cabeça, e com o fechamento dos equipamentos culturais por conta da Covid, a minha proposta de observação participante caía por terra. Sem falar que no último ano do governo do prefeito Marcelo Crivella (Republicanos), as Lonas e Arenas sofreram cortes orçamentários significativos.

Conversei com algumas pessoas, e estava convicto de que precisava mudar de objeto, talvez de linha, e até de orientador. Olha aí o jogo sendo jogado nas rachaduras dos muros institucionais. A minha ideia agora seria pesquisar o *Fabulações do Território*, um método artístico-comunitário que desenvolvemos lá na Peneira, e que conecta diferentes linguagens, como: poesia, cinema, teatro e música, com referências etnográficas, do Teatro de Vizinhos, Teatro do Oprimido, Teatro Documentário, Cinema Expandido e Cinema Verdade, onde moradores e artistas ficionam a partir das memórias e do cotidiano de determinada comunidade, e geram uma obra artística em que todos os envolvidos são protagonistas da criação.

A proposta de mudança de objeto rolou, e contatei o Marildo Nercolini, que topou ser meu orientador, e de cara disse que eu deveria ter tentado o PPCULT com esse projeto.

Comecei a levantar informações sobre a aplicação do método na Rua Joaquim Silva, na Lapa, e durante essas pesquisas, percebi que fazia total sentido começar escrevendo sobre os trabalhos da Peneira que precederam o *Fabulações*, já que o método é, também, resultado de diversas ações práticas que desenvolvemos ao longo de sete anos. Dessa forma, nasceu o que chamo de Ato I.

Justificativa

Levando em consideração a trajetória da Peneira no bairro da Lapa, e seus trabalhos no campo das artes integradas, essa pesquisa visa colaborar com as reflexões acerca das possibilidades de construção de trabalhos artísticos utilizando-se de elementos comunitários. Para tal, vou me atentar especificamente ao método *Fabulações do Território*, operado entre os anos de 2018 e 2019 na simbólica Rua Joaquim Silva, local que outrora serviu de moradia a figuras como Carmen Miranda, Jacob do Bandolim, Manuel Bandeira, Madame Satã e Chiquinha Gonzaga. Hoje, o espaço abriga a resignificada Escadaria Selarón, um dos pontos turísticos mais visitados da cidade. Ao mesmo tempo, a região divide espaço com moradores

populares, hotéis para rapazes solteiros, igrejas evangélicas, bares, pensões, sindicatos, cortiços, depósitos, casas de cultura, bocas de fumo, salões de beleza, ateliês, residências, escritórios comerciais e até uma carvoaria. Tudo isso compõe parte do imaginário popular local, e serviu de mote para o trabalho desenvolvido pelo grupo, e que será tema dessa dissertação.

Tal processo está ancorado em referenciais de arte e comunidade.

(...) o teatro e a comunidade constitui-se como um campo próprio de ação e pensamento que privilegia a participação num processo de criação coletiva inspirada pelas identidades, histórias, culturas, tradições de pessoas e lugares que sustentam o desenho de uma dramaturgia e permitem uma projeção coletiva (CRUZ, 2015:42)

Essa projeção coletiva citada por Hugo Cruz na publicação "Arte e Comunidade", nessa pesquisa reflete em questões como o direito à cidade, o conceito de cidade partida e a disputa de diferentes imaginário culturais a partir da hibridização. De acordo com Canclini, o conceito de hibridização se define como "processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas" (CANCLINI, 2001:22)

Entender o *Fabulações do Território* como um hibridismo entre a democratização dos acessos e a potencialização de sujeitos artísticos, está entre os pilares deste estudo.

Objetivo principal

O presente projeto tem como objetivo investigar os processos da Peneira e seus desdobramentos para a criação do método artístico-comunitário *Fabulações do Território*, e sua aplicação na Rua Joaquim Silva, na Lapa.

Destaco que serão observadas as formas das narrativas dessas ações, aliadas as disputas políticas que envolvem direito à cidade e acesso a arte e a cultura, além da resignificação de subjetividades e identidades coletivas, memória, hibridização de linguagens (CANCLINI, 2001) e território como possibilidade ficcional, mística e fantástica.

Objetivos específicos

Como objetivo específico, essa dissertação busca contribuir para o registro e discussão sobre as formas como o grupo Peneira, ao longo da década de 2010, promoveu arte e cultura em espaços públicos e fechados, sobretudo na região Central do Rio de Janeiro, envolvendo moradores, artistas e comércios que variavelmente nunca haviam se conectado.

Além disso, o estudo propõe reflexões sobre: as possibilidades de transformação social a partir das experiências proporcionadas pela cultura; o impacto da descontinuidade das políticas culturais; a criação de novas estéticas, modos de produção e vozes políticas nas cidades; e a relação desse grupo com o território da Lapa.

Metodologia

A pesquisa foi iniciada a partir da análise das práticas artísticas da Peneira, grupo carioca surgido em 2010 na Zona Oeste do Rio, e que desde 2012 se estabeleceu no eixo Centro-Glória da capital fluminense, mas sempre promovendo intercâmbios com diferentes agentes culturais dos mais variados territórios da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Para isso, estão sendo utilizados como referência autores que discutam questões relacionadas a práticas culturais, teatro, arte e comunidade, territorialidades, direito à cidade, identidades culturais, sociologia da juventude e circulação. Ao longo da escrita dos três capítulos, que convencionei a chamar de atos, é certo que outros temas e conceitos poderão ser incorporados no desenvolvimento do trabalho.

Além disso, pretendo falar sobre os desafios na construção de um método artístico-comunitário, e sua aplicação prática; também serão analisadas entrevistas com pessoas que tiveram relação com o projeto, ou com o bairro da Lapa. Essas perspectivas visam incorporar diferentes visões ao exercício do conceito de arte pública. Paralelo a esses apontamentos, pelo fato de ser um dos fundadores do grupo, tenho acesso a um amplo acervo, em uma extensa pesquisa documental, utilizando textos, diários de bordo, atas, fotografias, filmagens, matérias de jornais, sites e revistas, pesquisas acadêmicas, livros, além de conversas com antigos e atuais integrantes. Também disponho de um rico material de entrevistas em vídeo feito com todos participantes do *Fabulações do Território* que utilizo no Ato III.

Nesta dissertação trabalho com os seguintes autores, pensando os eixos território, memória, teatro e culturas urbanas: Adriana Sansão, Ana Lucia Enne, Ana Paula Alves Ribeiro, Augusto Boal, Denilson Araujo de Oliveira, Diego Rosenberg, Edith Sher, Ericson Pires, Félix Guattari, Henri Lefebvre, Hugo Cruz, Isabel Lustosa, Jacques Le Goff, Lúcio Costa, Luiz Antonio Simas, Marcus Faustini, Marildo Nercolini, Marina Henriques Coutinho, Michel de Certeau, Milton Santos, Moacyr Luz, Néstor García Canclini, Paulo César da Costa Gomes, Pierre Bourdieu, Robert Sack, Rogerio Haesbaert, Rosana Statuto, Silvana Helena Gomes Bahia, Suely Rolnik, Sun Alex, Thiago Spíndola Motta Fernandes, Ulf Hanners, Zuenir Ventura e Luiz Fernando Vianna.

Como citado, esta dissertação foi pensada em três atos. No Ato I, traço um panorama histórico de diversos projetos que serviram de estofo para a criação do método artístico-comunitário do grupo. Os subcapítulos estou chamando de cenas, e ambas as referências vem dos textos dramaturgicos.

No Ato II, me dediquei a falar sobre os processos e desafios de realizar um espetáculo de variedades durante anos numa encruzilhada da Lapa. Os desdobramentos e agruras da formalização da Peneira enquanto instituição e como foram as contribuições para as articulações da identidade do grupo.

Para o Ato III, desejo analiso a prática, o método sendo colocado em ação e suas repercussões. Como foi o processo anterior ao início da ação? Entendimento histórico sobre o espaço, identificação de moradores e frequentadores, articulação, identificação de possíveis conflitos (isso pode, e isso não pode ser abordado), pesquisa iconográfica, como foi feita a construção de equipe e o chamamento para os participantes. O que acontece quando se juntam moradores que nunca haviam participado de um processo artístico com profissionais de diferentes linguagens? Como foi atuar e construir uma dramaturgia a partir das vivências do território? Como esses participantes passaram a visualizar aquele espaço? Quais foram os desdobramentos após a aplicação do método? Esses e outros questionamentos levanto através de depoimentos e de pesquisas no acervo da Peneira.

ATO I, CENA I

Inverno carioca

Circo Crescer e Viver, Praça Onze, berço do samba, do Camisa Preta, do Sete Coroas, e do terreiro de Tia Ciata. Eram 10h da manhã do dia 3 de julho de 2010, e cerca de 150 artistas com idades entre 20 e 50 anos, de diferentes bairros do Rio e de cidades da Região Metropolitana chegavam à lona para uma espécie de teste. Ali aconteceria a seleção dos participantes do projeto Apalpe², que teria como mote a produção literária combinada às experimentações de linguagens. O Apalpe apresentava-se como um desdobramento do livro “Guia afetivo da periferia” (2009), de Marcus Vinícius Faustini³, e propunha estimular esteticamente os integrantes a utilizarem a memória individual e coletiva para a criação de expressões.

E assim foi, desde o primeiro momento. No e-mail de confirmação da inscrição, a produção solicitou que levássemos ao circo um objeto predileto, exclusivamente nas cores azul, vermelha, amarela ou verde. Já no dia do encontro, Faustini pediu que dispuséssemos os tais pertences no centro do picadeiro, e em seguida deveríamos escrever um texto de cinco linhas falando sobre a nossa trajetória, e relacionando-a com o tal elemento, e com mais duas outras coisas aleatórias que encontrássemos em nossas mochilas. Só não valia utilizar o celular.

No quesito aleatório, eu tinha ali uma edição do dia do jornal O Globo, que automaticamente relacionei a uma lembrança de infância exercida continuamente aos domingos, que era procurar o Wally no caderno Globinho. Eu adorava fazer esse programa com os meus pais. Tinha também uma caneta, que abracei logo o clichê do gosto de escrever, e por isso sou jornalista e ator. Já o objeto predileto, imagino que não fosse tão preferido assim, porque não faço ideia do que apresentei. Só sei

² O Apalpe foi um projeto de oficinas artísticas baseado nos conceitos de territorialidade e pertencimento, com a concepção e coordenação de Heloísa Buarque de Hollanda e Marcus Vinícius Faustini. Os participantes eram estimulados a criar experimentações artísticas a partir do uso da palavra, em expressões como artes plásticas, fotografia, performance e vídeo. O programa começou em julho de 2010, e terminou em janeiro de 2011, e contou com a publicação da Revista Apalpe – 35 contos, um festival de cenas na Sede das Cias, na Escadaria Selarón, e um happening com dezenas de artistas na Rua Teotônio Regadas, na Lapa.

³ Marcus Vinícius Faustini é diretor teatral, documentarista e escritor, tendo publicado os livros Guia Afetivo da Periferia (2009) e O novo carioca (2012), em parceria com Jailson de Souza e Silva e Jorge Luiz Barbosa. Em 2011 criou a Agência de Redes para Juventude, uma metodologia que potencializa jovens moradores de favelas e periferias a transformarem ideias em projetos de intervenção em seus territórios. No ano de 2021 foi nomeado secretário de Cultura do Rio de Janeiro na gestão do prefeito Eduardo Paes, eleito pelo extinto Democratas e atualmente filiado ao Partido Social Democrático (PSD).

que cinco dias depois o meu nome estava publicado num blog, na lista dos 44 selecionados. Era a proposta de um processo artístico de um Rio misturado. Gente do Alto da Boa Vista, Bangu, Botafogo, Cachambi, Carmari – Nova Iguaçu, Centro - Rio de Janeiro, Centro – Nova Iguaçu, Cobrex – Nova Iguaçu, Copacabana, Engenheiro Leal, Engenho Novo, Estácio, Fanchem – Queimados, Flamengo, Glória, Ilha do Governador, Imbariê - Duque de Caxias, Jacaré, Jardim Botânico, Jardim Primavera - Duque de Caxias, Lapa, Leblon, Maré, Nilópolis, Paciência, Rodilândia – Nova Iguaçu, Santa Cruz, Santa Teresa, São Cristóvão, São João de Meriti, São Roque - Queimados, Senador Camará, Tijuca, Trindade - São Gonçalo, Valverde – Nova Iguaçu, Vidigal e Vigário Geral que trariam suas referências de "cidade partida" (VENTURA, 1994) e dariam a tônica do ciclo imersivo.

ATO I, CENA II

Salão Vermelho do Instituto Brasileiro de Administração Municipal (IBAM), no Humaitá

O primeiro dia do Apalpe aconteceu uma semana após o teste no Circo Crescer e Viver. Era o começo de uma experimentação dividida no primeiro ciclo em 10 encontros, sempre aos sábados, das 10h às 17h, na sede do Instituto Brasileiro de Administração Municipal (IBAM).

Eu morava em Nilópolis, na Baixada Fluminense, e para chegar ao Humaitá, na Zona Sul do Rio, distante 38 km, num sábado, às 10h, quando o transporte dessa cidade é ainda mais caótico, precisava acordar às 7h, e saía de casa às 8h. Tomava um trem, um metrô e um metrô na superfície. Às vezes fazia diferente. Pegava um ônibus até a Pavuna, depois o metrô até o Estácio, onde realizava uma baldeação para a Linha 1, e embarcava em outra composição até Botafogo. Ali aderiu ao tal metrô na superfície. Na real, nunca entendi porque o MetrôRio chama aquele ônibus de metrô na superfície. Pra mim, metrô na superfície é a Linha 2, que não é aterrada, e que meu pai até hoje insiste em chamar de Pré-metrô, que era a denominação utilizada pela Companhia do Metropolitano do Estado do Rio de Janeiro - Metrô / RJ no início dos anos 1980.

Cheguei ao Instituto Brasileiro de Administração Municipal (IBAM) com toda a timidez do mundo. Não conhecia absolutamente ninguém. Dos 44 selecionados, 35 compareceram. Nos encaminharam até uma sala grande. O lugar era todo acarpinado

em vermelho sangue, com uns detalhes em madeira. Até o teto era revestido de tapete vermelho. A ficha técnica foi apresentada, assim como a proposta do projeto, que tinha a concepção e coordenação da Heloísa Buarque de Hollanda⁴ com o Marcus Vinícius Faustini. Não ficava muito nítido o que ia rolar. Só sabia que não era necessariamente uma residência literária, e tampouco de artes performativas, mas também era meio isso.



Figura 2 - Primeiro encontro do Apalpe no IBAM. Fonte: Blog do Apalpe

O projeto tinha o patrocínio da Petrobras, e àquela altura a estatal era a maior empresa financiadora das artes no país. Somente naquele ano havia destinado R\$61,2 milhões pelo seu Programa Petrobras Cultural (PPC). A gerente de patrocínios da petrolífera à época era Eliane Costa, que chegou a dar a seguinte declaração ao blog do Apalpe: “Tenho a expectativa de que ele seja um processo e não apenas um produto. Espero que tenhamos mais resultados dessas intersecções. Desejo que essas conexões entre os diferentes espaços da cidade se tornem possíveis. Penso

⁴ Heloisa Buarque de Hollanda nasceu em Ribeirão Preto (SP), em 1939. É escritora e professora de teoria crítica da cultura na Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde coordena o Programa Avançado de Cultura Contemporânea, o projeto Universidade das Quebradas e o Fórum Mulher e Universidade. É autora e organizadora de diversos títulos, entre eles 26 Poetas Hoje (1975), Tendências e impasses (1994), Explosão feminista (2018) e 29 Poetas Hoje (2021).

que a iniciativa vai gerar narrativas muito interessantes e também intervenções com histórias individuais e coletivas”⁵.

Essa fala da Eliane Costa se relaciona diretamente com a noção de "multiterritorialidade" (HAESBAERT, 1997, 2001a, 2002a, 2004a).

(...) a existência do que estamos denominando multiterritorialidade, pelo menos no sentido de experimentar vários territórios ao mesmo tempo e de, a partir daí, formular uma territorialização efetivamente múltipla, não é exatamente uma novidade, pelo simples fato de que, se o processo de territorialização parte do nível individual ou de pequenos grupos, toda relação social implica uma interação territorial, um entrecruzamento de diferentes territórios. Em certo sentido, teríamos vivido sempre uma “multiterritorialidade” (HAESBAERT, 2004:344)

Lembro que nesse dia estava admirado com a diversidade de pessoas, e com os múltiplos territórios, que iam da Baixada ao Leste, passando pelo Centro, Sul, Norte e Oeste da capital. Na hora do almoço sentei à mesa com a Cristina Hare, que morava em Ipanema, mas era oriunda de Engenheiro Leal, e tocava um projeto chamado TV Hare. Tinha também o Felipe Araujo, morador de Bangu, estudante de filosofia do IFCS e poeta de rua, além do Luiz Fernando Pinto, residente em Senador Camará, ator e professor de teatro voluntário no Centro Cultural A História Que Eu Conto (CCHC). Hare apontou que Engenheiro Leal é um pequeno bairro entre Cascadura, Madureira e Cavalcanti. Felipe destacou que vendia fanzines de poesia na porta de espaços culturais, como o CCBB, Cine Odeon e Biblioteca Nacional. Luiz nos relatou que o CCHC ficava localizado em Vila Aliança, uma favela entre Bangu e Senador Camará, e que fora construída a partir do processo de remoções do governo de Carlos Lacerda, no início dos anos 1960. É bastante comum o estado criar essas possibilidades de controle social, objetivando "influenciar ou controlar pessoas, fenômenos e relacionamentos" (SACK, 1986:6).

Nos encontros seguintes do Apalpe, a sinergia entre os participantes já estava maior, e com frequência, ao término do dia, íamos desanuviar num boteco perto do Espaço Cultural Municipal Sérgio Porto, ou na Lapa, ou no teatro. Uma dessas saídas foi para assistir a temporada *Dionisíacas em Viagem*, onde a companhia paulistana Teat(r)o Oficina Uzyna Uzona montou um teatro/instalação chamado de Teatro de

⁵ Para ler o texto "Apalpe — a integração da cidade pela arte" acesse: <https://apalpe.wordpress.com/2010/07/13/apalpe-%e2%80%94-a-integracao-da-cidade-pela-arte>. Acessado em 1/10/2020.

Estádio, com capacidade para 2 mil pessoas no Terreirão do Samba, na mesma Praça Onze do início da nossa conversa. Ali apresentaram, com patrocínio do Ministério da Cultura e da Petrobras, os espetáculos *Taniko*, *Estrela Brazyleira a Vagar – Cacilda!!*, *Bacantes* e *O Banquete*, com sessões sempre lotadas. Parece outro Brasil, e talvez seja mesmo. Eu me recordo também do Luiz compartilhando com o Felipe e comigo, que havia escrito em parceria com uma amiga um texto de teatro inspirado num conto do Luís da Câmara Cascudo, e queria que nós déssemos uma olhada, e estendeu o convite para que fossemos conhecer o Centro Cultural A História Que Eu Conto.

ATO I, CENA III

Antiga Escola Municipal Austregésilo de Athayde

Eu não tinha o hábito de ir à Zona Oeste do Rio, que apesar de estar geograficamente ao lado Baixada Fluminense, não é bem integrada pelos modais de transporte, assim como também não são bem integrados os municípios da própria Baixada, sobretudo quando se fala de deslocamento à noite, via transporte público. Naquela época, era mais comum eu pegar o antigo ônibus 003 (Nilópolis x Passeio), que tinha como descrição de ponto final o Passeio Público, mas que na verdade parava na Glória. O rolé com os amigos no Centro ou na Zona Sul era a certeza de que mesmo distante mais de 30 km de casa, mesmo de madrugada, tendo que fazer baldeação, eu conseguiria retornar de ônibus ou de van por um valor à época acessível. Às vezes, quando estava com um pouco mais de grana e encontrava outras pessoas que também voltariam para Nilópolis ou Anchieta, conseguia rchar um táxi. Nesse período ainda não existiam os carros de aplicativo, e a bandeira dois é sempre salgada.

Num dia de sol escaldante, em 2010, por volta de meio-dia e pouco, embarquei em Nilópolis num antigo vagão da SuperVia sem ar condicionado, em direção a Deodoro, distante três estações da minha, e ali fiz a conexão para o Ramal Santa Cruz, rumo a Senador Camará, onde o Luiz e o Felipe me aguardavam. Era a primeira vez que eu estava naquele bairro, e o trajeto a pé, de uns 10 minutos entre a estação ferroviária e o Centro Cultural A História Que Eu Conto (CCHC) com o sol a pino, acabava fazendo o deslocamento parecer mais longo. No caminho eles foram me contando histórias do bairro de Senador Camará e da Vila Aliança, que tem algumas

ruas com nomes de profissões, como a rua do Farmacêutico, do Corretor, do Seringueiro, do Paraquedista, da Telefonista, do Magistrado, do Cientista e da Desenhista. Falaram sobre as remoções do Lacerda, os poderes paralelos, e a constituição do local como o primeiro conjunto habitacional da América Latina. Ao chegar no CCHC, uma construção de madeira dividida em três módulos, com um terreno que servia como um pátio, soube que ali havia funcionado anteriormente a Escola Municipal Austregésilo de Athayde, desativada após uma sequência de operações policiais. Já como Centro Cultural, eram realizadas no espaço diversas atividades, entre elas oficinas de teatro, moda, grafite e audiovisual.

Mesmo tendo sido criado em Nilópolis, uma região popular da metrópole fluminense, muitos contextos eram distintos daquela área da Zona Oeste do Rio. A começar pela ideia da galera tratar a Vila Aliança como favela, o que pra mim, um corpo externo naquele território, não fazia o menor sentido, afinal, aparentemente era um bairro típico do subúrbio, como o lugar onde cresci. Plano, com casas em alvenaria, um comércio tradicional e algumas ruas arborizadas. Com o tempo, fui entendendo que um dos principais serviços públicos presentes ali era a Polícia Militar, que constantemente fazia operações com a justificativa de combate ao tráfico. Os correios não chegavam, a coleta da Companhia Municipal de Limpeza Urbana (COMLURB) se fazia irregular, e talvez a única área dedicada às práticas culturais era o CCHC. Tinha também o fator memória, já que a maioria dos moradores antigos haviam sido removidos das favelas da Zona Sul, em específico o Pasmado, em Botafogo, e a Praia do Pinto, no Leblon.

E pra colaborar nessa reflexão, chamo pra roda o Pierre Bourdieu, que vai falar da relação entre espaço físico e espaço social, algo bem semelhante como o caso dos moradores de Senador Camará.

O espaço ou, mais precisamente, os lugares e os locais do espaço social reificado, e os benefícios que eles proporcionam são resultados de lutas dentro dos diferentes campos). Os ganhos do espaço podem tomar a forma de ganhos de localização, eles mesmos susceptíveis de ser analisados em duas classes: as rendas (ditas de situação) que são associadas ao fato de estarem situadas perto de agentes e de bens raros e cobiçados (como os equipamentos educacionais, culturais ou de saúde). (BOURDIEU, 2008:163)

Uma das similaridades entre os conjuntos habitacionais construídos pelo governo Lacerda nos anos 1960, entre eles a Vila Aliança e Vila Kennedy, localizadas em Bangu, e a Cidade de Deus, em Jacarepaguá, era justamente a distância de

equipamentos culturais institucionalizados, ausência de serviços e transportes públicos.

(...) os ganhos de posição ou de classe (como os que são assegurados por um endereço prestigioso), caso particular dos ganhos simbólicos de distinção que estão ligados à posse monopolística de uma propriedade distintiva (As distâncias físicas podem ser medidas segundo uma métrica espacial, ou melhor, temporal, na medida em que os deslocamentos tomam um tempo mais ou menos longo segundo as possibilidades de acesso aos meios de transporte, públicos ou privados, o poder que o capital, sob suas diferentes formas, dá sobre o espaço é, também, ao mesmo tempo, um poder sobre o tempo). (BOURDIEU, 2008:163)

O tempo de deslocamento dos moradores das áreas suburbanas em relação ao Centro da capital, instigou inclusive a criação de expressões como "na cidade" ou "Centro da cidade". Lembro que quando criança, era comum escutar os adultos dizerem: "Segunda-feira vou lá na cidade resolver isso"; "Tal coisa você só vai encontrar na cidade"; ou "Vamos dar um passeio na cidade?" Particularmente continuo usando o "na cidade", mesmo vivendo na Glória, que é um bairro limítrofe com o Centro. Dia desses, inclusive, vi que a loja Estrela, criada em 1921, na Saara, identifica seu estabelecimento da Rua Buenos Aires como pertencente a "cidade", como se o restante do município fosse "tudo mato", como diz a expressão comumente utilizada na internet.



Figura 3 - Saco plástico da loja Estrela, com a identificação cidade, para designar o bairro Centro. Fonte: Arquivo pessoal

ATO I, CENA IV

O embrião de um grupo na Zona Oeste do Rio de Janeiro

Jogos de Teatro do Oprimido, leitura de textos de Nelson Rodrigues, de fanzines de poetas contemporâneos, discussão sobre a brasilidade pesquisada por Câmara Cascudo, exercícios de improvisação sobre o cotidiano e histórias sobre a Fábrica de Tecidos Bangu, o Bangu Atlético Clube, o jogo de bicho e os territórios de Bangu, Senador Camará e Vila Aliança. Essa era a tônica dos encontros que começamos a realizar três vezes por semana na sala de teatro do Centro Cultural A História Que Eu Conto. Dessa forma, estávamos friccionando na prática as noções de

cartografia, corpografia e coreografia, como descrevem os autores Ana Lucia Enne e Marildo Nercolini.

Uma cartografia já é um tipo de atualização do projeto urbano, ou seja, uma cartografia urbana descreve um mapa da cidade construída e assim muitas vezes já apropriada e modificada por seus usuários. Uma coreografia pode ser vista como um projeto de movimentação corporal, ou seja, um projeto para o corpo. (...) Cada corpo pode acumular diferentes corpografias, resultados das mais diferentes experiências urbanas vividas por cada um. (NERCOLINI, M. e ENNE, Ana Lucia, 2016: 3 e 4)

E eram essas experiências que nos interessavam para os experimentos dos jogos cênicos. Eu tinha 23 anos, e nessa época não estava vinculado a nenhum grupo de teatro. Trabalhava como assessor de imprensa duas vezes por semana em uma organização do terceiro setor, e nutria muitos sonhos de poder colocar em cena o que desejava, e não o que estava habituado a fazer em outros coletivos, que era sugerido ou concebido por um diretor.

Exponho então a galera presente nesta primeira etapa. Cintia Guimarães era atriz, estudante de física e professora de teatro voluntária no Centro Cultural A História Que Eu Conto, ao lado do Luiz Fernando Pinto, também ator. Fabio Alcoforado era psicólogo e voluntário no espaço. Maria Emilia Alcoforado era atriz e estudante do ensino médio, bem como, Rubem Freitas e Douglas Soares. Desirée Mattos estudava filosofia, tal qual Felipe Araujo, que ainda era poeta. Completava o time esse que aqui escreve. Durante uns meses do segundo semestre de 2010 nos conhecemos, experimentamos autores, voltamos algumas vezes naquela dramaturgia inspirada no Cascudo que o Luiz havia escrito com a Eridiana Rosa, participamos de uma performance do ator Marcondes Mesqueu em um evento no Centro de Convenções SulAmérica, na Cidade Nova, e realizamos uma intervenção no Sarau Chá com Letras, no Bar Salsa e Cebolinha, na Rua Gomes Freire, na Lapa.

No fim deste ano, foi lançado o edital “Mais Cultura de Apoio a Microprojetos para Territórios de Paz”, do Ministério da Cultura em parceria com o Ministério da Justiça. Apesar da pouca experiência de alguns, e, no meu caso, com nenhuma experiência na escrita de projetos, resolvemos submeter uma proposta de montagem do espetáculo *Urucuia Grande Sertão*, aquele texto da Eridiana com o Luiz, que a essa altura havia ganho uma denominação inspirada em um nome que a Desirée e eu encontramos num rótulo de mel naquele evento do Centro de Convenções

SulAmérica. O mel era fabricado na região noroeste de Minas Gerais, a mesma em que Guimarães Rosa se inspirou para escrever o clássico *Grande Sertão: Veredas*. Depois descobrimos que Urucuia é como se chama um rio que banha o estado de Minas Gerais, e um dos principais afluentes da margem esquerda do Rio São Francisco.

Pausamos para as festas de fim de ano, e no começo de 2011 recebemos a notícia de que tínhamos sido contemplados no edital, e a ideia seria de voltarmos a nos encontrar quando a grana estivesse na conta, o que não foi tão simples. O dinheiro demorou cerca de seis meses para ser depositado. Tempo suficiente para a vida de todos nós já ter dado uma girada. Eu estava trabalhando num escritório de assessoria de imprensa na Barra da Tijuca, num regime de 40 horas semanais, além de à noite ensaiar um texto de Aristófanes com uma galera do Curso de Direção Teatral da Escola de Comunicação da UFRJ, na Urca. Luiz, Cintia e Fabio já não eram mais voluntários do CCHC, e os demais também estavam envolvidos em outros processos.

Quando o Luiz me ligou para contar que o recurso havia caído, salientou que precisávamos encontrar uma forma de devolvê-lo ao governo, já que a galera não estava podendo trabalhar no projeto, e ele não atuava mais no espaço que abrigaria os ensaios. Marcamos então uma reunião no Bob's do Largo da Carioca para decidirmos o que fazer. Cada um pediu um trio big bob, e entre uma mordida na batata murcha, porque a batata do Bob's nunca tem aquela crocância dos concorrentes, e uma golada de Coca-Cola, pensávamos em estratégias. Foi então que surgiu a ideia de chamarmos outras pessoas, o que era super possível para o edital, mas repetindo a fórmula daquele primeiro núcleo, que era da interdisciplinaridade e da diversidade de territórios. E o lugar pra ensaiar? Isso é sempre uma questão. Nessa ocasião, Luiz tinha acabado de ingressar numa faculdade de teatro em Ipanema, e trabalhava em um projeto que realizava ações em escolas municipais da Zona Oeste. Com isso, conseguimos a autorização para ensaiar durante a semana no Centro Integrado de Educação Pública - CIEP Maestrina Chiquinha Gonzaga e no Centro Integrado de Educação Pública - CIEP Olof Palme, ambos em Bangu.

Saímos da Carioca com a missão de arrumar sete atores para compor o elenco e uma pessoa para trabalhar na produção. Falei com a Michele Lima Pereira, o Antonio Salvador e o Pierre Montet, e o Luiz chamou o Marcos Gessinger, o Moisés Salazar, o Rogerio Lisil e a Thaianne Leal, além do Leonardo Antunes, o produtor

executivo. Eu não poderia atuar por falta de tempo, e combinamos um esquema de direção coletiva. Me comprometi em colaborar com os ensaios nos finais de semana, mas nos demos conta de que não havia um espaço para trabalharmos aos sábados e domingos. Com os ensaios já iniciados, a galera sacou que poderíamos ocupar um espaço público, e as quadras dos CIEPs surgiram como uma opção. Mas como fazer isso se as escolas não abrem aos finais de semana? Iniciávamos ali as tais dinâmicas de disputa, abordadas por Milton Santos na noção de território.

O território tem que ser entendido como o território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida. (SANTOS, 1999:8)

Descobrimos que o Olof Palme tinha o portão arrombado, e ficava constantemente aberto, então seria fácil entrar. Já no Chiquinha Gonzaga, a estratégia foi levar uma escada e pular o muro. Em ambos os casos, fazíamos valer as tais táticas (CERTEAU, 1998). Era a forma de aplicarmos o exercício da vida. E assim fizemos durante meses, até a estreia.

(...) ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. A tática não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto (...) tática é movimento. (...) ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as “ocasiões” e delas depende. Este não-lugar lhe permite sem dúvida mobilidade. (CERTEAU, 1999:100)

Era sempre um ritual, o lance por lance. Entrávamos, verificávamos se estava tudo ok no espaço, e vez ou outra nos deparávamos com pessoas entorpecidas no chão da quadra — que nunca interagiram conosco —, ou sujeitos que apareciam de moto no espaço sem nenhum motivo aparente. Varríamos o lixo, que incluía embalagens de crack com um layout pensado na territorialização do tráfico, pois a mesma estampava a foto do jogador Ronaldinho Gaúcho e a bandeira da Coréia, uma alusão ao crack da Coréia, segundo o rótulo, comercializado ali pertinho, na Favela da Coréia. Organizávamos os poucos objetos de cena, espantávamos os cavalos que sempre surgiam no local, e torcíamos para que nada desse errado, afinal, tinha tudo pra dar caô. Com o tempo, um menino chamado Alexandre, vizinho do Olof, que na época tinha uns sete anos, pulava o muro para nos assistir. No início ele não falava muito, e depois confessou que nunca tinha visto teatro, e que estava adorando.

Passou a ajudar nos jogos, e até fez uma oficina de palhaçaria com a gente. Foi o nosso primeiro experimento de ruptura entre atores e espectadores, que nesse caso era apenas um espectador.



Figura 4 - Pós-oficina de palhaçaria no CIEP Olof Palme. Na imagem, Luiz Fernando Pinto, Antonio Salvador, Alex Teixeira, Daniel Miranda, Michele Lima Pereira, Pedro Serejo e Moisés Salazar. Fonte: Arquivo Michele Lima Pereira

Como cada um do elenco e os colaboradores vinham de lugares distintos, o que incluía Baixada Fluminense, Zona Sul, Zona Norte e Zona Oeste, os atravessamentos da cidade e dos longos deslocamentos estavam sempre presentes nos nossos encontros, fossem nos exercícios, ou nas conversas. Nessa época também surgiu o nome Cia Teatral Peneira, de maneira muito espontânea, inventado pelo Luiz em um papo de bar, ao avistar uma peneira de obra pendurada numa parede do estabelecimento, e com o argumento de que somos “peneirados na vida”. Curtimos, e assim batizamos o grupo. A estreia do *Urucuia* aconteceu no dia 11 de novembro de 2011, na Escola Municipal Engenheiro Pires do Rio, em Senador Camará, e na sequência seguimos para o Centro Integrado de Educação Pública - CIEP Chiquinha Gonzaga, espaço em que ensaiávamos com e sem autorização, e também onde o menino Alexandre estudava, e pôde assistir a peça dos seus novos

amigos com a galera da escola. A temporada do edital deveria ser executada obrigatoriamente nos locais denominados territórios de paz, e por isso passamos pela Lona Cultural Hermeto Pascoal (Bangu), Teatro Mário Lago (Vila Kennedy) e Largo do Chuveirinho (Jardim Batan), todos espaços públicos na Zona Oeste da cidade.



Figura 5 - Estreia do Urucuia Grande Sertão na Escola Municipal Engenheiro Pires do Rio.

Fonte: Blog do Bairro Educador



Figura 6 - Apresentação do Urucuia Grande Sertão no Sarau Cultural do Batan,

no Largo do Chuveirinho. Fonte: Blog do Bairro Educador

Quando terminamos essas apresentações, sabíamos que o trabalho ainda tinha fôlego pra continuar, mas precisava de uma lapidada. Luiz então escreveu para a Marcia Do Valle, uma atriz e diretora bem mais experiente que a gente, e que também havia participado do Apalpe. Meses antes ela tinha se oferecido por e-mail para trabalhar algum texto do Martins Pena com os alunos da oficina de teatro do Centro Cultural A História Que Eu Conto. Nessa nova troca de mensagens foi marcada uma reunião, e Luiz deixou de informar à Marcia que a proposta não seria para trabalhar Martins Pena, e nem para ser voluntária do CCHC.

ATO I, CENA V

ZS

Baixo Botafogo, um pé sujo às 18h. Luiz e eu aguardávamos a Marcia do Valle para uma conversa-proposta. Estávamos na primavera, no início de dezembro de 2011, e assim que a Marcia chegou, sugeriu que mudássemos de bar. Nos transferimos para uma birosca ao lado, tão suja quanto a outra, e logo que nos sentamos, dois bebuns daqueles típicos começaram uma discussão. Pra gente estava tudo tranquilo, mas a Marcia se encontrava visivelmente incomodada, e, para não abalar o encontro, sugerimos migrar o papo para o café do cinema Estação Net Rio. Um clima muito mais ameno se instaurou. Ar condicionado, torta de banana com aveia e chocolate quente. Lá fora caía uma chuva. Iniciamos a conversa com um retrospecto dos e-mails trocados e fomos logo apresentando a ideia da Cia Teatral Peneira e do espetáculo *Urucuia Grande Sertão*, inspirado num conto do folclorista Luís da Câmara Cascudo, e em seguida declaramos: estávamos em busca de uma diretora pra peça, mas não tínhamos grana para pagar pelos serviços. Marcia pensou, contou sobre sua trajetória de mais de duas décadas no teatro, o Prêmio Coca-Cola de Teatro recebido nos anos 1990 com uma peça de cultura popular encenada nos jardins do Palácio do Catete, em parceria com o ator Claudio Mendes, falou das semelhanças com o nosso projeto, e aceitou, mas não sem antes colocar algumas condições. Ela viajaria por uns meses com a companhia Amok Teatro, e depois do carnaval de 2012 deveríamos apresentar o *Urucuia* da forma como havia sido encenado pela última vez. Ressaltou que como não seria remunerada naquele momento, não teria como atravessar a

cidade para trabalhar, e, dessa forma, tínhamos que encontrar um lugar de ensaio fechado na região do Centro. Por fim, concluiu que precisaríamos de uma equipe para completar a ficha técnica. Terminamos esse encontro animados, mas com uma lista enorme de demandas e com o caixa zerado. A relação incluía encontrar uma nova produtora, diretor musical, figurinista, cenógrafa e iluminador, além de um novo local de ensaio, o que já vinha sendo cogitado pela gente, uma vez que a situação da segurança pública não ia nada bem na Zona Oeste naquele período pré-Copa do Mundo. E como trabalharíamos à noite, ainda tinha o fator mobilidade urbana e o direito à cidade, citado por Henri Lefebvre: "...o direito à cidade se manifesta como forma superior dos direitos: direito à liberdade, à individualização na socialização, ao habitat e ao habitar. O direito à obra (à atividade participante) e o direito à apropriação (bem distinto do direito à propriedade) estão implicados no direito à cidade" (LEFEBVRE, 2001:134).

Os meses que se seguiram foram de muita labuta. Na virada do ano de 2011 para 2012, mais mudanças. Antonio Salvador e Marcos Gessinger saíram do Rio e não poderiam continuar no grupo. Posteriormente, o Pierre Montet também se desligou. Entrou então o Pedro Yudi no lugar do Antonio, e eu assumi o personagem que era do Marcos. Como a maioria de nós trabalhava em outras atividades durante o dia, sobrava o horário da noite para os ensaios, que aconteciam de segunda a sexta-feira, das 19h à meia noite, e aos sábados e domingos o dia inteiro. O local escolhido foi o Parque das Crianças, no Aterro do Flamengo, que nos trazia uma certa sensação de segurança e facilidade de acesso, mas ainda assim, rolava aquele ritual que iniciamos no CIEP. Entrávamos na praça, verificávamos se estava tudo ok no espaço, varriamos o lixo, retirávamos as fezes dos gatos, organizávamos os objetos de cena, espantávamos os gatos que subiam no cenário, e só então seguíamos o baile.



Figura 7 - Ensaio do grupo no Parque das Crianças. Fonte: Acervo Peneira

Eu vinha do trabalho na Barra; Luiz, da faculdade em Ipanema; Thaianne, Pedro e Moisés moravam respectivamente, na Glória, Leblon e Botafogo. Michele partia de casa, em São João de Meriti, e Rogério também, mas ele residia em Bangu.

Nesse período fizemos um *rebranding*⁶ e passamos a chamar a Cia Teatral Peneira de Coletivo Peneira, por considerarmos na época a ideia de coletivo mais abrangente, mais horizontal, e aberta às confluências de linguagens, que era a forma como nos referíamos a ideia de hibridização de linguagens artísticas.

⁶ "O rebranding pode ser definido como uma tentativa de reposicionamento efetuada por uma marca, que terá de incluir alterações, drásticas ou ligeiras, na sua identidade visual". Para ler na íntegra acesse: https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/1731/1/Rebranding_fundamentos%20e%20possibilidades%20para%20a%20evolu%3%a7%3%a3o%20de%20marcas%20na%20ind%3%bastria%20da%20moda.pdf. Acessado em 23/12/2020.

De acordo com Canclini, como anteriormente visto, o conceito de hibridização se define como "processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas" (CANCLINI, 2001:22). Ainda sobre esse assunto, trago à baila algumas proposições do professor Marildo Nercolini, que resgata e dialoga com o antropólogo argentino.

As mesclas culturais acontecem desde que se iniciaram os contatos entre sociedades diferentes e, portanto, são tão antigas quanto as primeiras civilizações humanas. Porém nas últimas décadas vivemos um processo de intensificação dessas mesclas sem precedentes na história da humanidade, gerado pela crescente complexidade social e conseqüente formação de culturas distintas que passam a interagir não somente nas relações entre nações, mas dentro de cada nação, como destaca García Canclini (2002) (...) A hibridação, nos últimos anos, é uma das metáforas utilizadas para descrever e entender as mesclas transnacionais, ocupando um importante espaço nos estudos culturais, literários e artísticos. Ela é usada para nomear e analisar "a vastíssima variedade de entrecruzamentos de repertórios culturais nas sociedades contemporâneas" (NERCOLINI, 2005:274-275)

Esse entrecruzamento de repertórios, para nós, estava conectado tanto às múltiplas possibilidades do campo das artes, como à diversidade de pessoas. Taty Maria, que vivia em Olaria, entrou na função de produtora, Karine Drumond, da Tijuca, como cenógrafa, Raoni Costa, da Favela Tavares Bastos, como diretor musical, e Camila Loren, de Santa Cruz, já assinava o figurino desde a primeira montagem do *Urucuia*. Com a ideia de tecer redes pela cidade, estabelecemos parcerias com alguns espaços de ensaio, como o Centro de Artes Calouste Gulbenkian (Centro), a Escola Técnica Estadual de Teatro Martins Penna (Centro), a Casa da Glória (Glória), a sede da Companhia Dos à Deux (Glória) e a Casa da Gávea (Gávea). A base para guardar o cenário passou a ser um casarão de 1846 em ruínas, na Rua Santa Cristina, número 8, no bairro da Glória. O imóvel, uma propriedade do produtor Sérgio Saboya, pai do Pedro, também abrigava as nossas reuniões, e vez ou outra os ensaios.



Figura 8 - Um dos ensaios no casarão da Rua Santa Cristina. Fonte: Acervo Peneira

Com a direção da Marcia, o *Urucuia Grande Sertão* ganhou uma nova roupagem, e estreamos no Festival de Teatro do Rio, onde emplacamos os prêmios de melhor direção, melhor ator, melhor atriz coadjuvante, melhor iluminação e melhor espetáculo. Ao longo de sete anos rodamos diversas cidades do Rio de Janeiro e do Brasil, experimentamos formatos para a caixa cênica e pra rua, e fomos contemplados em uma série de editais públicos.



Figura 9 - Urucua Grande Sertão no Festival de Teatro do Rio. Fonte: Acervo Peneira/Guillermo Ribas



Figura 10 - Thiane Leal e Luiz Fernando Pinto na noite de premiação do Festival de Teatro do Rio. Fonte: Acervo Peneira



Figura 11 - Urucuiá Grande Sertão em sua primeira temporada, no Teatro Princesa Isabel, dividindo pauta com a peça Uma história oficial, de Rodrigo Portella, que havia vencido o mesmo festival na categoria teatro adulto. Fonte: Thiane Leal

ATO I, CENA VI

Lapa não é bairro, é faculdade

*Lapa
Está voltando a ser
A Lapa
A Lapa
Confirmando a tradição
A Lapa é o ponto maior do mapa
Do Distrito Federal
Salve a Lapa⁷*

⁷ Música de Benedito Lacerda e Herivelto Martins. In: LUSTOSA, 2001:88

A frase que dá título a Cena VI foi absorvida do instagram do músico Shackal⁸, relíquia do rap underground carioca e professor na referida “faculdade”, desde o início dos anos 1990. Matriculei-me neste “centro de ensino” em 2005, justamente no ano em que ingressei no ensino superior strictu sensu, aos 18 anos. A partir daí, passei a bater ponto na Lapa quase todos os finais de semana. Eram noites infinitas sob a lona do Circo Voador, na arquibancada da Fundação Progresso, na pista do extinto Teatro Odisséia, ou tomando canecas de vinho ruim e barato no Arco-Íris da Mem de Sá, no Gerson, ou no Victor, todos bares situados no perímetro entre os Arcos da Lapa e a Rua do Lavradio. Dos Arcos pra cá, que é a forma como os moradores e frequentadores mais antigos da Lapa se referem ao trecho entre a Rua da Lapa e a Praça Cardeal Câmara, o que bombava mesmo era a Joaquim Silva. Quando descobri essa rua, foi como se um portal tivesse sido aberto diante dos meus olhos. Era uma diversidade enorme de ritmos, pessoas, estilos, cheiros, sotaques e idiomas.

Em geral eu desembarcava do 003 (Nilópolis x Passeio), por volta das 22h, e seguia do Passeio Público em direção ao Corredor Cultural - Lapa/Cinelândia⁹, na Avenida Mem de Sá. Ali dava uma paradinha para ouvir um som na Federação de Blocos Afros e Afoxés do Rio de Janeiro (Febarj), ou no Instituto Palmares de Direitos Humanos (IPDH). Vez ou outra ainda conseguia assistir algo no Centro de Teatro do Oprimido (CTO), ou na sede do Grupo Tá Na Rua. Nesse horário, o Anfiteatro da Lapa, na Praça Cardeal Câmara, já estava bastante movimentado. Sempre encontrava ali os punks com seus garrafões de 4,5 litros de vinho e os poetas que bebiam suas cachaças de mel compradas no depósito do Instituto Médico Legal (IML). Dali dobrava na Rua Evaristo da Veiga, e o cenário começava a mudar. “Latão, latão, Coca, água, Guaravita, bebe”, anunciava o vendedor ambulante com o xixi de um cara que se aliviava nos Arcos da Lapa escorrendo embaixo de seus pés. Já chegando na Joaquim, a moça da caipirinha de cinco estava praticamente encoberta pela fumaça do churrasquinho, que podia ser servido com farofa ou sem. Quando apontava na

⁸ Shackal é um dos nomes da cena do rap underground carioca da década de 1990, sendo considerado “professor” por muitos rappers da cidade. Trabalhou com Marcelo D2, Nação Zumbi, Racionais, MV Bill, Gabriel Pensador, Planet Hemp, B Negão, Black Alien, Seu Jorge e Hypnotic Brass Ensemble.

⁹ Projeto da Prefeitura do Rio de preservação e revitalização de parte da região central compreendida entre a Lapa, Cinelândia, Carioca, SAARA, Largo de São Francisco e a Praça XV. O plano foi inspirado em modelos europeus de conservação da memória por intermédio da arquitetura.

esquina, o cenário lembrava uma feira livre de domingo, ou a Praça Jemaa el-Fna, de Marrakech (Figura 12), só que muito, muito mais animada e cheia.



Figura 12 - Praça Jemaa el-Fna. Fonte: Site Nomad Epicureans

Eram dezenas de barraczinhas ilegais ou não, vendedores de artesanato, de sopa de entulho e Joelho ou coxinha com refresco. Hippies, sambistas, hipsters, funkeiros, roqueiros e forrozeiros vivenciando a arte da convivência, como argumenta o geógrafo Paulo César da Costa Gomes.

(...) os atributos de um espaço público são aqueles que têm relação com a vida pública (...) E, para que esse 'lugar' opere uma atividade pública, é necessário que se estabeleça, em primeiro lugar, uma copresença de indivíduos. (GOMES, 2002:160)

E essa "copresença" era um dos elementos primordiais desse reduto, que funcionava como uma praça, ou "um centro social integrado ao tecido urbano" (ALEX, 2008:23). Do lado esquerdo tinha uma sinuca, quase colada no Bar Semente, pico do samba e choro ao vivo, e do lado direito uma portinha minúscula que dava acesso a um buraco que tocava reggae e vivia lotado. Por falar em buraco lotado, exatamente embaixo dos Arcos havia uma caverninha onde aconteciam festas, e pra entrar pagava-se cinco reais. Na rua era rap de um lado, funk do outro e Raul Seixas e Led Zeppelin na meiuca. De repente um comerciante anunciava: "maconha é cinco, pó é

10". Alguém começava a cantar Los Hermanos, e parte da rua ia ao delírio, em coro, emendando um Raça Negra, seguido de *Farol das Estrelas*, do grupo Soweto. No bar da esquina da Travessa do Mosqueira a jukebox tocava o disco *Os 3 Malandros in Concert*, com Moreira da Silva, Bezerra da Silva e Dicró, e logo em frente, o dono de uma barraquinha de yakisoba dava o play no álbum novo da banda Calypso, que era um fenômeno, tal qual os Barões da Pisadinha nos tempos atuais. Híbridismos na veia. Uns turistas europeus dançavam forró com uma galera em situação de rua como se fossem amigos de uma vida inteira, e esse cenário se estendia até a esquina do Ximeninho, onde um artista clássico da Feira de São Cristóvão cantava repente, e uma mulher fazia um cover de *Me and Bobby McGee*, da Janis Joplin, bem em frente a adega da Rua Teotônio Regadas. Já na Escadaria Selarón, um bondão escutava Franz Ferdinand e Radiohead em uma caixinha acoplada a um MP3, em uma era pré-JBL; enquanto em uma rodinha um casal tocava Cazuzza desafinadamente, até porque, como dizia João Gilberto, no peito dos desafinados também bate um coração. Alguns compartilhavam um cigarro de maconha, e de repente a polícia chegou. Geral dixavou, o poeta Esperando Leitor¹⁰ me ofereceu um oráculo, os PMs deram uma dura no casal do violão, não encontraram nada, e prometeram que se vissem alguém fumando iam levar todo mundo pra 5ª DP, a delegacia de polícia da Rua Gomes Freire. Apesar da repressão por parte do estado, de alguma forma, aquele perímetro simbolizava uma zona onde as pessoas se sentiam à vontade para serem quem elas quisessem e para fazerem o que bem desejassem, como no texto de Moacyr Luz publicado no livro “Antologia da Lapa”, organizado por Gasparino Damata.

Na Lapa de hoje as meninas beijam pela primeira vez. Os meninos fumam de enevoar a rua e casais clandestinos inventam um plantão pra sapatear um samba que os isenta de culpa: Sem Compromisso. Um desavisado grita: Salve Chico Buarque! Mas o samba é de Geraldo Pereira. (LUZ, 2007:15)

Amanheceu, era sábado, o pintor e ceramista chileno Jorge Selaron¹¹ começava a varrer a escada. Estava na hora de pegar o ônibus pra voltar para casa após mais uma noite de “aula”.

¹⁰ Persona literária do artista e funcionário público Wanderlei Lemos, que perambulava pela Escadaria Selarón com um nariz de palhaço e distribuindo oráculos poéticos.

¹¹ O pintor e ceramista chileno Jorge Selarón foi o responsável pela transformação da escada da Rua Manoel Carneiro na Escadaria Selarón, um dos principais cartões postais da cidade do Rio. A obra possui 250 degraus e

Cenas como essas se repetiram incontáveis vezes, e com múltiplos atores e variáveis que ressoam até hoje em minha mente. Quando essas noites eram de sábado para domingo, geralmente ao raiar do dia, caminhava até a Feira da Glória para comer um pastel e tomar um caldo de cana.

Apesar de toda efervescência cultural e artística, essa região da Lapa não representava da mesma forma os ideais da tal reinvenção do bairro, tão pautada pelo poder público e pela mídia, como podemos ver na reportagem do Luiz Fernando Vianna para a Folha de São Paulo.

Uma área que não se encaixa no plano de marketing (...) fica num quadrilátero que, assim como o Brasil na definição de Tom Jobim, não é para principiantes: Travessa do Mosqueira (onde um homem foi morto a facadas em outubro num assalto) - entre o início da Mem de Sá, o final da Evaristo da Veiga e a Joaquim Silva. A área é uma farândula de atrações culturais (hip hop, blocos afro, dance etc.) que pode ser segura dentro dos estabelecimentos, mas não é tanto do lado de fora, onde se vendem várias experimentações alcoólicas - as drogas são, supostamente, combatidas por policiais estacionados em duas patrulhas. Convém, no jargão carioca, não ficar dando mole por ali, porque é o parque temático de assaltos da região (VIANNA, 2008¹²).

Entretanto, o processo de revitalização da Lapa foi iniciado justamente dos Arcos pra cá, na gestão de Cesar Maia, à época no PMDB, ainda no início dos anos 1990, o que incluiu a construção do Anfiteatro da Lapa, na Praça Cardeal Câmara, que atraía intervenções artísticas e movimentos políticos.

cerca de dois mil azulejos coloridos instalados pelo artista. Em 2013, Selarón foi encontrado morto, carbonizado, na própria escada que ajudou a transformar em ponto turístico.

¹² Para ler o texto "A reinvenção da Lapa", de Luiz Fernando Viana, acesse: www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0601200828.htm. Acessado em 1/03/2021.



Figura 13 - Reurbanização da Lapa no início dos anos 1990.

Fonte: Blog Roberto Anderson Magalhães



Figura 14 - Aniteatro dos Arcos da Lapa.

Fonte: Blog Roberto Anderson Magalhães

Essas obras transformaram o bairro, como aponta a matéria “Lapa o templo da boemia clean”, da jornalista Rosana Statuto, publicada na Revista Manchete em 19 de outubro de 1996.

O velho bairro boêmio ressurge com o charme dos tempos modernos. Do forró ao soul, uma mistura intensa e variada de sons e melodias embala um público ávido pelo que se convencionou chamar de boemia clean. Nem a malandragem do passado, nem a assepsia do presente, um novo estilo de curtir a noite. Nesta sintonia, as casas noturnas da área, ou melhor, deste Corredor Cultural, sobem pela legendária Rua Mem de Sá (Chopp da Lapa, Asa Branca, Cabaré Casa Nova, Espaço Tá na Rua, Terreirão e Arco da Velha), concentram-se nas festas black music e GLS do Circo Voador e da Fundação Progresso e prosseguem até o número 19, da Rua Riachuelo, onde a Sinuca Palácio dos Arcos resiste ao tempo. Não tem mais o célebre número de strip-tease. Mas a frequência continua a mesma (STATUTO, 1996:60-62).

Tal processo de revitalização vem seguido de um processo de gentrificação, como fica evidente quando a Manchete cita a “boemia clean” e a “assepsia do presente”, o que pode ser diretamente associado ao conceito de branqueamento da paisagem e do território:

(...) o racismo no Brasil é um grande camaleão se adaptando ao meio onde está e se transformando constantemente. O racismo traz heranças irreduzíveis da colonialidade e ao mesmo tempo se renova com as transformações na ideia de raça (QUIJANO, 2005; ALMEIDA, 2018). Assim entendemos que o racismo precisa ser compreendido na análise da produção social do espaço, pois institui: 1) a propriedade como um privilégio racial masculino e branco; 2) define uma política racial de lugares de memória (NORA, 1993); 3) o branqueamento da paisagem e do território (OLIVEIRA, 2014; SANTOS, 2018) como um dos símbolos da modernização do espaço; 4) cria e recria formas espaciais que reafirmam uma hierarquia do humano baseado na ideia de raça, visando reproduzir os falsos complexos apontados por Fanon (2008): o complexo de inferioridade, dependência e superioridade. (OLIVEIRA, 2019:3).

Processos racistas estão presentes em toda a nossa estrutura social, e muitos projetos urbanísticos refletem isso com total apoio do poder público e da mídia tradicional e hegemônica.

Buscando em meus arquivos de impressos adquiridos no “shopping chão”¹³ da Rua da Lapa e da Rua da Glória, encontrei uma outra Revista Manchete, edição

¹³ Espécie de feira sem barracas onde são comercializados objetos usados e que muitas vezes são considerados quinquilharias, cacarecos ou lixo.

especial de 1974, que versa em 200 páginas em cores sobre o progresso da cidade do Rio de Janeiro. A publicação é praticamente uma ode ao governo Chagas Freitas e aborda grandes obras do estado da Guanabara, como a construção do campus Maracanã da Universidade do Estado da Guanabara (UEG), atual UERJ, e a construção do metrô, sob o comando da Companhia do Metropolitano do Rio de Janeiro. Já quase no fim da revista surge um artigo do arquiteto Lúcio Costa, intitulado “A nova Lapa de guerra”, que mais uma vez trata das reformas e do novo ciclo do território.

O atual governo da Guanabara, através da Secretaria de Obras, está realizando um conjunto de obras na Lapa, com o objetivo de abrir amplos espaços para os pedestres e recuperar uma área que estava depreciada, em pleno centro da cidade. Onde foram desapropriados e demolidos mais de quarenta prédios estão surgindo quatro praças - a maior é a Praça dos Arcos - com uma área total de 40 mil metros quadrados. Ao mesmo tempo é preservada uma parte do Rio antigo (o governo está pintando e recuperando 27 prédios de fachadas coloniais), ampliando a visão majestosa dos Arcos. O passado materializado na arquitetura colonial, e o presente, na arquitetura moderna dos prédios do BNH, Petrobras, Catedral, Companhia Siderúrgica Nacional e outros, tem na nova Lapa um ponto de encontro (COSTA, 1974:186-187).

Esse ar de renovação/reinvenção me parece recorrente neste bairro, e me debruço nesse assunto no Ato II. Por hora, compartilho aqui um trecho da aula-espetáculo que o ator, teatrólogo e diretor Amir Haddad, do Grupo Tá na Rua, concedeu no dia 16 de março de 2022, na casa do Centro de Teatro do Oprimido (CTO), na Av. Mem de Sá, 31 - Lapa, na ocasião das comemorações pelo Dia Mundial do Teatro do Oprimido.

Aqui em frente existia um anfiteatro em semicírculo, com quatro degraus de arquibancadas em concreto, de maneira que fazíamos espetáculos ali. Era tudo muito bonito, e existiam elevações e árvores. Veio um prefeito que não lembro qual foi. Poderia ter sido o próprio Eduardo Paes, porque ele era capaz de fazer isso, e derrubou tudo. Desmanchou o anfiteatro. O anfiteatro era o lugar onde o Tá na Rua trabalhava, era um teatro natural, onde as coisas aconteciam. Derrubou as árvores que davam sombra, tirou os bancos, e transformou a praça nessa coisa árida e desértica como ela é agora. Na época, a gente perguntou porque eles estavam fazendo isso, e disseram que uma praça confortável é boa pra juntar vagabundo. Então quer dizer que se a praça fica bonita, vem um monte de vagabundo pra cá? Agora a gente tem uma praça feia, e cheia de vagabundos, porque não é uma praça feia que vai espantar os vagabundos. Não é a praça que faz o vagabundo. São as condições sociais, as injustiças, as necessidades de trabalho, e as

necessidades de qualificação profissional da juventude. Isso é que produz uma população marginal, e não uma praça bonita que produz marginalidade. (HADDAD, 2022)¹⁴ ()).

Vendo o Amir falar, do alto de seus 85 anos, fico com a impressão de que o Rio de Janeiro vive numa eterna espiral, onde a cidade é soterrada, as memórias são apagadas, a cultura é negligenciada, o racismo é evidente, e as populações vulneráveis são sempre as maiores afetadas.

Nas palavras do professor Silvio Almeida, o racismo é a manifestação normal de uma sociedade e não um fenômeno patológico ou que expressa alguma anormalidade. E é ele que fornece o sentido, a lógica, e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social brasileira contemporânea.

(...) o racismo – que se materializa como discriminação racial – é definido por seu caráter sistêmico. Não se trata, portanto, de apenas um ato discriminatório ou mesmo de um conjunto de atos, mas de um processo em que condições de subalternidade e de privilégio que se distribuem entre grupos raciais se reproduzem nos âmbitos da política, da economia e das relações cotidianas. O racismo articula-se com a segregação racial, ou seja, a divisão espacial de raças em localidades específicas – bairros, guetos, bantustões, periferias etc (...) (ALMEIDA, 2019:34).

Com o avançar dos anos, sem que eu percebesse, acredito que por volta de 2009, passei a ampliar meu perímetro de circulação pela Lapa. Antes me limitava às avenidas Mem de Sá e Riachuelo, e às ruas do Lavradio e Joaquim Silva. Agora, passara a frequentar a sinuca da Riachuelo, quase em frente a Rua Sílvio Romero, onde rolava o samba do Bar da Nalva. Vez ou outra ia ao Cachaça, mas não fazia distinção entre a Casa da Cachaça¹⁵ e o Bar da Cachaça¹⁶, localizados lado a lado na Mem de Sá. Já na época do Apalpe, em 2010, quando saía do Humaitá para a Lapa, dava sempre uma paradinha numa barraca em frente aos Arcos para tomar um feijão amigo que era servido com salsinha e torresmo. Era receita infalível para iniciar a *night* que oportunamente culminava no Bar da Cachaça.

¹⁴ Depoimento de Amir Haddad, concedido a Alex Teixeira, em 16 de março de 2022, no Rio de Janeiro, como parte do Projeto Teatro das Oprimidas.

¹⁵ Botequim tradicional criado em 1960, e que era frequentado por figuras como o cartunista Jaguar e Madame Satã, símbolo LGBT da noite da Lapa.

¹⁶ Botequim tradicional criado em 2004 pelo empresário cearense Sérgio Paiva, que transformou uma antiga birosca em um dos bares mais populares da Lapa.

Desde os primeiros encontros do Coletivo Peneira marcávamos reuniões nas mesas do Bar da Cachaça por considerarmos a Lapa um bairro de fácil acesso para quem vinha de diferentes regiões da metrópole. Com a mudança dos ensaios do *Urucuia Grande Sertão* para o Centro e a Zona Sul, os encontros no Cachaça passaram a ser mais regulares, e como não tínhamos uma sede, chamávamos o boteco de escritório. Lembro que ali tomamos algumas atitudes importantes, como apoio ao movimento Ocupa Rio, em 2011, ou quando em 2012, decidimos participar de uma discussão no gabinete do prefeito Eduardo Paes, então filiado ao PMDB, sobre a necessidade da sanção da Lei do Artista de Rua, instrumento que hoje permite apresentações artísticas sem autorização prévia do poder público, ou quando aderimos aos debates relacionados a importância da permanência da Aldeia Maracanã no imóvel do antigo Museu do Índio. Nessa época, as grandes reformas da cidade já estavam em curso, e a Lapa era alvo de intervenções por intermédio do programa Lapa Legal, que envolvia ações de diversas pastas e órgãos. Foi nessa esteira que a prefeitura resolveu colocar abaixo o Anfiteatro da Lapa, deixando no lugar uma área pavimentada árida, e com pouco planejamento paisagístico.

Voltando ao Cachaça, lá os garçons eram gente boa, a cerveja barata e gelada, e o chorinho¹⁷ do gengibre e da gabriela - a cachaça de cravo e canela - estavam sempre garantidos. Sem falar na fruição que rolava naquela pequena calçada da Avenida Mem de Sá, e que se estendia até a esquina da Rua Gomes Freire, que a essa altura já era consagrada como o lugar do esquentar para as festas, ou o reduto do pós.

Veio 2013, um ano confuso, mas de muito trabalho para o grupo. Fomos com o *Urucuia Grande Sertão* para o Festival de Curitiba, participamos incansavelmente das plenárias do Reage, Artista!, movimento surgido após o incêndio da Boate Kiss, em Santa Maria (RS), e a decretação de fechamento dos teatros do município do Rio. O Reage debatia entre outros assuntos a urgência de reformas estruturais nos equipamentos públicos de cultura da cidade. Criamos a performance *Mercadão de Madureira*, que foi responsável por abrir caminho a uma pesquisa voltada para questões relacionadas à memória e ao território.

¹⁷ Chorinho significa completar ou repetir a dose da bebida gratuitamente.

Os atravessamentos da cidade, a confluência de linguagens artísticas e a memória. Alguns desses pilares emergiram de maneira muito despreziosa com a performance *Mercadão de Madureira* (2013), criada num outono para o Festival de Teatro Universitário (Festu). Nascida no palco do extinto Teatro Tom Jobim, no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, ela pereceu ali mesmo, justamente por ter causado um estranhamento em parte da plateia e em alguns artistas que compunham o trabalho e que estavam em busca de um teatro pautado no naturalismo e nos dilemas humanos da contemporaneidade. A composição se iniciava com um processo de defumação do teatro, e o texto discorria acerca de um encontro entre o presidente Juscelino Kubitschek e um caboclo de umbanda, que segundo relatos de Fernando Collor de Melo, era D. Pedro I em outra encarnação. A história real, ocorrida em 1959 durante a reinauguração do *Mercadão*, foi levada à cena com uma dose de fabulação. Após aquela apresentação, o processo de negação e distanciamento de parte do grupo com a obra foi evidente. O *Mercadão*, repleto de memórias e atravessamentos da cidade, gerou descontentamento, virou tabu entre a gente, e mal sabíamos que ali existiam elementos do embrião de um método de trabalho (TEIXEIRA, 2020:13)

O *Mercadão* contou com a supervisão artística das diretoras Marcia do Valle e Miwa Yanagizawa, que nos instigaram a levar à cena questões que são muito próprias da nossa cultura, mas que no Brasil do início da década passada, inacreditavelmente, ainda eram tratadas com um certo tabu por alguns festivais de teatro. As minúcias da vida cotidiana estavam ali presentes e se intensificavam cada vez mais em nossas discussões enquanto grupo.

Participamos ativamente das manifestações de junho de 2013, e algo parecia se mover, afinal, o mundo estava em chamas desde 2010, e nós acompanhamos atentamente, como revela a matéria do *Jornal do Brasil*¹⁸.

Desde 2010, integrantes de um grupo de teatro sem sede marcavam suas reuniões nas mesas do Bar da Cachaça, tradicional ponto de encontro de artistas e produtores no bairro da Lapa, região central do Rio de Janeiro. Das conversas no escritório, como o pequeno botequim é conhecido, viram pipocar movimentos como a Primavera Árabe, o 15M, e o Occupy Wall Street, que só estimulavam suas inquietudes. (JORNAL DO BRASIL, 2015)

Corta! 2020, pandemia do coronavírus, um bispo na prefeitura, um juiz no governo do estado e um capitão no governo central. Quem poderia imaginar?

Afetados por tudo aquilo, após as Jornadas de Junho começamos a vislumbrar uma forma de ocupar a cidade de maneira permanente, numa intervenção que tivesse

¹⁸ Para ler a matéria do JB na íntegra acesse: <https://www.jb.com.br/cultura/noticias/2015/11/17/sarau-do-escritorio-comemora-dois-anos-com-festival-poetico-na-lapa.html>. Acessado em 20/03/2021.

como mote arte e cultura em espaço público, criando brechas, como sugerem Félix Guattari e Suely Rolnik, em *Micropolítica: cartografias do desejo*.

(...) para que esses processos se efetivem, eles devem criar seus próprios modos de referência, suas próprias cartografias, devem inventar sua práxis de modo a fazer brechas no sistema de subjetividade dominante. (GUATTARI; ROLNIK, 1996: 49-50)

Queríamos disputar outras formas de fazer política, discutir direito à cidade e as lógicas da cidade-espetáculo¹⁹ e da cidade-mercadoria²⁰, que era arrumada para receber grandes eventos, como a Rio+20, a vinda do Papa Francisco na Jornada Mundial da Juventude (JMJ), em 2013, a Copa das Confederações, em 2013, a Copa do Mundo FIFA 2014 e os Jogos Olímpicos Rio 2016. No artigo "Notas sobre espaço público e imagens da cidade", Paola Berenstein Jacques descreve de maneira primorosa essas conceituações e como se dão os processos de espetacularização urbana.

O processo de espetacularização urbana está cada vez mais explícito e sua crítica já se tornou recorrente no meio acadêmico, mesmo que muitas vezes com outros nomes: cidade-cenário, cidade-museu, cidade genérica, cidade-parque-temático, cidade-shopping, em resumo: cidade-espetáculo. Correntes urbanas aparentemente distintas como o planejamento estratégico, o new urbanism, o urbanismo extra large ou o urbanismo corporativo, chegam a um mesmo resultado: a mercantilização espetacular das cidades, o que pode ser visto como um pensamento hegemônico, único ou consensual. Diferentes processos urbanos, tais como: estetização, culturalização, patrimonialização, museificação, musealização, turistificação, gentrificação, privatização, disneylandização, shoppinização, cenograficalização etc, fazem parte, contudo, do mesmo processo de espetacularização das cidades contemporâneas que, por sua vez, é indissociável das estratégias de marketing ou mesmo do que se chama branding (construção de marcas), que buscam construir uma nova imagem para as cidades contemporâneas de modo a lhes garantir um lugar na geopolítica das redes globalizadas de cidades turísticas e culturais. Talvez um dos maiores exemplos disso seja ainda o chamado "modelo Barcelona" que, em sua versão para exportação, em particular para América Latina, oferece consultores especializados na criação de imagens-cenário se na construção de consensos-simulacros de participação. (JACQUES, 2009)

¹⁹ A cidade-espetáculo tem sua projeção midiática a partir de grandes eventos.

²⁰ A cidade-mercadoria faz valer dos eventos de grande porte como atributos de sua marca.

Por muitas vezes, neste período (2010 - 2016), ouvíamos do poder público que a cidade de Barcelona e as reformas urbanísticas de sua região portuária serviam de modelo para o que estava acontecendo no Rio.

No âmbito da cultura, já vínhamos frequentando alguns saraus que rolavam pelo Centro, como o Ameopoema e o Ratos Di Versos. Esse formato de evento nos chamava atenção pelo despojamento e interação com os espectadores. Após assistirmos ao show *Tropicália Lixo Lógico*, do Tom Zé, no Circo Voador, em que ele cantou a música *Motoboy e Maria Clara*, encontramos ali um nome para o projeto, que seria uma dupla homenagem: ao tropicalista que tanto cultuamos, e ao Bar da Cachaça, que como disse anteriormente, era o nosso escritório.

(...) *O Escritório funciona*
A motocar
Eu toco nele
A motocar
A motoca toca a me levar
Por me tocar
Minha touca pra te retocar
Clara Maria
Sonha di comprá
Na primeira liquidação
Os eletros
Nosso fogão²¹

Surge assim, em novembro de 2013, o *Sarau do Escritório*, exatamente na porta do Bar da Cachaça, no estreito passeio da Mem de Sá, em frente ao número 110.

Neste Ato I, a intenção foi historicizar e situar a Peneira nos primeiros anos, e como fomos nos articulando e construindo os nossos processos artísticos. No próximo ato, vou me aprofundar sobre o *Sarau do Escritório*, os diversos projetos da Peneira, a formalização do grupo, e minha circulação pelas cidades.

²¹ Música de Mallu Magalhães e Tom Zé, gravada no álbum *Tropicália lixo lógico* (2012).

ATO II, CENA I

Espaço de experimentação artística

Espaço de experimentação artística era a forma como carinhosamente chamávamos o *Sarau do Escritório*, justamente por entendermos que ali era um lugar do processo, da errância, da possibilidade de vivenciarmos maneiras alternativas de práticas artísticas. Essas características foram fundamentais para organizarmos outras ações do grupo que culminaram no *Fabulações do Território*. Neste método artístico-comunitário considerávamos o processo mais importante que a ideia de produto final acabado, e isso, talvez tenhamos aprendido com o *Escritório*.

Na primeira edição do *Sarau do Escritório*, Karine Drumond, Michele Lima Pereira, Taty Maria, Luiz Fernando Pinto e eu criamos três elementos que se tornariam fundamentais para o projeto e que seriam utilizados de distintas maneiras em nossos processos enquanto grupo. Convencionamos chamar esses elementos de dispositivos. São eles:

- Combinação de linguagens artísticas: uma vez que tínhamos a convicção de que queríamos nos comunicar com mais pessoas, utilizamos a estratégia da hibridez, ou colagem, como trata Ulf Hannerz;

Seja como for, aqui estamos agora, com hibridez, colagem, mélange, miscelânea, montagem, sinergia, bricolagem, criolização, mestiçagem, miscigenação, sincretismo, transculturação, terceiras culturas, e outros termos; uns são usados só de passagem, como metáforas sintéticas, outros reclamam um status analítico maior, outros, ainda, têm uma importância apenas regional ou temática. Na maioria das vezes eles parecem sugerir uma preocupação com forma cultural, com produtos culturais (e frequentemente os termos se referem a domínios de materiais culturais bastante tangíveis, tais como a linguagem, a música, a arte, o ritual ou a culinária); algumas palavras parecem, mais do que outras, dizer respeito a processo. Hibridez parece ser atualmente o termo genérico preferido, talvez por derivar sua força, como “fluxo”, de uma fácil mobilidade entre disciplinas (mas muitos dos outros termos também têm a mesma flexibilidade) (HANNERZ, 1997:26).

Era justamente essa troca entre expressões que buscávamos aprimorar para tentar atrair um público para além da nossa bolha²².

²² Núcleo de seguidores/amigos que acompanham nosso trabalho.

- Palco aberto: possibilitava a apresentação de qualquer espectador ou passante, numa tentativa de romper a barreira entre a ideia de público e espetáculo. Já na estreia, tivemos uma real noção da potência e dos dilemas do que era abrir um microfone em plena praça pública. Após o ator e diretor André Lemos²³ ter recitado um poema crítico ao desaparecimento do pedreiro Amarildo Dias de Souza, ocorrido em julho do mesmo ano, um homem pediu a palavra, e sem que ninguém esperasse, começou a exaltar o conservadorismo, o discurso de criminalização da pobreza, e ressaltava que o Amarildo merecia mesmo desaparecer. Uma confusão foi gerada. O Sérgio, dono do Bar da Cachaça, desligou a tomada da caixa de som e do microfone que estava conectada embaixo do balcão, a polícia chegou, e algumas pessoas foram encaminhadas à delegacia. Era a rua nos impactando de cara. Um outro relato sobre esse mesmo dia foi publicado numa matéria do jornal O Globo²⁴;

Uma das principais características do Sarau do Escritório é a possibilidade de qualquer um que passe pelo evento poder se apresentar. O microfone aberto, como os membros chamam esse estilo de mobilização, já foi responsável de revelar diversos talentos. É o caso do gaúcho Cleber Araujo Santos, também poeta. Ele conheceu por acaso o evento, em sua primeira edição, e acabou se tornando presença constante dali em diante.

— Eu moro no Rio há 9 anos e estava na Lapa com uma prima no dia em que foi realizada a primeira edição. Na época, tinha começado a escrever há bem pouco tempo. Estava sentado em um bar próximo, e o Alex (Teixeira) veio com o microfone e perguntou: "você escreve?". Disse que sim, e na hora ele me colocou para falar — relembra.

A oportunidade inesperada fez com que Cleber resolvesse apostar na veia literária.

— O sarau teve grande importância na minha vida, porque me deu a oportunidade de tirar o que escrevia da gaveta e mostrar para o público. Hoje tenho um envolvimento afetivo — conclui. (MELLO, 2014)

- Homenageado do mês: uma aposta de trabalhar a memória afetiva da região Central do Rio através da celebração de figuras emblemáticas

²³ André Lemos é ator e diretor do coletivo Confraria do Impossível. Em 2019 foi o primeiro diretor negro a ser laureado em 31 anos de existência do Prêmio Shell.

²⁴ Para ler o texto "Sarau reúne cultura e gastronomia pelas ruas do Centro da cidade" na íntegra acesse: <https://oglobo.globo.com/rio/sarau-reune-cultura-gastronomia-pelas-ruas-do-centro-da-cidade-14638648>. Acessado em 19/02/2021.

que compunham esse cenário, e que na maioria das vezes não tinham suas falas legitimadas por instituições ou discursos oficiais, como revela um dos primeiros textos²⁵ que apresenta o projeto.

(...) Para nós, a disputa de um imaginário da rua, em um espaço de efervescência cultural como a Lapa, é algo que não faz sentido sem que os protagonistas estejam envolvidos. O homenageado do mês é sempre uma personalidade popular que circula/circulou pelas ruelas, mas que poucas pessoas sabem qual é sua real história. O grupo apura a biografia do celebrado, e divulga através de intervenções plásticas (lambe-lambes) e postagens na internet. (TEXTO SOBRE O SARAU DO ESCRITÓRIO, 2014)



Figura 15 - A esquerda vemos os lambes da segunda edição do Sarau do Escritório homenageando o papagaio de pirata Jaime Dias Sabino. Fonte: Arquivo Peneira. **Figura 16** - A direita o lambe da última edição do projeto realizado na Lapa, celebrando Dona Edia Pinto, moradora do cortiço Chora Vinagre. Fonte: Arquivo Peneira

Além das intervenções aplicadas nas ruas da cidade e da publicação do lambe-lambe na web, nós também fazíamos uma entrevista com os homenageados que era disponibilizada no facebook do *Sarau do Escritório*, e lida no dia do evento na presença do reverenciado.

Entre o segundo (Figura 15) e o último cartaz (Figura 16), existem algumas diferenças, e a principal foi causada por um questionamento da academia, e mais precisamente deste programa de pós-graduação. A pesquisadora Silvana Helena

²⁵ Para ler o texto "O Sarau do Escritório" na íntegra acesse: <https://medium.com/@queimandoamufa/o-sarau-do-escritorio-a0f8fbc59c0d>. Acessado em 23/03/2021.

Gomes Bahia estava no PPCULT, e tinha como objeto de pesquisa o *Sarau do Escritório*. Em sua banca de qualificação, foi provocada pela professora Ana Lucia Silva Enne sobre a ausência dos nomes dos homenageados nos cartazes, e imediatamente Sil trouxe isso pra mim, que compartilhei com o grupo. Discutimos, refletimos e percebemos que o atravessamento da universidade na nossa prática fazia total sentido.

No entanto, esse "resgate" da memória afetiva do Centro a partir de pessoas anônimas que o Sarau propõe é questionável quando o coletivo não diz, nos cartazes produzidos pelos mesmos, o nome do homenageado. Na página do Facebook, o Coletivo faz uma descrição escrita com o nome e a história do homenageado, mas nos cartazes colados nas ruas essa informação não é dada. Isso é uma questão, pois o nome é uma das formas, talvez a mais importante delas, de registrar a existência de uma pessoa. A ideia é boa, mas não contempla de forma plena, pelo menos no meu entendimento, a proposta de atualização da memória do Centro com o reconhecimento total dos sujeitos, potencializando, assim, mais a noção da memória dos modos de viver o bairro. (BAHIA, 2016:53).

Posteriormente, passamos a adotar a identificação do celebrado, como pode ser visto na arte da Dona Edia Pinto, de agosto de 2018. O segundo ponto de mudança no lambe que ressalto é a identificação do território. Inicialmente colocávamos como local de realização o Bar da Cachaça, apesar do mesmo só comportar umas quatro pessoas em pé, diante do balcão. Depois assumimos o nome Praça João Pessoa, que é a denominação oficial da encruzilhada entre as avenidas Mem de Sá e Gomes Freire. Em 2017, após o falecimento da travesti Luana Muniz²⁶, vizinha da praça, e que havia sido homenageada no *Baile de Gala do Sarau do Escritório*²⁷ em novembro de 2015, resolvemos fazer uma mudança simbólica no nome do logradouro. Convidamos amigos da Luana para uma cerimônia, e rebatizamos o espaço pra Praça Luana Muniz. Na sequência fixamos uma placa na parede de uma das esquinas, e propusemos um projeto de lei na Câmara de Vereadores do Rio, por intermédio do

²⁶ Luana Muniz, popularmente conhecida como Rainha da Lapa, era atriz, presidenta da Associação dos Profissionais do Sexo do Gênero Travesti, Transexuais e Transformistas do Rio de Janeiro, uma das fundadoras do Projeto Damas, da prefeitura do Rio, além de profissional do sexo, função que exerceu por mais de 40 anos na Praça João Pessoa. Ela ficou nacionalmente conhecida, ao aparecer na TV Globo cunhando o bordão “travesti não é bagunça” (assistida aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=XwcRJ24ytJ8>), que até hoje está grafitado em seu casarão, na Avenida Mem de Sá, 100.

²⁷ Edição especial em celebração ao aniversário do Sarau do Escritório. O Baile de Gala contava com quatro palcos, um em cada esquina da Praça Luana Muniz.

então vereador David Miranda, à época filiado ao PSOL, para que a mudança se tornasse oficial.

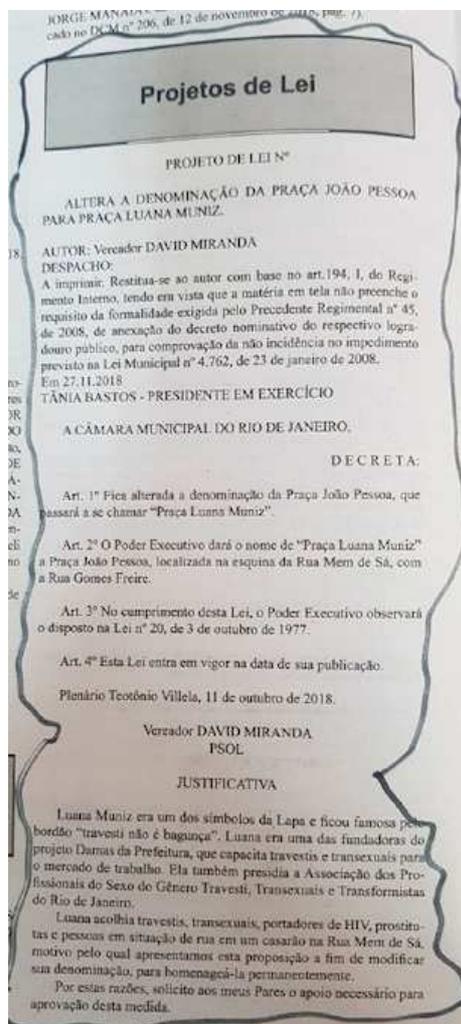


Figura 17 - A imagem à esquerda é a publicação do Diário Oficial do Município do Rio de Janeiro com o projeto de lei que solicitava a mudança do nome da Praça João Pessoa para Praça Luana Muniz. Fonte: Arquivo Peneira. **Figura 18** - A direita uma nota da coluna Informe JB, do Jornal do Brasil. Fonte: Arquivo Peneira



Figura 19 - Lorna Washington, amiga de longa data de Luana Muniz fez uma performance no dia da cerimônia em que a praça passou a se chamar Luana Muniz, a Rainha da Lapa. Fonte: Arquivo Peneira/Victor Coutinho



Figura 20 - Placa da Praça Luana Muniz - Rainha da Lapa afixada na parede da Drogaria Max, na Praça João Pessoa. Fonte: Arquivo Peneira/Alex Teixeira

Oficialmente a praça continua sendo João Pessoa, uma vez que o projeto de lei não avançou. Descobrimos que por conta de uma lei anterior, logradouros batizados há mais de 20 anos não podem ter suas nomenclaturas alteradas, mas, como a gente sempre opera nas brechas (GUATTARI; ROLNIK, 1996), incluímos o nome Praça Luana Muniz no Google Maps. Assim, todas as vezes que um cliente do Cachaça ou do Ximeninho resolve pedir um Uber, lá está o ponto de sinalização: Praça Luana Muniz - Rainha da Lapa. E essa informação da homenagem no Maps repercutiu inclusive no site grego LiFO²⁸, em uma matéria sobre o documentário "Obscuro Barroco", de Evangelia Kranioti.

Esse conjunto de ações dialoga diretamente com o conceito de documento/monumento, proposto pelo historiador Jacques Le Goff.

O monumentum é um sinal do passado. Atendendo às suas origens filológicas, o monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação, por exemplo, os atos escritos (...) O documento que, para a escola histórica positivista do fim do século XIX e do início do século XX, será o fundamento do fato histórico, ainda que resulte da escolha, de uma decisão do historiador, parece apresentar-se por si mesmo como prova histórica. A sua objetividade parece opor-se à intencionalidade do monumento. Além do mais, afirma-se essencialmente como um testemunho escrito. (LE GOFF, 1990:462)

A proposta do grupo, desde o princípio, sempre foi criar e ampliar narrativas para além das hegemônicas, e os cruzamentos com a cidade têm sido fundamentais para essas descobertas. Um dos exemplos é o slogan do *Sarau do Escritório*, que diz: "Quem bate cartão também faz poesia". Ele é uma bricolagem a partir do slogan do Partido da Causa Operária (PCO), que afirma: "Quem bate cartão não vota em patrão". Com isso, a nossa ideia, advinda de uma zoeira, era despertar a reflexão de que qualquer trabalhador pode ser poeta, artista, ou como dizia o teatrólogo Augusto Boal, todos somos atores.

Todo mundo atua, age, interpreta. Somos todos atores. Até mesmo os atores! Teatro é algo que existe dentro de cada ser humano, e pode ser praticado na solidão de um elevador, em frente a um espelho, no Maracanã ou em praça

²⁸ Para ler o texto "A trans mais famosa do Brasil protagoniza Obscuro Barroco de Evangelia Kranioti" na íntegra acesse: <https://www.lifo.gr/culture/cinema/sto-obsкуро-barroco-tis-eyaggelias-kranioti-protagonistei-i-pio-diasimi-trans-tis>. Acessado em 20/02/2022.

pública para milhares de espectadores. Em qualquer lugar... até mesmo dentro dos teatros. (BOAL, 2007:IX).

E lá estávamos ocupando o espaço público com artistas que durante o dia eram aposentados, motoboys, cabeleireiros, advogados, professores, guardiões de rios, enfermeiros, estudantes, entregadores de papel, desempregados, médicos, e que à noite, naquela encruzilhada, atuavam como poetas, performers, músicos, atores, palhaços, dançarinos e artistas visuais, fazendo valer o slogan do projeto. Algo muito próximo a realidade de boa parte dos trabalhadores da cultura no Brasil.



Figura 21 - Arte que estampa uma edição das camisas da grife literária Poeme-se. A imagem mistura uma pessoa sinalizada com a malha ferroviária do Rio de Janeiro e o slogan do Sarau do Escritório. Fonte: Acervo Peneira

Como não poderia ser diferente, na pré-produção do *Sarau do Escritório* rolava aquele ritual em que verificávamos se estava tudo ok no espaço, varriamos o lixo, retirávamos os cacos de vidro entre as frestas das pedras portuguesas, organizávamos os objetos de cena e começávamos o espetáculo. A partir da segunda edição, em dezembro de 2013, resolvemos transformar o ritual em um processo artístico abre-caminhos, chamado performance poético-funcional *As águas vão rolar*.

Munidos de mangueiras e baldes d'água, vassouras, sabão em pó, varetas de incenso, sal grosso e defumadores - herdados da performance *Mercadão de Madureira* -, convidávamos os moradores a lavarem a praça conosco, e ao mesmo tempo em que discutíamos na prática a questão da limpeza urbana, trabalhávamos a pauta da ocupação dos espaços públicos. O ato era acompanhado de cânticos de trabalho entoados pelo grupo e seguido por uma percussionista.

É relevante criar rituais, formas para legitimar a ação, e a noção de limpeza pode ser vista com "bons olhos" se associada ao cuidado e à preservação do espaço. Porém, pode ser interpretada também como se o lugar não estivesse limpo para recebê-los e, por isso, a necessidade de lavá-lo. No jogo do espaço social, o empenho para que essa ação seja interpretada "com bons olhos", principalmente pelos integrados da Lapa, requer esforço do coletivo em trabalhar essa visão positiva a partir das ferramentas de comunicação, como fotografias e a narrativa construída sobre a intervenção poética-funcional difundida nos canais de comunicação do grupo. O trabalho de comunicação tem papel fundamental na construção dessa percepção por parte dos públicos mobilizados pelo Sarau. (BAHIA, 2016:56).

Pensando hoje sobre esse trecho apontado por Silvana Bahia, destaco o momento em que ela diz que a ação poderia ser interpretada como se o espaço não estivesse limpo para nos receber. Pois essa foi justamente a fervura do caldo que fez com que uma simples varrição virasse um gesto performativo. Queríamos discutir através da arte a importância da manutenção dos espaços públicos por parte dos órgãos responsáveis, e isso valia tanto para o CIEP Olof Palme, como para o Parque das Crianças ou a Praça Luana Muniz. Nenhum dos ambientes mantidos pela prefeitura do Rio, localizados respectivamente nas zonas Oeste, Sul e Centro, levava em consideração o conceito de "amabilidade urbana" criado pela professora e pesquisadora Adriana Sansão.

Defino a amabilidade urbana como a qualidade que surge da articulação entre as características físicas do lugar, as intervenções temporárias que ocorrem sobre este espaço e as pessoas que o utilizam e se conectam, sendo um conceito formado, portanto, pelas dimensões física, temporal e social. Genericamente, o termo amabilidade significa a ação ou a qualidade de amável, o ato ou estado de comportamento que pressupõe a generosidade ou a cortesia com o outro. É um termo que evoca a 'proximidade' e a 'abertura', seja neste uso corrente, seja aplicado aos espaços urbanos, tal e qual aqui desejo cunhá-lo: a amabilidade urbana. Nesse sentido, poderia considerá-la como um atributo do espaço amável, daquele que promove ou facilita a proximidade, opondo-se ao individualismo por muitas vezes

característico das formas de convívio coletivo contemporâneas. (SANSÃO, 2012:70)

Uma das paradas maneiras de estar na academia é descobrir que muitas das ações que fazíamos já estão conceituadas, e o que buscávamos era exatamente unir o coletivo para tornar o ambiente mais harmônico, ou mais amável, deixando um "legado" para além da nossa intervenção temporária. E a possibilidade hoje, sobretudo em tempos pandêmicos – quando deixamos temporariamente de ter as ruas –, é colaborar com narrativas que encurtem cada vez mais as distâncias entre as práticas e a universidade. Para mim, está tudo junto e misturado, mas nem sempre foi assim.



Figura 22 - Performance poético-funcional As águas vão rolar em duas pontas da encruzilhada da Praça Luana Muniz. Fonte: Acervo Peneira/Nimbus Mob e Victor Coutinho

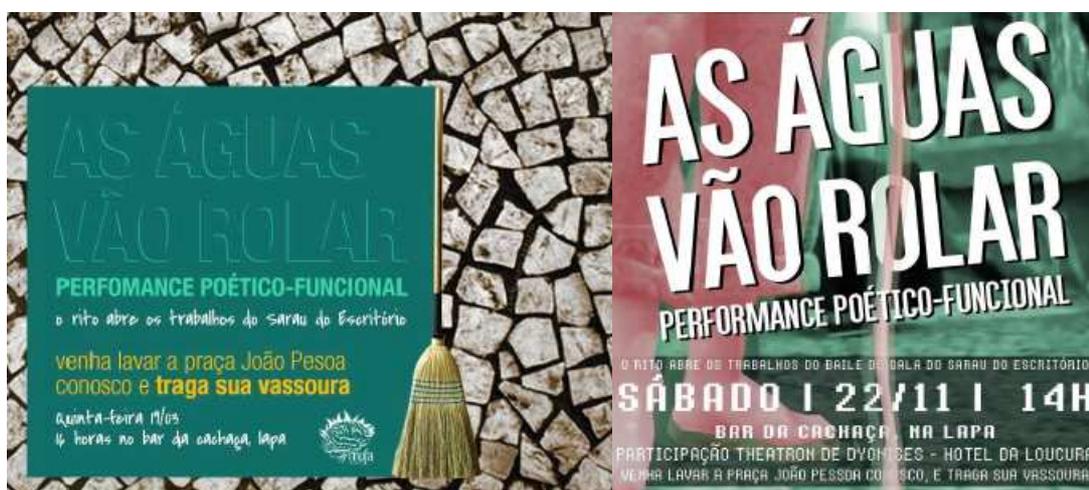


Figura 23 - Cartazes de divulgação convidando os moradores a participarem da performance. Fonte: Acervo Peneira/Arte: Rafaela Siquara Marques

(...) a possibilidade da amabilidade se transforma em uma situação real quando ocorre sobre um espaço potencialmente atraente uma intervenção temporária bem sucedida, tornando-o um espaço amável. O espaço deixa de ser um 'objeto' quando ocorre algo que o transforma em um espaço habitado, que passa a fazer parte da memória coletiva do lugar. (SANSÃO, 2012:72).

Nesse caso específico, o espaço já era bastante habitado, e por diferentes práticas. Durante o dia, a população em situação de rua usava os bancos da praça como ponto de repouso, e, à noite, a área era tomada por pessoas que buscavam a boemia da Lapa. O *Sarau do Escritório* e a performance *As águas vão rolar* davam um outro tom àquele território. Muitos moradores, que não necessariamente participavam da ação, paravam para elogiar ou para perguntar porque estávamos lavando a calçada. Diante disso, concluo que de certa forma, estávamos gerando outras memórias coletivas do lugar, para além de espaço de moradia e entretenimento.

Ter realizado esse projeto de maneira ininterrupta e mensal entre novembro de 2013 e dezembro de 2017, com algumas edições ainda na praça, em 2018, fez com que nosso grupo refletisse sobre várias práticas e processos, e também sobre a forma como lidamos com a conscientização coletiva dos usos do espaço público e a valorização/financiamento da arte pública.



Figura 24 - Cartaz de divulgação da campanha de conscientização pelo uso das novas papeleiras. Fonte: Acervo Peneira/Arte: Rafaela Siquara Marques



Figura 25 - A imagem à esquerda é uma frase de intolerância religiosa que ficou muito marcada em muros de avenidas e estações de trem no Rio, desde o início dos anos 2000. A ela é atribuído o bordão "Só Jesus". Fonte: Folha de São Paulo. **Figura 26** - A direita uma das campanhas que criamos ressignificando a frase ao lado, e que visava alertar as pessoas sobre a necessidade de contribuir com o chapéu dos artistas. Fonte: Arquivo Peneira/Arte: Livia Frias

Apesar de fazermos a limpeza da praça e colocarmos baldes de lixo, que não eram suficientes para o volume de resíduos, percebíamos que, ao final do evento, o espaço estava sempre imundo. Muitas pessoas deixavam latas e garrafas de bebida pelo chão e, conseqüentemente, tínhamos que varrer tudo de novo, mas já exaustos e sem o mesmo glamour do processo artístico abre-caminhos. Com o tempo, resolvemos acionar a Companhia Municipal de Limpeza Urbana (COMLURB) para que fossem instaladas novas papeleiras na Praça Luana Muniz, o que foi feito. Quando notificada com antecedência, a gerência da companhia deixava ainda umas caçambas maiores nos dias do evento, o que diminuía significativamente o impacto da atividade. Nos comunicávamos bastante com o público através das redes sociais e ao microfone. Aliás, nessa linha dos informes, criamos diversas estratégias para sensibilizar a galera frequentadora de que a arte pública tem custo, e os artistas precisam ser remunerados pelos seus trabalhos. Para isso, uma das estratégias que elaboramos foi visibilizar os custos de produção através de um quadro e passar o chapéu.

Em parceria com a artista visual e educadora Livia Frias, criamos a campanha "Só o chapéu expulsa a dívida dos coletivos" que ressignificava frases de intolerância religiosa (como pode ser visto nas Figuras 25 e 26) que foram espalhadas pelas ruas das cidades da Região Metropolitana do Rio, ao longo de mais de 10 anos. Através

de postagens nas redes e lambe-lambes, aplicávamos a frase pelas ruas, mas sem apresentar uma assinatura, uma vez que considerávamos que a pauta poderia ser apropriada por qualquer coletivo.

A arte é impressa ou se espalha pela internet. A arte é postada. A arte é colada. Nas casas, nas ruas. O veículo de circulação desta arte muitas vezes é a rua, são as paredes, os muros. Rolinho e cola manuseados pelas mãos de pessoas que escolheram um lugar para estabelecer o diálogo. Da cola, que vai fixá-la, até o lambe/colagem ser pintado, arrancado, deteriorado, ou passar a interagir com outras artes, colagens, pixos e grafittis. Ou ganha outra colagem por cima. Ou sua mensagem some. Tempo. (RIBEIRO, 2017:49)

E como escreveu a professora Ana Paula Alves Ribeiro no artigo “Quantas cidades há em mim? Diálogos entre intervenções urbanas nas ruas do Rio de Janeiro”, os lambes nas ruas não são somente papéis colados nas paredes. Eles estão ali como um canal de diálogo e reflexão, e podem durar anos, como perdurar por minutos. São como um sopro.

Certo dia estava em casa e recebo uma ligação pela manhã: "Estão destruindo os bancos da Praça João Pessoa e vocês precisam fazer alguma coisa". Não fazia ideia do que estava rolando, e muito menos quem poderia estar quebrando os bancos de concreto da praça. Avisei aos meus parceiros de grupo, e fomos direto ao facebook, mais especificamente às páginas de bairro, procurar se a notícia era real. Nos deparamos com imagens de trabalhadores da prefeitura quebrando os bancos com marretas e britadeiras. A publicação dizia que a reivindicação partiu do Movimento de Síndicos, Comerciantes e Moradores da Avenida Gomes Freire, Praça João Pessoa e Adjacências, que recolheu mil assinaturas, alegando que: “os bancos estariam acumulando pessoas em situação de rua, o que tornaria o local perigoso”. Ainda que parecesse um caso isolado no bairro, nesse período pré-Copa do Mundo FIFA 2014 e Jogos Olímpicos Rio 2016, diversos atos da prefeitura favoreceram o empresariado e uma pequena parcela da classe média que habitava a Lapa em condomínios como o Cores da Lapa, na Rua Riachuelo, 92. Veja por exemplo um anúncio na OLX²⁹ de um apartamento comercializado neste mesmo condomínio, em pleno ano de 2021.

²⁹ Para ver na íntegra o anúncio da OLX sobre o Cores da Lapa, acesse: <https://rj.olx.com.br/rio-de-janeiro-e-regiao/imoveis/cores-da-lapa-infraestrutura-completa-suite-vaga-63m2-reformado-659768855>. Acessado em 2/07/2021.

O Cores da Lapa é um marco na revitalização do Centro da Cidade, oferecendo ampla e variada infraestrutura típica de grandes condomínios residenciais da Barra e Zona Sul. Muito bem localizado, junto ao Centro da Cidade, aeroporto, Aterro do Flamengo. (OLX, 2021)

Na mesma propaganda, o corretor imobiliário traz a ideia de "revitalização" do bairro e infraestrutura dos condomínios da Barra da Tijuca e Zona Sul, em plena região central da cidade. Tal tema foi abordado pelo professor e pesquisador Marcelo Lopes Souza no artigo "Semântica Urbana e Segregação: Disputa simbólica e embates políticos na cidade empresarialista".

Revitalização conforme o dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, significa, em sua primeira acepção, ação, processo ou efeito de revitalizar, de dar nova vida a alguém ou a algo. Completamente, esclarece o Houaiss que se trata de uma série de ações mais ou menos planejadas, geralmente provenientes de um grupo, comunidade etc., que buscam dar novo vigor, nova vida a alguma coisa. Em outras palavras: aquilo que passa ou mereceria passar por uma revitalização se achava ou acha morto, sem vida, ou, pelo menos, moribundo.

Algo muito semelhante, por conseguinte, ao que se pretende dizer quando se fala em "regeneração". Aqui, trata-se do "ato ou efeito de regenerar(-se)", como nos informa o dicionário; segunda vida, segundo nascimento; revivificação, refortalecimento". Ou, figurativamente, "recuperação moral ou espiritual"... Sem contar mais diretamente, a "formação ou produção, em segunda instância, do que estava parcial ou totalmente destruído; reconstituição, restauração". (SOUZA, 2013, p. 132)

Nesse processo, cabe lembrar que há tempos a prefeitura vinha realizando intervenções no bairro da Lapa, no sentido de "requalificar" o espaço urbano. Como já comentei, houve o aterramento do Anfiteatro da Praça dos Arcos e as reformas dos passeios no entorno dos bares SoKana, Leviano e Sarau Rio, ambos na Avenida Mem de Sá, bem pertinho dos Arcos. Esse processo permitiu que o comércio ocupasse as calçadas com mesas, cadeiras e grades, delimitando um espaço que deveria ser comum, e fazendo valer os interesses mercantis em detrimento da maioria da população.

No movimento da cidade, os interesses mercantis cruzam-se com os históricos, estéticos e comunicacionais. As lutas semânticas para neutralizar, perturbar a mensagem dos outros ou mudar seu significado, e subordinar os demais à própria lógica, são encenações dos conflitos entre as forças sociais: entre o mercado, a história, o Estado, a publicidade e a luta popular para sobreviver. (CANCLINI, 1997:7)

Nesse território passou a valer a seguinte lógica do cliente, em detrimento ao cidadão: pagar para sentar no espaço público pode. Sentar de graça não. A mensagem da prefeitura da dita Cidade Maravilhosa³⁰ para o seu bairro boêmio era bastante explícita, e os cruzamentos entre mercado, Estado, publicidade e a luta popular estavam postos.



³⁰ Expressão cunhada em um artigo publicado num jornal brasileiro no início do século XX, e que em 1938 virou uma música de autoria de André Filho. Mais tarde essa canção seria adotada como o hino da cidade.

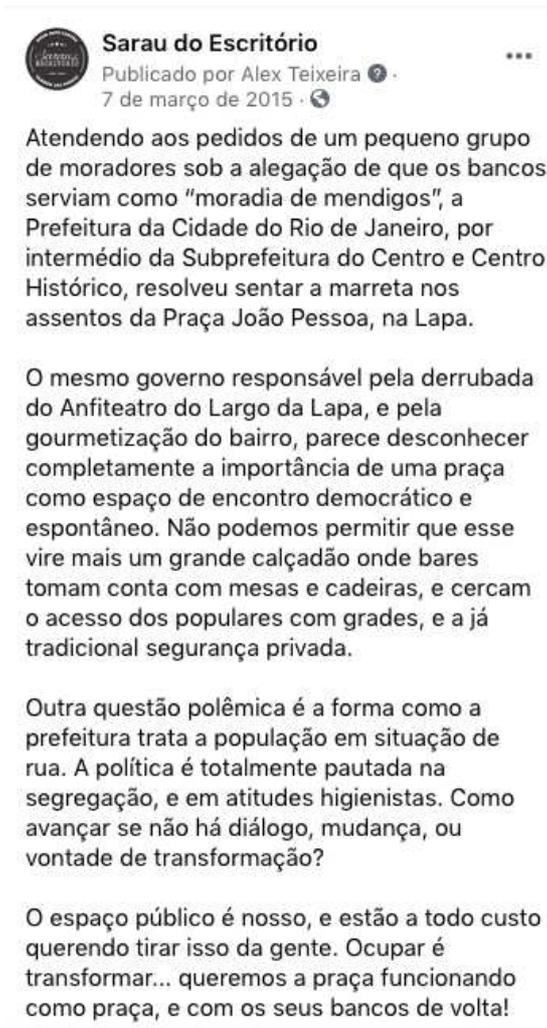


Figura 27 - Postagem publicada na página do Sarau do Escritório. Fonte: Arquivo Peneira



Figura 28 - Pessoas de diferentes faixas etárias dividem um dos bancos da praça. Fonte: Acervo Peneira/Victor Coutinho. **Figura 29** - Bancos sendo utilizados pelo grupo Pura Percussão, na abertura de uma das edições do Sarau do Escritório. Fonte: Pedro Rajão

Ficamos muito indignados com a ação da prefeitura. A postagem que fizemos no facebook teve uma repercussão significativa. A maioria dos comentários era de

peças tão indignadas quanto a gente, mas alguns poucos endossavam o ato do poder público e tentavam legitimar suas falas com discursos de ódio e preconceito.

Assim como a performance *As águas vão rolar*, resolvemos pensar num gesto artístico que trouxesse questões relacionadas ao direito à cidade e, ao mesmo tempo, engajasse os moradores em pontos como pertencimento ao território e acesso a espaços públicos como tratado pelo conceito de Placemaking³¹, que diz que entre as qualidades fundamentais, estão: espaço acessível; ativo; confortável; e sociável. Ou seja, um espaço público bem sucedido é inegociável. Nesse bojo, criamos a intervenção *#Cadeiraço*, em que convidávamos os frequentadores do *Sarau do Escritório* a levarem cadeiras e bancos para ocuparem a praça João Pessoa, na Lapa, e assim questionarem a ação do governo Eduardo Paes, então prefeito em seu segundo mandato.

Fora a divulgação nas redes sociais, resolvemos acionar a imprensa para criar uma repercussão maior e para tentar ouvir o que a prefeitura tinha a dizer sobre aquele fato, já que eles não respondiam aos nossos questionamentos feitos por telefone e e-mail.

³¹ O Conselho Brasileiro de Lideranças em Placemaking diz que placemaking é um processo de planejamento, criação e gestão de espaços públicos voltado para as pessoas, visando transformar ‘espaços’ e pontos de encontro em uma comunidade.



Figura 30 - Ação performativa convidando a galera a levar cadeiras e bancos para a praça.

Fonte: Acervo Peneira/Arte: Rafaela Siquara Marques



Cadeiraço na Lapa

Um grupo de artistas vai fazer um "cadeiraço", amanhã, na Lapa. A intervenção é um repúdio à derrubada dos bancos de concreto da Praça João Pessoa, na esquina das ruas Mem de Sá e Gomes Freire. Manifestantes alegam que eles foram demolidos porque atrairiam mendigos. "Não podemos deixar que a arquitetura da violência se espalhe por aí", diz Alex Teixeira, um dos responsáveis pelo manifesto.

O outro lado

A Subprefeitura do Centro alega que retirou o banco "em atendimento às frequentes solicitações de moradores, síndicos e comerciantes da região".

Figura 31 - Notinha na coluna Gente Boa, do jornal O Globo, sobre o #Cadeiraço. Fonte:

Acervo Peneira

Mais que uma manifestação propriamente dita, a ação tinha uma característica de pensar a relação arte e comunidade e como pressionar o poder público através de um esquema de mídia tática, como destaca o historiador da arte Thiago Spíndola Motta Fernandes, em seu artigo “Mídia tática como conceito operativo nas artes visuais”.

A mídia tática é recorrente em ações de artistas e coletivos de cunho estético-político (...) Mas nas artes visuais, a mídia tática não é restrita apenas àqueles agentes diretamente ligados a formas de ativismo (ou artivismo, como alguns chamam), como também engloba ações de cunho poético, conceitual e experimental. (FERNANDES, 2020:153)

E a tal ação estético-política incomodou a prefeitura. Dias depois fomos procurados por funcionários da Secretaria Municipal de Cultura (SMC) e da Subprefeitura do Centro que vieram com a proposta de construção de novos bancos no formato "Rio 450", em alusão a logomarca que estava sendo utilizada para comemorar os 450 anos da cidade. Dissemos que achávamos oportuna a reconstrução dos bancos e equivocada a derrubada dos outros assentos a partir do pleito de uma pequena parcela local. Salientamos que qualquer novo projeto deveria ser debatido com a comunidade, e não apenas com um grupo específico. Já estamos no ano 457 da fundação da cidade, e infelizmente não podemos nem esperar sentados, uma vez que nenhum tijolo foi posto no local.

Ainda nessa toada de que alguns fatos sempre se repetem na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, recentemente, em março de 2022, ou seja, exatamente sete anos após a prefeitura de Eduardo Paes, o mesmo alcaide que nos governa hoje, autorizar o aumento da quantidade de mesas e cadeiras na Praça Luana Muniz, na Lapa, fato similar ocorreu no Largo de São Francisco da Prainha, na Saúde. Antes da pandemia da Covid-19, esse espaço abrigava alguns eventos tradicionais, como as rodas de samba do Escravos da Mauá, o AcaraJazZ e a roda de samba do grupo Moça Prosa. Com o arrefecimento da pandemia, a partir do final de 2021, a roda do Moça Prosa tentou retomar os trabalhos, mas a praça estava completamente tomada pelas mesas dos 11 bares que ali se instalaram. Foram meses de diálogo, e sem um acordo entre as partes (proprietários dos bares, Subprefeitura do Centro e Moça Prosa), o evento precisou migrar para um outro local. Mais uma vez, as forças econômicas da iniciativa privada se sobrepuseram às manifestações artísticas que

ocupam os espaços públicos. Sobre isso, escrevi no dia 16 de março de 2022 um pequeno texto publicado em meu perfil do instagram, e compartilho aqui:

Sobre as tensões envolvendo o grupo Moça Prosa, os donos dos bares do Largo da Prainha e o poder público, relembro que essa é uma eterna cidade em disputa. Talvez desde a época dos tupinambás x portugueses, quando numa treta, Estácio de Sá, o dito fundador do Rio, tomou uma flechada no olho e cantou pra subir, bem ali, no Morro da Glória. De lá pra cá, muitas águas passaram por baixo da ponte, e as pressões só aumentaram. Ditaduras foram germinadas aqui, CV x ADA, lado A contra lado B, geraldinos versus arquibaldos, tietes da Marlene em oposição a galera da Emilinha Borba, Bafo da Onça caindo na mão com Cacique de Ramos, milícia x tráfico e pelo menos nos últimos 10 anos, as disputas: donos de bares + prefeitura x fazedores de cultura de rua. O que não deveria ser uma oposição - haja vista que na maioria das vezes, nós, trabalhadores da cultura amamos uma birosca -, tornou-se, justamente pelo desejo de alguns proprietários de bares expandirem seus negócios para o espaço público. Isso também acontece com outros ramos. Ontem mesmo vi que a Casas Bahia da Uruguaiana encheu a calçada de geladeiras. Tem Eletrolux, Brastemp e até Panasonic. E qual é o nosso papel enquanto consumidores que adoram pegar aquela mesa do lado de fora do bar? Acho que não tem caô, mas é um bagulho questionável pra caceta. Uma roda de samba como a do grupo Moça Prosa, variavelmente diminuiria a quantidade de mesas e cadeiras nessas áreas, e o cliente que não saca muito das disputas territoriais vai reclamar com o gerente: pô, só quero tomar minha gelada, numa tranquila, numa boa, e ouvindo um som (...) (TEXTO SOBRE A RODA DE SAMBA MOÇA PROSA E AS DISPUTAS TERRITORIAIS NO LARGO DA PRAINHA, 2021)³²

Nesse período de efervescência do *Sarau do Escritório*, a partir de 2014, o coletivo ganhou o reforço de novas integrantes. A produtora Rebeca Brandão, que trabalhou conosco entre 2014 e 2016, a fotógrafa e jornalista Larissa Amorim, que permaneceu entre 2014 e 2018, mas ainda hoje é uma das associadas da Peneira, e a montadora e cientista social Priscila Bittencourt, a partir de 2015. Cito ainda alguns colaboradores contínuos, como o fotógrafo Victor Coutinho, o iluminador e músico Jon Thomaz e o operador de áudio e músico Marcus Ferreira.

Com o tempo fomos buscando referências e entendendo que o *Sarau do Escritório* não era apenas um evento, mas um espetáculo de variedades que percorria uma linha de referenciais pautada em composições experimentais como as que aconteciam no Cabaret Voltaire³³, operando a palavra falada, a performance, a dança

³² Para ler o texto "Roda de samba Moça Prosa e os conflitos territoriais" na íntegra acesse: <https://www.instagram.com/p/CbK6Y4SLhD2/?igshid=NjY2NjE5MzQ>. Acessado em 1/03/2022.

³³ O Cabaret Voltaire foi um clube criado em 1916 na cidade de Zurique, na Suíça, e tornou-se o epicentro do movimento dadaísta. Nesse espaço eram apresentados números de dança, música, poesia e artes visuais.

e a música. Outra vertente inspiradora era o Teatro de Revista, já que usávamos temáticas do cotidiano como fios condutores. Mais à frente surgiriam os referenciais de arte e comunidade, que atravessariam outros projetos.

O *Sarau do Escritório* recebeu convites para extrapolar as barreiras da Lapa, tendo realizado edições em cidades como Lisboa, Coimbra (Universidade de Coimbra) e Recife (projeto Som na Rural). Já em Arinos, Urucuia, Chapada Gaúcha e Buritis (esses quatro municípios do sertão de Minas Gerais), circulamos por intermédio do Programa Petrobras Distribuidora de Cultura juntamente com a oficina *Teatro e sua arte pop: corpo e cidade*, e o espetáculo *Urucuia Grande Sertão*. No Rio ainda aconteceram edições no Circo Voador, Castelinho do Flamengo - Centro Cultural Municipal Oduvaldo Vianna Filho, Parque das Ruínas, Museu de Arte Moderna - MAM Rio, Cidade das Artes, Palacete Princesa Isabel, Museu da Justiça do Estado do Rio de Janeiro, Centro Cultural Municipal Laurinda Santos Lobo, Museu de Arte do Rio e Festa Literária das Periferias (Flup).

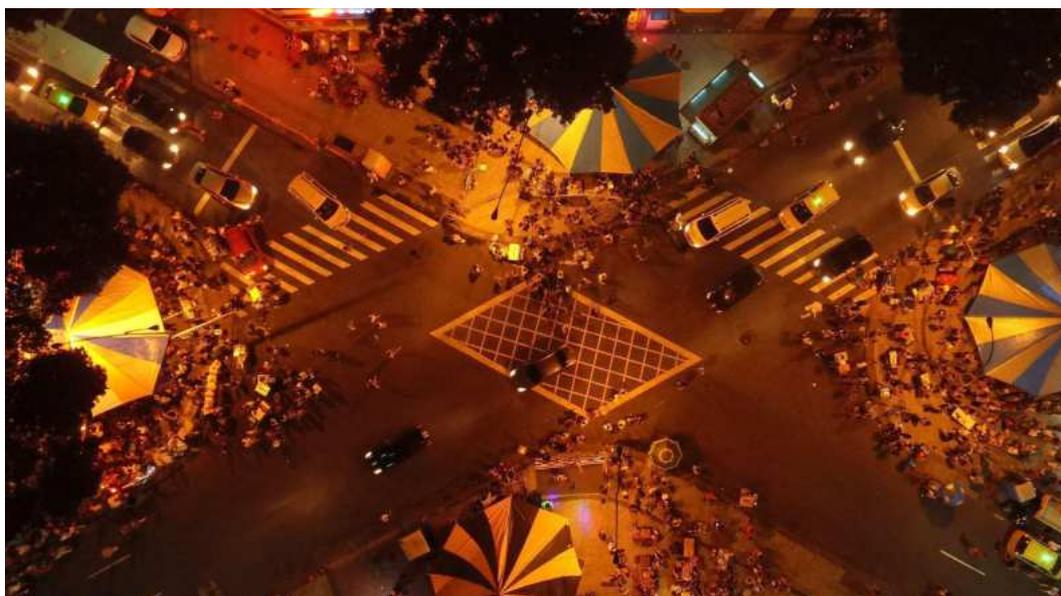


Figura 32 - As quatro esquinas da Praça Luana Muniz ocupadas pelo Baile de Gala do Sarau do Escritório. Fonte: Acervo Peneira



Figura 33 - Ruas tomadas durante o cortejo de uma fanfarra no final de uma das edições do Baile de Gala do Sarau do Escritório. Fonte: Acervo Peneira/Victor Coutinho



Figura 34 - Cartaz da edição do Sarau do Escritório no Circo Voador. Fonte: Acervo Peneira

Em 2014, Rebeca, Luiz e eu começamos a investigar o crescimento dos saraus por aqui, e no ano seguinte lançamos a plataforma Mapeamento dos Saraus da

Região Metropolitana do Rio de Janeiro³⁴, uma pesquisa em que dimensionamos e diagnosticamos as práticas de variados saraus da metrópole fluminense. Nesse processo identificamos 133 saraus em atividade, sendo 28 só na Zona Norte da capital, 27 na Zona Sul e 21 na Baixada Fluminense. A programação e o design gráfico do projeto ficaram a cargo do Igor Abreu, um dos fundadores da Quermesse, um coletivo parceiro que também ocupava as ruas do Centro do Rio.

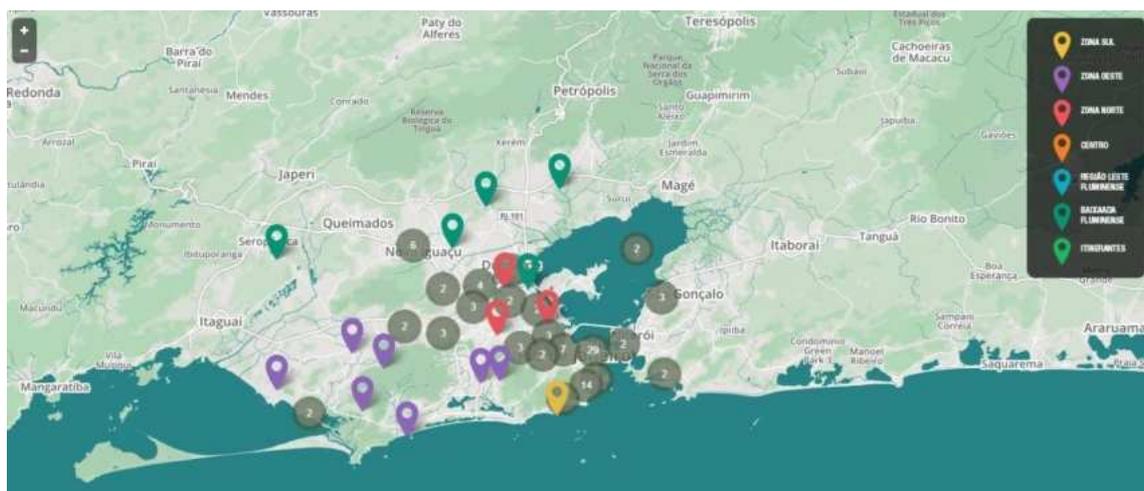


Figura 35 - Mapa dos Saraus da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Fonte: Acervo Peneira.

Numa coluna do Marcus Faustini publicada no jornal O Globo, ele escreveu um artigo intitulado “Mais de cem saraus no Rio”, em que cita a expressão como uma importante plataforma cultural daquele período.

Mais de cem saraus espalhados por diversos cantos da cidade do Rio, Baixada e arredores marcaram a cena nos últimos meses. O que parecia ser uma expressão alternativa ou até mesmo nostálgica, consolida-se como uma atual plataforma de ocupação cultural das ruas e de espaços alternativos, além de um laboratório eficaz de produção e criação artística de novos realizadores, misturando linguagens a partir da poesia e da vontade de ocupar o tecido urbano com arte. Vejamos o exemplo do Sarau do Escritório, que pode ser pensado como uma das sínteses desse cenário renovador do nosso imaginário popular. (FAUSTINI, 2015:2)

³⁴ A plataforma Mapeamento dos Saraus da Região Metropolitana do Rio de Janeiro está fora do ar, mas existe um registro do projeto no site da Peneira <<https://peneira.org/wp-content/uploads/2020/07/Dados-mapeamento.pdf>>. Acessado em 6/08/2022.

A discussão sobre ser “alternativo” no Rio sempre despertou em mim uma certa curiosidade. Será que ser “não alternativo” é estar em cartaz somente nos teatros privados da Zona Sul ou na Barra? É conseguir captar uma boa grana através das leis de incentivo? Faço esses questionamentos porque naquele outro Brasil, o que promovia editais públicos, nós estávamos ali disputando e vez ou outra levando. Também estávamos com pauta nos teatros da ZS, mas circulando em diversos territórios da metrópole, e ainda colaborando pra cultura pulsar nas ruas.

Faustini continua a coluna costurando a ideia do encontro a partir do *Escritório*.

De diversos pontos da metrópole — Nova Iguaçu, Zona Oeste e Nilópolis, por exemplo — e de diferentes expressões de linguagens artísticas — teatro, cinema, poesia —, alguns jovens com passagem por coletivos e organizações em suas bagagens resolveram ocupar a frente de um bar na Lapa, reduto de uma boêmia universitária, no cruzamento da Rua Gomes Freire com Mem de Sá. Realizam ali um sarau a cada mês. Este é o Sarau do Escritório, que sempre escolhe figuras do imaginário popular, das ruas e presta homenagem a elas. Lavam a calçada antes do começo de cada edição — para “pedir licença, dar um carinho na vizinhança e abrir os trabalhos”. Em volta, ônibus, vans, táxis cruzam a cena em sequência; travestis se posicionam para mais uma noite; vendedores de rua ofertam seus amendoins torrados com temperos; a polícia, em sua versão “Lapa presente”, concentrada, observa os jovens que participam do sarau. Poesias, performances, cenas teatrais, intervenções musicais, hip-hop, passinho do menor são disparados para uma plateia em que estão presentes outras das melhores cabeças jovens da cena atual, também realizadores de ações estéticas e sociais de intervenção urbana — parecidas com o Sarau do Escritório — em favelas, subúrbios e espaços urbanos da metrópole. (FAUSTINI, 2015:2)

Faustini fala ainda dos rituais do grupo, muitos deles iniciados ainda em 2010, na época em que nos reuníamos no Centro Cultural A História Que Eu Conto (CCHC), como: a ideia de aglutinar pessoas de diferentes cantos e níveis sociais; misturar linguagens artísticas; usar o espaço público como plataforma de experimentação; trabalhar a memória a partir do cotidiano; agir pelo direito à cidade; diminuir as distâncias entre as convenções de “artista” e “espectador”.

Não só por sua singularidade como ação cultural e artística, acompanhar uma noite desse sarau vale também pela possibilidade de encontrar ali esses jovens realizadores de diversos pontos da cidade. Não é um exagero dizer que, se você deseja conhecer de fato um novo carioca, um novo Rio, é nesse sarau que você encontrará boas mãos para caminhar junto. Dali é possível fazer conexão, por exemplo, com Vivi Salles, que está criando uma editora de livros na Cidade de Deus; Anderson Barnabé e sua banda Visão Periférica, que mistura audiovisual e ritmos populares em seus shows; de São Gonçalo,

uma pérola está sempre presente: Jeosanny Kym e suas aulas sobre prazer sexual com seu projeto/performance pedagógico Xota K. Ecio Salles, da vitoriosa e exemplar Flup, já marcou presença como produtor convidado, potencializando a conexão entre gerações. Poetas, rapeiros, bandas etc. — a lista da rede mobilizada por esse sarau é bem grande. Num papo de mais fôlego com alguns desses frequentadores, o volume consistente de informações sobre novos escritores e novas peças de teatro em diversos cantos da cidade aparece em minutos. (FAUSTINI, 2015:2)

Resgato como fio o apontamento das relações com diferentes gerações. Faustini cita o exemplo do Ecio Salles, que idealizou a Festa Literária das Periferias (Flup) ao lado de Julio Ludemir, e tanto um como o outro foram parceiros de primeira hora em muitas das nossas ações. Ecio, inclusive, foi o editor da Revista Apalpe, em que Luiz, eu e diversos outros autores publicamos, em 2010. Assim como eles, outros tantos artistas foram fundamentais para os desdobramentos dessa obra chamada Peneira, e isso me remete a um trecho do livro “Cidade Ocupada”, do Ericson Pires³⁵. Só um parêntesis. Esse livro foi publicado pela Editora Aeroplano/Coleção Tramas Urbanas, que na época pertencia a Heloísa Buarque, e que tinha como consultor o mesmo Ecio. Olha aí os tais cruzamentos geracionais.

Um fator histórico que contribui, parcialmente, para esse contexto de produção é a série de produções e acontecimentos da década de 60/70 realizados na cidade. Apesar de não ser determinante para explicar, ou mesmo compreender, a emergência desses acontecimentos na cidade e no Brasil em geral, podemos dizer que não só o neoconcretismo, mas algumas produções posteriores e toda a emergência do conceitual têm um papel significativo nessas atuais ações. A maioria da produção que se seguiu nos anos 70, ligada à chamada arte conceitual, marcou o imaginário da cidade e de muitos desses atuais produtores de arte, através de recepções e/ou referências das mais variadas. Essas produções são elos possíveis para se pensar a forma pela qual a configuração atual se realiza. Não se trata de pensar de maneira causal, mas de se articular possíveis pontos para a explicitação deste acontecimento. Os encontros realizados com produtores de arte do 70 e com a atual produção se dão o tempo todo, a partir de diversas formas: aproximações, crítica, parcerias, diálogos, ataques e muitas vezes a própria presença dessas produções e de seus realizadores. A proximidade é sem dúvida um item para se levar em consideração. (PIRES, 2007:23-24)

Ler é muito diferente de assistir a imagens em movimentos, apesar da leitura nos permitir sonhar e inventar outras possibilidades. Falo isso não em oposição a uma ou outra linguagem, mas para destacar as minhas impressões ao assistir aos

³⁵ Texto que reli para uma das aulas do estágio docência na disciplina "Comunicação e Cultura Brasileira II", que divido com meu orientador Marildo Nercolini, no Departamento de Estudos Culturais e Mídia da UFF.

documentários “As Incríveis Artimanhas da Nuvem Cigana”, de Claudio Lobato e Paola Ribeiro, e “Circo Voador - A Nave”, de Tainá Menezes. O primeiro apresenta as influências da Nuvem Cigana, coletivo de poetas marginais dos anos 70, nas artes brasileiras. O segundo trata do surgimento do Circo Voador, em 1982, ainda no Arpoador, e de sua importância até os dias atuais. O que esses dois filmes têm em comum? Além das duas histórias se passarem na ZS carioca, muitos dos personagens estiveram envolvidos em ambos os movimentos. E o que isso tem de relação com o que fazemos?

Graças às políticas públicas implementadas pelos governos do Partido dos Trabalhadores (PT), entre os anos de 2003 e 2016, as discussões por outros corpos protagonistas das cenas e dos debates, além da democratização do acesso à internet, passamos a visualizar uma gama de fazedores de cultura para além do perímetro Leblon x Leme. Um exemplo é que um dos hits dos Jogos Olímpicos Tóquio 2020, agora em 2021, foi o funk "Chamo teu vulgo malvadão", da MC Jhenny, de 18 anos, nascida e criada em Duque de Caxias, e que teve seu trabalho revelado pelo TikTok. Nós, que não nascemos na orla carioca, temos hoje diferentes possibilidades de intercâmbio, sobretudo através das redes, mas, não dá pra romantizar. Dia desses escrevi um texto sobre isso, e compartilho aqui.

Nos anos 1980, a Rádio Fluminense FM irradiava rock and roll pra todo o Rio a partir do Centro de Niterói, e era um estrondo, sobretudo nas dobradas que fazia com o Circo Voador. A emissora se notabilizou por tocar os artistas ditos malditos, e numa edição do programa Revolution, em 1982, Sérgio Vasconcellos e Luiz Antônio Mello comentavam sobre Arrigo Barnabé, Jorge Mautner, Walter Franco, Sérgio Sampaio e Itamar Assumpção, que não conseguiam receptividade junto às gravadoras, mas tocariam na Flu FM Maldita justamente por carregarem essa pecha. Passados quase 40 anos desse episódio, e somado a isso o desaparecimento das grandes gravadoras e dos contratos com canais de TV, a impressão que tenho hoje, é que a maioria de nós, artistas brasileiros, somos meio malditos, meio marginais. Na teoria não precisamos das rádios, TVs ou jornais. Temos a internet, o Spotify, o Youtube, e as redes sociais para escoar os nossos trabalhos. Na prática sabemos que não é bem assim. Os fatores sociais e econômicos continuam ditando as regras, e os espaços físicos para shows, apresentações e exibições ainda contam e muito. (TEIXEIRA, 2020)

E qual a conexão com a galera da Nuvem Cigana, do Circo ou com as citações do Ericson Pires e a minha? Estamos todos cruzando com outras gerações, nos retroalimentando, inventando diferentes espaços, criando outros modos de operar a

cidade e tentando juntar gente para uma pauta: a cultura, nos seus mais variados modos e estilos. Aproveito para compartilhar uma poesia do Chacal, artista que fez parte da Geração Mimeógrafo, da galera do Circo, que foi publicado pela Heloísa Buarque de Hollanda no seu “26 Poetas Hoje”, em 1975, que atuou em grupos como a Nuvem Cigana e o Asdrúbal Trouxe o Trombone, e que criou o CEP 20.000 em 1990 junto com o poeta Guilherme Zarvos. Se você reler algumas páginas dessa escrita, vai perceber que existem vários pontos de contato, e uma dessas faíscas é a poesia *Sarau do Escritório*, que o Chacal escreveu no ano passado, e recitou no evento virtual em celebração aos 10 anos da Peneira.

*Sarau do Escritório
Peneira 10 anos*

*No sétimo dia, Deus disse:
Agora os poetas para cantar essa obra tremenda.
E foi descansar.*

*Os poetas olharam em volta e entoaram loas
Era ali no meio do murundum ainda intacto
Que iriam proliferar
Apontaram suas penas
Espadas de fogo, cálices de vinho
E foram pra lapa dar voz à lira*

*Lá na encruza tinha um auê
Sarau do Escritório por supuesto
Os poetas eram do tempo em que
Terra ar corpo palavra se amalgamavam.
Se sentiram em casa*

*Como eram bonitas as pessoas
Se alinhavando por ali
O som o gesto a cena, traficantes de especiarias
Se misturando
Num entra e sai de ventríloquos do além*

*E cada um ao mesmo tempo disse uma canção
E uma algaravia celestial iluminou o bruhaha
Explanando o que Deus não soube fazer
E inaugurando o carnaval*

.....
chacal. 22.07.2020

ATO II, CENA II

Os desdobramentos

O espetáculo *Sarau do Escritório* serviu de laboratório para o aprimoramento de diversas práticas que já vínhamos trabalhando e que se desdobraram em distintas ações do grupo, como as publicações editoriais *Cartonera do Escritório - volume I e II*, *A palavra também é meu ofício* e as oficinas *Teatro e sua arte pop: corpo e cidade* e *Produção na urgência: como produzir com poucos recursos*, além do festival *O Passeio é Público*, realizado em parceria com os coletivos SerHurbano, Faz na Praça, Quermesse, Leão Etíope do Méier, Ocupa Lapa, Ethnhaus, Fábrica Nômade Sonora, Rádio Libertá, Subsolo, Trama e Circo Voador, e o *Festival Passeio em Cena*, dedicado exclusivamente às artes cênicas.



Figura 36 - Festival O Passeio é Público, nos jardins do Passeio Público, no Centro do Rio.

Fonte: Acervo Peneira. **Figura 37** - Festival Passeio em Cena, nos jardins do Passeio Público. Fonte: Acervo Peneira/Rapha Silva

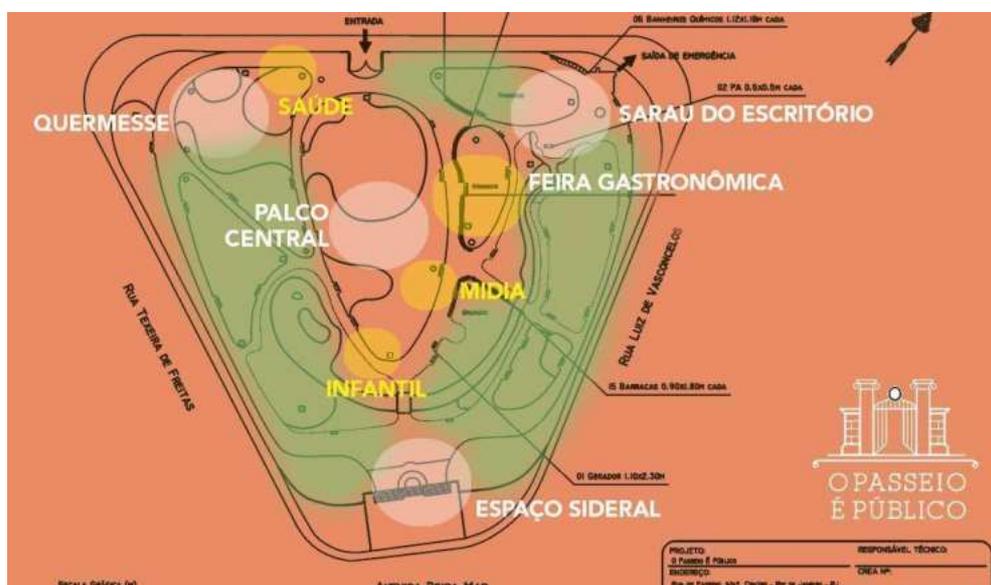


Figura 38 - Planta da ocupação do Festival O Passeio é Público. Fonte: Acervo Peneira/Arte: Marcela Richa

Em 2016 fomos contemplados pelo edital Programa de Fomento da Prefeitura do Rio – Viva a Arte, e montamos o espetáculo *O Provinciano Incurável*, um novo texto do Luiz Fernando Pinto, e que seguia as pesquisas sobre o universo do Luís da Câmara Cascudo. Para esse trabalho resolvemos repetir a parceria com a Marcia do Valle na direção. Como estreariamos bem nos primeiros meses da gestão Michel Temer (PMDB), e estávamos bastante ativos no Ocupa MinC, ocupação artística que aconteceu em 2016 em diversas capitais do Brasil, e que protestava contra a extinção do Ministério da Cultura (MinC) pelo governo golpista do Temer, resolvemos operar pelas brechas, e realizamos a pré-estreia durante a ocupação, no palco do Canecão. No Rio, a ação Ocupa MinC aconteceu inicialmente na sede do MinC, o Palácio Gustavo Capanema, no Centro, e, na sequência, na antiga casa de shows Canecão, em Botafogo, imóvel pertencente à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e que estava fechado há anos. Participaram dos atos artistas como Caetano Veloso, Chico Buarque de Hollanda, Andrea Beltrão, Amigos da Onça, BNegão, Orquestra Voadora, Agytoê, Teresa Cristina e Jards Macalé.



Figura 39 - Pré-estreia do espetáculo *O Provinciano Incurável* no palco do Canecão. Fonte: Acervo Peneira/Larissa Amorim



Figura 40 - Apresentação do espetáculo *O Provinciano Incurável* no Parque Madureira.

Fonte: Acervo Peneira/Larissa Amorim

No mesmo ano, Priscila Bittencourt idealiza o *Cine Vila*. Ela e Larissa Amorim passam a tocar essa nova ocupação mensal voltada para experimentações audiovisuais na Praça Tobias Barreto, em Vila Isabel. Paralelo a isso, estávamos circulando com o *Urucua Grande Sertão*, apresentando *O Provinciano Incurável*, realizando a oficina *Teatro e sua arte pop: corpo e cidade*, fazendo edições mensais do *Sarau do Escritório*, e sempre pensando em novos projetos. Voltamos então a uma referência que o ator e bailarino Michel Robim tinha nos apresentado em 2010, lá no Centro Cultural A História Que Eu Conto (CCHC), e que achamos que tinha a maior sinergia com os caminhos que estávamos trilhando. Estou falando da prática teatral conhecida como Teatro Comunitário Argentino (ROSEMBERG, 2009) ou Teatro de Vizinhos (SCHER, 2010). Reassistimos uns DVDs que Robim havia nos presenteado, e que demonstrava algumas ações na Argentina. Estávamos convencidos: era isso que queríamos desbravar.

Em torno de 2014, Luiz Fernando Pinto tinha conhecido o diretor teatral e programador artístico português Hugo Cruz, pesquisador de práticas artísticas comunitárias. Em 2015, fizemos um curso com ele no Sesc São Paulo. Retornamos ao Rio com um convite para falar das experiências do *Sarau do Escritório* no MEXE - Encontro Internacional de Arte e Comunidade, evento no qual Hugo Cruz faz a direção artística, e que seria realizado em 2017, na cidade do Porto, em Portugal. No mesmo

ano estive nas cidades de San Salvador de Jujuy, no Noroeste da Argentina, e em Santiago, no Chile, acompanhando dois festivais de Teatro Comunitário.

Em 2016 foi lançado o edital Territórios Culturais, da Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa (Secec), e inscrevemos uma proposta de intercâmbio com o Grupo Código, de Japeri. O projeto *Teatro e as narrativas do território* buscava por intermédio da arte-comunidade, possibilidades de experienciar processos coletivos que perpassassem pelo contato com a urbe, o corpo e a palavra.

Conheci parte das pessoas que viriam a formar o grupo Código ainda no início dos anos 2000, nos cursos de teatro do extinto Centro Cultural de Nilópolis. Em 2005 participei de uma oficina de teatro do Grupo Nós do Morro, onde algumas pessoas se juntaram, e dali foi criado o Grupo Código. Nos anos que se seguiram, sempre que podia, acompanhava seus trabalhos, e sabia da atuação deles com o território através de oficinas e trabalhos relacionados à memória local de Japeri. Além da estética dos espetáculos, tinha um outro ponto que me chamava bastante atenção. A organização em relação a burocracia. Já nos projetos iniciais eles estavam institucionalizados, disputavam editais, levavam, e faziam de fato um movimento artístico territorializado.

A proposta *Teatro e as narrativas do território* foi aprovada, e Michele Lima Pereira, Luiz Fernando Pinto e eu desembarcamos em Japeri para um mergulho sobre as histórias da cidade. Pela Peneira, quem também fazia parte era o Jon Thomaz na iluminação, a Larissa Amorim na fotografia, o Victor Magrath no vídeo, e a Priscila Bittencourt na edição. O Código chegou com a Carol França, Débora Crusy, Jorge Braga Jr., Nil Mendonça e a Rita Diva, e dos encontros na sede do grupo, na Rua Davi, 397, no bairro Nova Belém, nasceu o espetáculo *Yaperi_aquilo que flutua*, que contava experiências e memórias vivenciadas durante um longo trajeto em direção a terra de Yaperi, lugar marcado por encontros, disputas e atravessamentos. O resultado foi compartilhado em apresentações nas ruas de Japeri e em Bangu, na Zona Oeste da capital. Pela primeira vez o Código fazia um espetáculo de rua, a partir das provocações que levantamos.



Figura 41 - Imagem de divulgação do espetáculo Yaperi_aquilo que flutua. Fonte: Acervo Peneira/Larissa Amorim

Em 2017 iniciamos uma fase de mudanças bastante significativas. A primeira delas foi a transformação do nome Coletivo Peneira para somente Peneira, que veio acompanhada de uma nova identidade visual. A alteração no nome desta vez aconteceu pela forma como o termo “coletivo” estava sendo tratado na cidade do Rio de Janeiro. Algumas pessoas diziam que os coletivos faziam com pouco ou nenhum dinheiro, e assim poderiam seguir. Outros falavam que os coletivos eram agrupamentos burgueses arruaceiros. Houve ainda uma cooptação de narrativa por parte da prefeitura que, por volta de 2016, veiculou uma propaganda que dizia: “O Rio é a cidade dos coletivos e das ruas ocupadas”, e nós sabíamos bem os desafios que enfrentávamos com aquele governo do PMDB para colocar qualquer tipo de ação nos espaços públicos. Até a Coca-Cola criou um tal de Coletivo Coca-Cola.

Como desejávamos disputar a cidade, as narrativas e a fatia da grana da cultura, optamos por mudar.



Figura 42 - Evolução da identidade visual. Criações de LF logs, Karine Drumond e Alex Lethy. Fonte: Acervo Peneira

Criamos ainda o site peneira.org com informações em português, inglês e espanhol, para organizar e visibilizar todos os trabalhos realizados, e iniciamos o processo de institucionalização, optando pela formalização como associação cultural. Entre 2013 e o início de 2017 tínhamos uma parceria de produção executiva com a Pagu Produções Culturais, e até então, utilizávamos o CNPJ desta empresa para concorrer aos editais. Nesse período, Larissa, Luiz, Michele, Priscila e eu, começamos a pensar em como juntar as experiências dos espetáculos, das performances, das intervenções e das ocupações de espaço público que a Peneira vinha desenvolvendo nos últimos sete anos, numa espécie de método, e assim surgiu a ideia do *Fabulações do Território*. Entre 2017 e 2018 tentamos alguns editais de instituições privadas, como o Rumos Itaú Cultural, Programa Oi de Patrocínios Culturais Incentivados, Volkswagen na Comunidade, Prêmio seLecT de Arte Educação, além do IberCultura Viva, que é uma cooperação técnica e financeira entre governos, mas nada rolou. Paralelo a isso começamos a procurar um espaço físico entre o Centro e a Glória, que pudesse abrigar a sede da Peneira.

Corta para setembro de 2017. Luiz e eu fomos a Portugal apresentar um pôster no Encontro Internacional de Reflexão Sobre Práticas Artísticas Comunitárias (EIRPAC), dentro da programação do MEXE - Encontro Internacional de Arte e Comunidade, e uns meses antes começamos a organizar uma rede de contatos para realizarmos a oficina *Teatro e sua arte pop_corpo e cidade* e edições do *Sarau do Escritório*. Ao longo de um mês, trabalhamos e fizemos conexões nas cidades de Lisboa, Coimbra e Porto. No mesmo ano encontramos o lugar ideal para abrigar a Peneira, a Casa de Estudos Urbanos (CEU), localizada na Rua da Glória, número 18

A, no bairro da Glória. O espaço compartilhado abrigava jovens arquitetos e artistas que estavam pensando cruzamentos entre arte e cidade.



Figura 43 - Evento Abre alas realizado em 2018 na Casa de Estudos Urbanos. Fonte: Acervo Peneira/Victor Coutinho.



Figura 44 - Calçada da Rua da Glória ocupada durante o evento Abre alas, na Casa de Estudos Urbanos. Fonte: Acervo Peneira/Victor Coutinho

Com a mudança para a CEU no início de 2018, estabelecemos que faríamos a primeira experiência do método *Fabulações do Território* na vizinha Rua Joaquim Silva, no bairro da Lapa, mesmo sem a captação de recursos desejada, e contando com a rede que tínhamos estabelecido na metrópole ao longo dos anos.

O Rio de Janeiro é hoje o palco de ações articuladas por meio do diálogo entre inúmeros atores, pertencentes aos mais diferentes segmentos da sociedade. A cidade é o resultado de uma criação coletiva, plural; ela representa um verdadeiro caleidoscópio de encontros, desencontros, movimento, transformações. (COUTINHO, 2010:232)

Estávamos num ano eleitoral e colocar esse projeto na rua era a nossa estratégia de articulação através do diálogo, como pontuou a professora e pesquisadora Marina Henriques Coutinho. Lembro que chegamos a comentar algo como: “Ou a gente faz esse negócio agora, ou não sabemos o que pode acontecer com o Brasil caso o Jair Bolsonaro vença as eleições”. Nessa época, estava muito em evidência na nossa bolha da esquerda o discurso de “precisamos voltar para a base”, e vez ou outra, andando pela cidade, me deparava com cenas como a que registrei no Anfiteatro da Central do Brasil, numa manhã do dia 7 de março de 2018. Era um pastor que pregava para uma plateia majoritariamente feminina, sobre questões relacionadas ao amor, desigualdade social, corrupção e como cambiar o mundo através da fé. Acredito que esse é um dos possíveis trabalhos de base que a grande maioria de nós, progressistas e pessoas de esquerda deixamos de cultivar, e que fazem total diferença no final do dia.



Figura 45 - Pastor pregando às 7h no Anfiteatro da Central do Brasil, em março de 2018.

Fonte: Alex Teixeira.

ATO II, CENA III

O turista aprendiz

Dezembro de 2021, 21º mês da pandemia da Covid-19. Começo essa Cena III escrevendo no bloco de notas do celular, sentado em um banco dentro de uma das salas do Museu d'Orsay, em Paris, onde está rolando a exposição *Enfin le cinéma! Arts, images et spectacles en France (1833-1907)*. Vim passar uns dias na casa do Victor Magrath, o Vitinho, que fez parte da Peneira durante anos, e foi o responsável pela maioria dos registros audiovisuais do grupo. Vitinho e sua companheira Sarah Bianco tiveram um bebê recentemente, o Caê. Eles moram em Aubervilliers, o distrito 91 do subúrbio de Paris. Faço essa introdução para abrir um diálogo sobre a minha relação com as cidades, e como isso consequentemente se reflete em meus fazimentos artísticos e nesta pesquisa acadêmica. Abaixo compartilho uma crônica que publiquei no instagram.

O ônibus saindo do Aeroporto Beauvais fazia ponto final ao lado de um mega canteiro de obras em Porte Maillot, numa zona bastante movimentada de Paris. Até aí achava que estava rolando só um recapeamento asfáltico mais apumado (porque usavam um Carvalhão bolado), ou uma obra bizarra da Cedae (galera ali devia tá toda sem água, pensei). Quando desembarquei na estação Aubervilliers do metrô, me deparei com um prédio modernoso onde era possível ver no topo os anéis olímpicos, seguidos de "Paris 2024". Tinha

me desligado completamente da informação que os próximos Jogos Olímpicos serão em Paris. O que vi nos dias que se seguiram foi uma cidade completamente revirada, obras por tudo quanto é lado, ponto de ônibus trocado, rua com mão invertida, construção de novas estações de metrô, túneis, operação tapa buraco e mais aquele caos que a gente já viveu em outros carnavais. A diferença é que Paris se vende como uma cidade sofisticada, a capital do luxo... e basta uma caminhada pra ver que tá tudo lá. Camelô da Uruguaiana na porta da Torre Eiffel, churrasquinho na saída do metrô, ratazana correndo por cima das botas das mademoiselle em pleno centro da cidade, e óbvio, a convulsão social. A Cidade Luz se ilumina mesmo é das gambiarras e dos pisca-piscas dos ambulantes imigrantes. (CRÔNICA A CIDADE LUZ DAS GAMBIARRAS, 23 de janeiro de 2022)³⁶

O título desta Cena III é o mesmo utilizado no diário das viagens de Mário de Andrade, concluído em 1943, e só editado pela primeira vez em 1976, exatamente 10 anos antes do meu nascimento. Quando trabalhávamos a oficina *Teatro e sua arte pop: corpo e cidade*, sempre citávamos esse livro, e propúnhamos a seguinte dinâmica para as criações artísticas. Saídas individuais pelo território no entorno de onde o curso estava sendo aplicado, mas com um olhar de turista, ou seja, aquele mais atento aos detalhes. A flor que nasce entre as pedras da sarjeta, o pixo que declara saudade de alguém que partiu, a luz amarelada do poste que reflete na janela e causa um efeito diferenciado no azulejo da mureta. Todas as sutilezas poderiam e deveriam ser levadas em consideração para o desenrolar da formação. Acho que aprendi isso na Peneira, e levo como uma receitinha, não somente nos ambientes de criação, mas em minhas andanças cotidianas.

Nessa mesma viagem entre 2021 e 2022 estive em Barcelona, e assim como em Paris, identifiquei uns traços que fazem total relação com o Rio de Janeiro e com a Lapa contemporânea. Dessa forma, destaco aqui mais um textinho publicado no instagram.

Voltar a Barcelona pós Copa 2014 e Olimpíadas 2016 é a maior parada. As duas vezes que tinha estado na cidade o Rio vivia o auge da especulação e da gentrificação. Tinha Cristo decolando na capa da Economist, explosão nos preços dos aluguéis e aquele papo institucional de que tudo ia melhorar, afinal, seguíamos a cartilha das transformações implementadas nos Jogos Olímpicos Barcelona 92. Não tinha como dar caô, diziam. Passados os mega eventos, as tratoradas (essas nunca terminaram), as escolhas bizarras de gestão (hum, isso também tá mais presente que nunca) e mais a pandemia, temos um Rio decadente, com obras inconclusas, políticas sociais frágeis e

³⁶ Para ler o texto "A Cidade Luz das gambiarras" na íntegra acesse: <https://www.instagram.com/p/CZE-lmqNK4h/?igshid=YmMyMTA2M2Y>. Acessado em 1/03/2022.

preços que não fazem o menor sentido para a nossa realidade. Mas e Barcelona na fila do pão? A capital da Catalunha segue a lógica da cidade mercado e expande o processo de higienização iniciado em sua zona portuária no começo dos anos 90. No Raval (bairro habitado significativamente por imigrantes do Norte de África, árabes e latinos) por exemplo, tem açougue virando boteco hype, hotel descolado em antiga ocupação e muita luta pra galera não ser expulsa para as bordas da cidade. Não é fácil a vida do trabalhador na cidade (em qualquer cidade) pós-olímpica, mesmo 30 anos depois. (CRÔNICA CIDADE PÓS-OLÍMPICA, 9 de janeiro de 2022)³⁷

Esse meu olhar para os territórios pensando em processos de exclusão e direito à cidade vem muito a partir da descoberta do geógrafo, urbanista e antropólogo David Harvey. Quando li *Cidades rebeldes* foi como se ele tivesse organizado várias questões que há tempos martelavam na minha cabeça, como os assuntos relacionados aos espaços públicos.

As praças Sintagma, em Atenas, Tahrir, no Cairo, e da Catalunha em Barcelona eram espaços públicos que se tornaram comuns urbanos quando as pessoas ali se reuniram para expressar suas opiniões políticas e fazer suas reivindicações. A rua é um espaço público que histórica e frequentemente se converte pela ação social em um comum do movimento revolucionário, assim como em um espaço de repressão sangrenta. Sempre houve uma luta por quem cuidará e para quem a produção e o acesso ao espaço e aos bens públicos devem ser regulados. A luta para apropriar os espaços e bens públicos urbanos tendo em vista um objetivo comum está em curso. Todavia, para proteger o comum, quase sempre é crucial proteger o fluxo de bens públicos que corroboram as qualidades do comum. À medida que a política neoliberal reduz o financiamento de bens públicos, também provoca a redução do comum disponível, obrigando grupos sociais a buscar outros caminhos para manter o comum (a educação, por exemplo). (HARVEY, 2014:144-145)

Lembro que em 2016, num movimento da pré-campanha de Marcelo Freixo, à época no PSOL, à prefeitura do Rio, assisti durante quatro dias as aulas do curso Cidades Rebeldes e Espaços de Esperança, que contou com a presença de David Harvey, e foi realizado pelo Se a Cidade Fosse Nossa, no Cine Odeon e na escadaria da Câmara de Vereadores, na Praça da Cinelândia. O mote das discussões girava em torno de um aprofundamento sobre a importância da preservação do comum, como citado acima, e como superar os desafios de uma cidade que estava por vir, pós-megaeventos, e onde as ruas tinham se tornado espaços ainda mais repressivos.

³⁷ Para ler o texto "Cidade pós-Olímpica" na íntegra acesse: <https://www.instagram.com/p/CYhF1Jjsxj/?igshid=YmMyMTA2M2Y>. Acessado em 1/03/2022.

Diante daquelas discussões, rolava ali um fiozinho de esperança, de “esperançar”. Ou, como reflete Cortella no pensamento freiriano, “Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo” (CORTELLA, 2001). Inclusive, é uma sensação bastante parecida com a que sinto neste momento de 2022, nessa pré-campanha ao governo do estado e à presidência da República, quando Marcelo Freixo (PSB) e Luiz Inácio Lula da Silva (PT) aparecem bem cotados nas disputas do pleito de outubro.

Num olhar pelo retrovisor, percebo que essas características da curiosidade, das festas, e das ruas, sempre presentes nos processos da Peneira, são também atributos que carrego desde muito jovem. Na primeira infância, viajava para diversos estados brasileiros em excursões que minha avó Vera Teixeira, mãe do meu pai, produzia, e que muito provavelmente colaboraram para que eu me tornasse uma pessoa desbravadora. Minha tia Ivete Teixeira realizava uns eventos na rua em que morava, com shows musicais, números circenses e performances de drags. Numa dessas ações, aos três anos, fiz minha “estreia artística”, cantando no palco uma música de Raul Seixas, em troca de um prêmio. Uma bola dente de leite.



Figura 46 - Com a minha avó Vera Teixeira em Poços de Caldas, em junho de 1989. Fonte: Arquivo familiar.



Figura 47 - No carnaval de 1988, eu com um ano, acompanhado da minha prima Priscila Oliveira, de dois anos. Fonte: Arquivo familiar.

No Ato II me dediquei a falar sobre os processos e desafios de realizar um espetáculo de variedades durante anos numa encruzilhada da Lapa. Os desdobramentos e agruras da formalização e como contribui pessoalmente com a articulação da identidade do grupo. Já no Ato III pretendo me dedicar a pesquisar a implementação do método artístico-comunitário *Fabulações do Território* na Rua Joaquim Silva, na Lapa.

ATO III, CENA I

Vamo na Cidade?

Início o Ato III, mais especificamente a Cena I, a partir de uma perspectiva bastante pessoal sobre a relação que construí com a cidade, e como esses atravessamentos foram fundamentais para os encontros e projetos que desenvolvemos na Peneira.

A ideia do Centro como Cidade é diametralmente oposta à narrativa institucional de cidade cosmopolita. O Rio, apesar de se vender como moderno e avançado, até hoje conserva características bastante provincianas. Vou falar melhor disso já, já, quando me aprofundar na Rua Joaquim Silva.

Lembro que tinha uns 10, 11 anos, e fui com meu pai ao Centro pra ver o lance de um cursinho preparatório para alguma escola técnica. Era um negócio que se chamava “Projeto 5ª série” (o atual 6º ano), que capacitava a molecada para os concursos de admissão ao Pedro II, Colégio Militar, Cefet, Cefeteq, CAp e Faetec. Era um final de semana de manhã, não me recordo se sábado ou domingo, e as ruas estavam bastante desertas. Eventualmente apareciam umas pessoas em situação de rua e alguns porteiros e seguranças dos prédios. Nesse dia, na maior ingenuidade, pensei: “Jamais quero viver por aqui. Esse lugar é triste, cinza, deserto...”

Corta para os anos 2000. Enjoei das matinês de techno beat da Excentric, a boate que eu frequentava em Nilópolis e descobri a Lapa. Descobri que era possível dançar na rua as músicas de MPB que ouvia em casa e outras que eu tinha conhecido no teatro. Descobri a Rua Joaquim Silva de sexta à noite, lotada com todo tipo de gente. Descobri o Circo, a Fundação, o Teatro Odisséia, o Bar Arco Íris, o Bar do Gerson e o gurjão de peixe com caneca de vinho ruim do Bar do Victor, na esquina da Riachuelo com a Lavradio. Isso era 2005, eu tinha 18, e estava no primeiro ano da faculdade de jornalismo. Meio que um portal se abriu, sabe? Conto isso, pois todas essas descobertas foram utilizadas no processo criativo do *Fabulações* na Joaquim Silva.

Veio o carnaval de 2005, e pela primeira vez rompi com a tradição familiar de ir para a Região dos Lagos. Era isso desde 1991. Iguaba, São Pedro, Cabo Frio, Barra de São João, afinal, “o carnaval do Rio tinha morrido”, afirmavam os adultos à época. Entretanto, nos primeiros anos do século XXI a imprensa já anunciava os acordes da

tal retomada do carnaval de rua. E foi nesse embalo que resolvi ver qual era. Dá-lhe ficar esmagado no Cordão da Bola Preta, no Carmelitas, no Céu na Terra, na Banda de Ipanema, no Cordão do Boitató, no Simpatia, no Suvaco, no Banga, no Imprensa que eu gamo, no Quizomba, no Monobloco (ainda na praia de Copa). Esse ano foi intenso, e de muitas descobertas, incluindo a de que o carnaval de rua nunca tinha acabado, afinal, o Bola, o Cacique, o Simpatia e vários outros jamais tinham deixado de desfilar.

Buscando imagens em antigos CDs de fotos na casa dos meus pais, me deparei com alguns registros que fiz do desfile do Cordão da Bola Preta, ainda na Avenida Rio Branco, em 2005. No alto do trio elétrico do bloco, diversas bandeiras em tons verde e amarelo tremulavam ao lado da identificação do MV-Brasil³⁸, um movimento nacionalista de extrema direita que defendia o uso de produtos 100% nacionais. Nessa época, era comum andar pelas ruas do Centro e avistar uns lambe-lambes com frases como “Halloween é o cacete! Viva a cultura nacional!” e “Resistir é preciso. Viva o Brasil!”. O que me faz refletir que esses movimentos conservadores sempre estiveram presentes e a gente é que fazia questão de não dar muita atenção.



Figura 48 - Trio elétrico do Cordão da Bola Preta no carnaval de 2005 e diversas bandeiras do Brasil, além da identificação do movimento direitista MV-Brasil. Fonte: Alex Teixeira.

Nos carnavais seguintes comecei a estudar melhor a folia e as tradições. Fazia planilha no Excel e mandava por e-mail para um grupo de amigos que vinham de vários lugares do Rio, incluindo a galera que integraria a Peneira. A cada fevereiro esse grupo aumentava e eu me encorajava a descobrir blocos diferentes. Com o

³⁸ Matéria da Revista Trip sobre o MV-Brasil <https://revistatrip.uol.com.br/trip/a-patria-que-os-pariu>. Acessado em 1/08/2022.

passar dos anos, percebi que o carnaval na orla - apesar de mais arejado - não era o mais legal. O maneiro mesmo era a folia do Centro, do mesmo Centro Velho que me intimidava na infância. Aquela altura entendia porque a Cidade era propositalmente cinza, porque as pessoas viviam em situação de rua, e como a folia de momo era capaz de transformar os territórios, nem que fosse por quatro dias.



Figura 49 - Cortejo do Cordão do Boi Tolo embaixo do finado Elevado da Perimetral e passando em frente ao Banerjão, atual Assembléia Legislativa do Rio. Fonte: Alex Teixeira.

Quando penso nessas paradas, sempre me recordo do trecho de “Reconvexo”, em que Caetano Veloso diz: “Quem não seguiu o mendigo Joãozinho Beija-Flor”, em alusão ao enredo “Ratos e urubus, larguem minha fantasia!”, da Beija-Flor de Nilópolis, de 1989. Versa a lenda, que o diretor de teatro Amir Haddad e carnavalesco Joãozinho Trinta juntaram naquele antológico desfile a comunidade de Nilópolis e centenas de pessoas em situação de rua do Centro da cidade, e ali não tinha muita distinção, todos confrontavam a arquidiocese com o Cristo mendigo, e bugavam o sistema num sambódromo que ia ao delírio. Esse tipo de bug, essa catarse, só é proporcionada pelo carnaval. Quando idealizamos o *Fabulações do Território*, nos inspiramos nessa grande ópera popular que é o carnaval das escolas de samba. Dividimos os núcleos artísticos em alas, e vislumbramos os participantes nos processos de ensaio como os componentes das agremiações. Na Cena IV vou falar melhor sobre isso.



Figura 50 - Foto do desfile de 1989 da Beija-Flor de Nilópolis. Fonte: Ricardo Leoni / Agência O Globo.



Figura 51 - O enredo “Ratos e urubus, larguem minha fantasia!”, era carregado de críticas sociais e abordava temas como favelas e população em situação de rua. Fonte: Ricardo Leoni / Agência O Globo.

Com alguns quilômetros rodados no carnaval, percebi que me perder dos meus amigos entre um bloco e outro era uma delícia. Uma oportunidade de conhecer outras pessoas, de abraçar desconhecidos, de desbravar blocos que não estavam na planilha do Excel, ou de parar numa agremiação de coroas que a minha galera jamais curtiria/encontraria. Essas características também estavam presentes na Peneira. Foram por esses motivos que resolvemos investir mais nos espaços públicos que nas salas fechadas.

Flanar pelas ruelas do Centro na folia de momo é a chance de descobrir outros carnavais dentro do mesmo carnaval. Num desses perdidos que dei nos meus amigos fui parar na Rio Branco (bem antes das obras do Boulevard Rio Branco) numa noite de Bafo da Onça e Cacique de Ramos. Lembrei na hora das histórias que meus pais contavam que antigamente a porradaria estancava quando os índios do Cacique encontravam as onças do Bafo. Isso já não acontecia há décadas, mas ver aquela gente me causava um misto de sentimentos. O passado estava mais presente do que nunca.

Todo ano se repetia a briga histórica do índio contra a onça. E o auge, os dois no máximo de suas agilidade e força, foi na década de 1960, quando travaram embates envolvendo até 30 mil foliões. Media-se a força pelo número maior dos componentes, a letra que melhor caía no gosto do povo e até mesmo o tapa. Para tudo acabar em chope na quarta-feira de cinzas (CABALLERO, 1987)

Hoje continuo gostando de desbravar os blocos piratas do circuito Caverna do Dragão (Boulevard Olímpico - Praça da Harmonia), mas não deixo de passar no Bafo pra cantar a plenos pulmões: “Nessa onda que eu vou / Olha a onda iaiá / É o Bafo da Onça / Que acabou de chegar”. Ou parar no Cacique pra fotografar o foguetório e ficar naquela euforia, já que: “Vou caciquear / Só vou parar na quarta-feira”. Me interessa também descer as ladeiras do Morro da Conceição com a clássica Banda da Conceição tocando Originais do Samba, ou me meter entre as vielas do Centro e da Zona Portuária em busca de cortejos improvisados.

Victor Belart, no livro *Cidade Pirata: Carnaval de rua, coletivos culturais e o Centro do Rio de Janeiro (2010-2020)* trata a ideia de “pirata” como:

...uma tendência (...) em compreender majoritariamente aquelas manifestações que atuaram sem autorização formal da Prefeitura. Ainda assim, compreendo a complexidade da diferença nem sempre precisa ou sequer necessária entre festa “oficial e não oficial”. Dessa forma, as chamo de Piratas, como prática de ocupação e modo de vida. (BELART, 2021)

De alguma forma, essa classificação de “pirata” perpassa por toda a trajetória da Peneira, desde a época em que pulávamos o muro do CIEP de Bangu para ensaiar, as estratégias que encontrávamos para colocar o Sarau do Escritório na rua, até a atuação do grupo na Joaquim Silva, na Lapa.

Em 2022, após um ano sem a festa de momo por conta da pandemia da Covid-19, tivemos dois carnavais de rua inteiramente piratas. Um em fevereiro, e o outro em abril, esse rolando oficialmente apenas na Marquês de Sapucaí. Foram festejos totalmente operados nas brechas, onde aquela ideia de cidade cosmopolita caía por terra. O negócio aqui - em muitos momentos - ainda funciona na base da gambiarra, como numa província.

Era sábado, dia 28 de fevereiro de 2022, umas 7h. O primeiro dia do carnaval que poderia não acontecer. A onda da Covid tinha dado uma diminuída significativa, e resolvi sair de casa ainda sem fantasia pra ver o que rolaria. Peguei o metrô na Glória, desci na Uruguaiana, atravessei as pistas da Presidente Vargas, segui pela Rua Uruguaiana e ao cruzar os trilhos do VLT na Marechal Floriano vejo um pequeno grupo de pessoas fantasiadas. Dobro em direção a Igreja de Santa Rita, e na Miguel Couto encontro uns músicos que se preparam. Era o sopro de que o carnaval poderia se desenrolar. 7h20, e a galera começa a tocar a marchinha *Abre Alas*, composta em 1889 por Chiquinha Gonzaga. Não me contenho, e as lágrimas escorrem. Um misto de sentimentos. A volta do carnaval após dois anos severos de uma pandemia, as mortes pela inércia do governo Bolsonaro, a cidade que se reencontrava com a cidade, o Brasil mergulhado naquela energia caótica num ano de eleição e Copa do Mundo, e as pessoas de novo nas ruas, mesmo com um risco ainda presente de contaminação, mas dessa vez já tínhamos três doses da vacina da Covid. O cortejo de umas 20 pessoas avança. Ao chegar na Rua Acre, aparecem três vans com a inscrição "Canil da Guarda Municipal (GM)". Os agentes descem com seus cachorros que começam a farejar os músicos, e pedem para o som parar. Não havia nem 10 minutos que tínhamos saído da Miguel Couto. Os instrumentistas tentam um desenrole com os guardas, e nada. Resolvem então voltar ao ponto inicial, na rua da igreja. A estratégia vira tocar parado na porta de um bar, já que a música em estabelecimento privado estava liberada. O grupo toca, já somos umas 40 pessoas, a GM chega de novo e interrompe a catarse bem na hora da marchinha *Índio quer apito* (1961). Uma menina vestida de planta, integrante do Bloco das Trepadeiras saca o celular e faz uma ligação de dois minutos. Na sequência, o telefone do chefe da operação da guarda vibra. Ele fala rapidamente, desliga, e anuncia aos cerca de 20 agentes: "Vamos embora, ocorrência na praia, ocorrência na praia!", seguem, e somem com seus pastores-alemães. Os foliões começam a gritar: "O Dudu liberou! O

Dudu liberou!” e rola um rufar dos tambores. A folia estava autorizada, e provavelmente aquele grupamento nem cobria a área da orla. A ligação da trepadeira tinha sido para o alcaide Eduardo Paes (PSD), que “legalizou” o bloco pirata.

Nas próximas cenas vou me debruçar bastante nessas disputas territoriais, nas redes e desenrols dos B.Os da Rua Joaquim Silva. Dessa data em diante não vi mais blocos cancelados, apesar das tensões instauradas em todos os dias da folia de 22, seja em fevereiro ou abril.



Figura 52 - Musicista tocando na porta do bar para tentar burlar as exigências da Guarda Municipal. Fonte: Alex Teixeira. **Figura 53** - Bloco “autorizado” após foliã passar um fio para o prefeito. Fonte: Alex Teixeira.

Aquele Centro Velho e cinza virara o meu lugar de trabalho, de pesquisa territorial e ações da Peneira, de diversão, de educação, de experimentação e entendimento de cidade. De entendimento da Cidade.

ATO III, CENA II

Como colocar um método artístico-comunitário na rua

A partir de 2016 ficamos pensando em como organizar as nossas diferentes frentes de atuação enquanto grupo. Já tínhamos feito peças de teatro, performances, debates, ministrado oficinas, organizado livros, realizado festivais, saraus, cineclubes, exposições, iniciado projetos de documentários, ocupado espaços abertos e fechados e éramos uma equipe multidisciplinar. Percebemos que podíamos juntar tudo para fazer algo ressignificado e pautado no território.

Redescobrimos uns DVDs de Teatro Comunitário Argentino e voltamos a nos articular com o Hugo Cruz, diretor teatral, professor e programador cultural português, que entre outras coisas, pesquisa o conceito de práticas artísticas comunitárias.

Em 2016, começamos a juntar as confluências de diversos trabalhos executados nos anos anteriores, e criamos o projeto Teatro e Território, que tinha como principal referencial teórico o conceito de Arte e Comunidade, mas ainda aplicado exclusivamente à linguagem do teatro. Desse processo nasceu o espetáculo Yaperi: aquilo que flutua (2017), em parceria com o Grupo Código, sobre as memórias ficcionadas da cidade de Japeri. Ainda em 2017, radicalizamos as pesquisas para dentro de casa, revimos tudo o que tínhamos feito até então, descobrimos novos elementos, acrescentamos tantos outros, e assim nasceu o método Fabulações do Território (...) (TEIXEIRA, 2020:16-17)

Entre 2017 e 2018 Larissa Amorim, Luiz Fernando Pinto, Michele Lima Pereira, Priscila Bittencourt e eu discutimos possibilidades, colocamos ideias no papel e rascunhamos o embrião do que seria o método *Fabulações do Território*. A hibridização de linguagens, que é uma característica do grupo, não poderia ficar de fora. Desenhamos cruzamentos entre poesia, cinema, teatro e música. Incluímos referências etnográficas, do Teatro de Vizinhos, Teatro do Oprimido, Teatro Documentário, Cinema Expandido e Cinema Verdade. A proposta era fazer com que moradores e artistas de um determinado território ficcionassem a partir das memórias e do cotidiano da comunidade em que estão inseridos. O processo seria mais importante que o resultado final.

Outro atributo dos integrantes da Peneira era pensar o conceito artístico e meter a mão na massa para viabilizar a produção. Dessa forma, inscrevemos o projeto *Fabulações do Território* em uma série de editais, como o Rumos Itaú Cultural, Programa Oi de Patrocínios Culturais Incentivados, Volkswagen na Comunidade, Prêmio seLecT de Arte Educação, e IberCultura Viva, que é uma cooperação técnica e financeira entre governos. Nenhuma aprovação. Nadinha de nada.

Paralelo a isso, seguimos em diálogo com o Hugo Cruz nessa ponte além-mar (Rio x Porto-PT), no sentido de entender como poderia se dar na prática uma atuação comunitária, que tipos de conflitos enfrentaríamos, como lidaríamos com um núcleo heterogêneo, quais temáticas não deveríamos abordar, quais questões costumam ser recorrentes, entre outras coisas. Em setembro de 2017, Luiz Fernando Pinto e eu embarcamos para Portugal para falar sobre as experiências comunitárias do Sarau do Escritório no Mexe - Encontro Internacional de Arte e Comunidade, no qual o Hugo é diretor artístico. Nessa ocasião, tivemos a oportunidade de conhecer de perto diferentes experiências de práticas comunitárias e voltamos pra casa cheios de ideias.

Em 2018 definimos a Rua Joaquim Silva como o local onde implementaríamos o *Fabulações do Território* e Luiz Fernando Pinto, Priscila Bittencourt e eu nos dedicamos a sistematizar o método. Com encontros presenciais e outros remotos, Hugo Cruz fazia a supervisão do projeto. Listamos os artistas que gostaríamos de trabalhar e pensamos num planejamento estratégico de arrecadação financeira, afinal, não havíamos conseguido um Real sequer nos editais que disputamos.

Como a proposta de crowdfunding estava saturada, sobretudo naquele ano de 2018 em que os editais eram escassos e muitos grupos estavam fazendo uso desta ferramenta, lembramos de uma ação desenvolvida pelo finado Sérgio Contreiras, o primeiro homenageado do Sarau do Escritório em novembro de 2013. Anualmente, para viabilizar sua festa de aniversário num clube de dança de salão de Copacabana, Contreiras, um cantor mexicano que viveu por mais de 60 anos na Lapa, passava pelas mesas do Bar da Cachaca o que ele chamava de Golden Book, um livro onde os frequentadores do botequim assinavam seus nomes e ao lado colocavam o valor que seria doado para viabilizar as comemorações do artista. Pesquisando, descobrimos que outrora essa era uma prática recorrente de alguns cantores e também das escolas de samba. Gostamos e adotamos.



Figura 54 - Notinha na coluna da Marina Caruso, do jornal O Globo, sobre o livro de ouro que viabilizou o Fabulações do Território na Joaquim Silva. Fonte: Acervo Peneira

Era setembro de 2018 e tínhamos acabado de convidar a Talita Magar para produzir a execução do projeto. Passamos então a ser um quarteto (Luiz, Priscila, Talita e eu) que flanava diariamente pela Joaquim Silva com olhares mais atentos, no sentido de identificar potenciais interlocutores, parceiros locais e figuras estratégicas daquela pequena rua de pouco mais de 500 metros, que se inicia bem em frente aos Arcos da Lapa, na esquina com a Rua Evaristo da Veiga e termina na Avenida Augusto Severo, na Glória, onde outrora estava localizada a aterrada Praia Areias de Espanha.

No dia 6 de outubro de 2018, na Casa de Estudos Urbanos, Luiz Fernando Pinto, Priscila Bittencourt e eu fizemos uma reunião para alinhar os primeiros passos da implementação do método e definimos o seguinte:

Fechar equipe e artistas convidados;

Listar e contatar possíveis apoiadores;

Pessoas que devemos contatar;

Criar cronograma;

Criar estratégia de comunicação;

Formular abordagem das entrevistas no território;

Desenhar a metodologia dos encontros;
Criar planilha de contatos;
Pesquisar histórias sobre a Joaquim Silva e a Lapa;
Criar planilha orçamentária;
Criar ppt do projeto;
Selecionar vídeos de grupos de referência.

A inserção no campo se iniciou em setembro de 2018, quando se estabeleceu um primeiro contato com moradores e comerciantes da rua, explicitando do que se tratava o projeto e já ouvindo histórias sobre a região. Logo fomos apresentados por um grande parceiro da Peneira, o Lencinho (do Circo Voador), à Dona Marlene, moradora há mais de cinquenta anos na Rua Joaquim Silva e figura de suma importância para as dinâmicas sociais e afetivas daquele território. Conhecemos também Seu Francisco (da sapataria), que outrora realizou a manutenção dos sapatos de Madame Satã e compartilhou conosco recortes de jornais antigos, assim como as memórias daquela região. Fomos recebidos também por Gilmar e por Adalto (proprietário do bar de mesmo nome), assim como por Robertinha Villas, Tuninho Villas e Marvin Maciel (da Casa Com a Música), os donos da rede de restaurantes Os Ximenes, Seu Antônio (do bar da esquina da Travessa da Mosqueira), Daad (do antigo hotel Loves House ali no início da Escadaria Selarón), Adelino (do Othello Centro Cultural), Fátima e Will (da marcenaria), Paulo Branquinho, além daquelas figuras que ao longo dos meses passaram a nos cumprimentar e perguntar sobre o processo “do teatro”. (BITTENCOURT, 2020: 66-67)

A aproximação com a Dona Marlene Nazareth, como citado acima pela Priscila Bittencourt, foi fundamental para que tivéssemos um certo aval da comunidade da Joaquim, um território bastante denso, marcado por características que misturam ausência do estado em políticas sociais, mas a presença do estado através de seus braços armados (Lapa Presente, Polícia Militar e Polícia Civil). Esse mesmo terreno divide espaço com corticos, tráfico, turistas estrangeiros, botequins antigos, depósitos de bebida, restaurantes descolados e dois dos principais cartões postais da cidade, os Arcos da Lapa e a Escadaria Selarón, que inclusive é o terceiro³⁹ ponto turístico mais visitado do Rio.

Já conhecíamos Dona Marlene de outros carnavais, por conta de nossa atuação no bairro e sabíamos que ela exercia um poder mediador naquele espaço, mas nunca tínhamos tido proximidade. Lembro que no dia em que o Carlos Lencinho

³⁹ Matéria “Rua Joaquim Silva, na Lapa, é novo polo gastronômico no Rio”, publicada no Diário do Rio: <https://diariodorio.com/rua-joaquim-silva-na-lapa-e-novo-polo-gastronomico-no-rio/>. Acessado em 8/06/2021.

Smith nos apresentou a ela, tudo mudou. Depois de uma conversa de uns 10 minutos, Lencinho se despediu e disse mais ou menos assim: “Dona Marlene, vou deixar você aqui com os meus amigos do teatro. Eles são gente boa e vão fazer um trabalho sobre a rua”. Ela respondeu com um: “Tá bom! Vai com Deus, meu filho”. Seguimos trocando umas ideias por cerca de 40 minutos e no fim rolaram sorrisos e abraços. Essa foi a senha para que pudéssemos voltar e aos poucos fomos conquistando a confiança daquela senhora tão imponente, respeitada e admirada pela galera da Rua Joaquim Silva e da Lapa.

Uns meses antes, num domingo, por volta das 18h, pedalava da minha casa, na Benjamin Constant, na Glória, em direção ao Bar Arco Íris, na Lavradio, onde participaria como jurado de uma edição do Haicai Combat, evento organizado pela poeta Yassu Noguchi. Ao passar pela Joaquim Silva, na altura da Estação Joaquim Silva, escola mantida pelo Circo Voador, lá estava Dona Marlene sentada numa cadeira de plástico vermelha, dessas de bar, com uma mesa à frente, um saco com pedras numeradas e um microfone em punho. Ao seu redor, duas caixas de som e pessoas de diferentes faixas etárias, igualmente sentadas em mesas com cadeiras na rua e outras nas calçadas, em ambos os lados. De repente, ela anuncia uma dezena e a plateia vai ao delírio. Parecia um Fla x Flu, mas era o bingo de cartela de feijão da Dona Marlene, um dos eventos mais tradicionais do Centro da cidade e que atraía gente que estava em busca de socialização, gente que estava atrás de carimbar a cartela e levar os prêmios pra casa e outros que só queriam passar o tempo. Fiquei parado uns minutos, extasiado olhando aquela atmosfera. Entre os prêmios, espremedores de fruta, garrafas térmicas e packs de latão de cerveja. Era uma senhora, em uma rua do Centro de uma cidade que se vende como cosmopolita, metropolitana, ou sei lá o quê, praticando um ato incrível de socialização e que remetia a um passado. Um passado até de outras regiões da cidade, como o subúrbio.

O registro do bingo é importante, pois ele vai aparecer em alguns momentos desta pesquisa.

Figura 55 - Dona Marlene em ação, acendendo um foguete 10x1 em um de seus eventos na Joaquim Silva. Fonte: Acervo Peneira

Paralelo a incursão no território, iniciamos investigações na internet, em livros, obras de arte, fotografias e pesquisas acadêmicas sobre como aquele espaço se constituiu, quem ali residiu, que histórias são associadas àquele perímetro dos Arcos pra cá, e assim descobrimos que o tal Joaquim Silva foi um filósofo e médico. Mas antes mesmo de ter esse nome, o logradouro era conhecido por Rua Nova de Santa Teresa (1885), Doutor Joaquim Silva (1917) e, por fim, Rua Joaquim Silva.

A partir daí, começamos a montar a estrutura das primeiras ações, exercícios que trabalharíamos, contato com artistas convidados e datas dos encontros. Também separamos uma bibliografia básica que tivesse conexão com poesia, cinema, teatro e música, além de referências etnográficas, do Teatro de Vizinhos (SCHER, 2010), Teatro do Oprimido (BOAL, 2008), Teatro Documentário (PAVIS, 2008), Cinema Expandido (YOUNGBLOOD, 1970) e Cinema Verdade (AUMONT; MARIE, 2007).

Aquela altura, vários moradores e frequentadores da Joaquim já estavam sacando quem era aquele grupo de artistas. Reparávamos nossos calçados na Sapataria Roma, do italiano Seu Francesco, que outrora consertava os sapatos de Madame Satã, almoçávamos no Bar do Adalto, frequentávamos o sarau da Casa com a Música, bebíamos no Ximeninho, batíamos papo furado com moradores, camelôs e crianças que jogavam bola na rua e óbvio, passamos a frequentar as feijoadas e jogar dominicalmente os bingos da Dona Marlene.

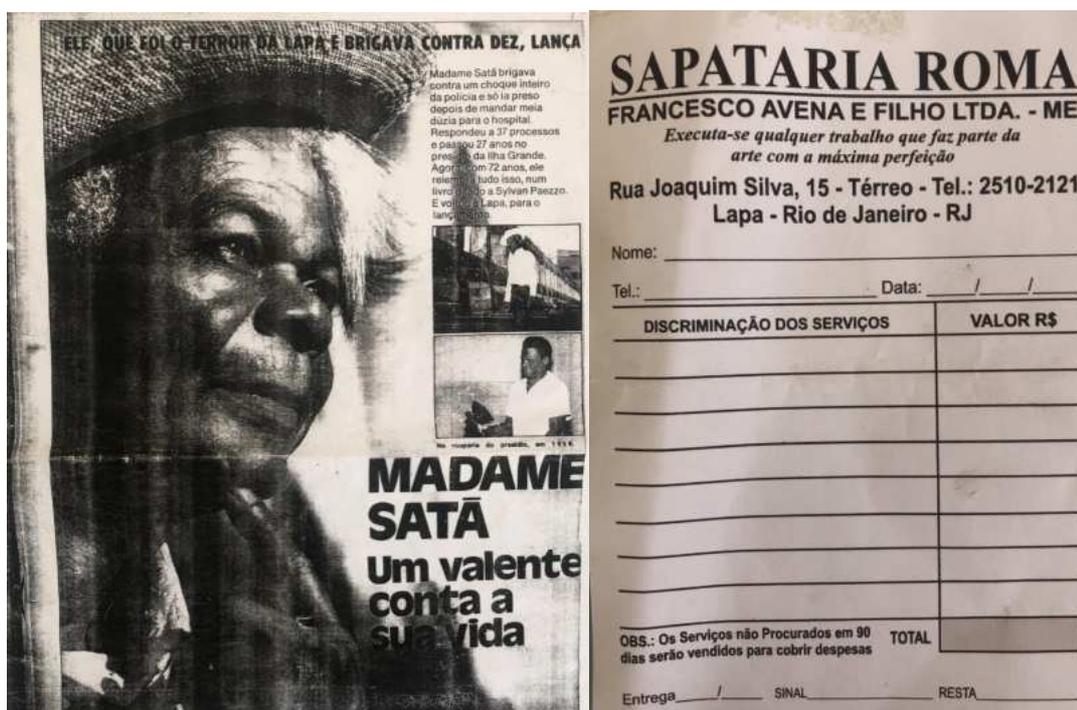


Figura 56 - Para colaborar com nossas pesquisas, Seu Francesco nos ofereceu uma publicação que lhe foi dada por Madame Satã, que saía “escondida” do Presídio de Ilha Grande para reparar os calçados na Sapataria Roma. Fonte: Acervo Peneira

Já nas primeiras incursões no bingo, Priscila e Luiz ganharam um pacote de fraldas de plástico, talvez um prenúncio para a chegada do Chico, o filho deles que nasceria quase dois anos depois.

Na ata da reunião do dia 6 de outubro de 2018, nosso cronograma dizia o seguinte:

Outubro

06.10 (sábado) - 11:00 às 16:00 - Reunião de planejamento

09.10 (terça-feira) - 17:00 às 20:00 - Reunião planejamento

11.10 (quinta-feira) - 14:00 às 18:00 - Fechar o planejamento

15.10 (segunda-feira) - 14:00 às 19:00 - Encontro de sistematização do método
18.10 (quinta-feira) - 14:00 às 18:00 - Encontro de sistematização do método
20.10 (quinta-feira) - 10:00 às 15:00 - Encontro de sistematização do método
23.10 (terça-feira) - 14:00 às 18:00 - Encontro de sistematização do método
25.10 (quinta-feira) - 14:00 às 18:00 - Encontro de sistematização do método
27.10 (quinta-feira) - 10:00 às 15:00 - Encontro de sistematização do método
30.10 (terça-feira) - 14:00 às 18:00 - Encontro de sistematização do método

Demandas:

Contato com moradores, comerciantes, grupos culturais e empreendimentos que atuam na Rua Joaquim Silva;

Falar com o Lencinho; (papo realizado dia 08.09)

Cotas de apoio e busca de parcerias e apoios financeiros;

Divulgação do início das atividades;

Contatar os profissionais envolvidos;

Início das atividades com os moradores e convidados (última semana);

Encontros com o Hugo Cruz (supervisão);

Novembro

Continuação das atividades com os moradores e convidados;

Registro e comunicação do processo;

Encontros com o Hugo Cruz (supervisão)

Dezembro

Continuação das atividades com os moradores e convidados;

Produção e técnica do espetáculo;

Registro e comunicação do projeto;

Encontros com o Hugo Cruz;

Janeiro

Divulgação da estreia;

Estreia do espetáculo.

Com o processo, algumas alterações rolaram no cronograma e a principal delas foi a data da temporada, que passou para de janeiro para fevereiro de 2019.

ATO III, CENA III

A chamada para ação





Êi, morador, passante e simpatizante!



QUER FAZER PARTE DE
UM ESPETÁCULO SOBRE A
RUA JOAQUIM SILVA?
PERGUNTE-ME COMO!

Grátis e para todas as idades

**1º ENCONTRO
DIA 01/11, ÀS 18H30**

**RUA DA GLÓRIA, 18A
AQUI NA CASA DE ESTUDOS URBANOS**

#FABULACÕESDOTERRITÓRIO

Figuras 57, 58, 59 e 60 - Faixas colocadas nas ruas Joaquim Silva e Evaristo da Veiga. Fonte: Acervo Peneira. **Figura 61** - Arte do cartaz que foi colado nos postes da Lapa. Fonte: Acervo Peneira.

Nossa estratégia de comunicação para chamar atenção da comunidade local estava basicamente ancorada em quatro pilares: Distribuição de filipetas nas caixas de correio (que era uma tática que usávamos desde as primeiras edições do Sarau do Escritório), colagem de cartazes nos postes, faixas de ráfia nas ruas e boca a boca. Nas redes sociais repercutíamos a comunicação aplicada nos espaços públicos.

Em paralelo, seguíamos dando suporte a Talita na produção, sistematizando as propostas dos encontros, pesquisando sobre o território e conversando ao vivo com os moradores da Joaquim, fosse nos dias de bingo, fosse em outras atividades sociais da rua.

No ppt que apresentamos em nossa primeira reunião com a ficha técnica - que eram os artistas convidados que se somariam aos participantes da comunidade - destacamos os seguintes pontos:

O que é o projeto?

Construção de um espetáculo artístico influenciado pelas memórias da Rua Joaquim Silva e centrado na ideia de colaboração entre as várias linguagens das artes. Poesia, música, teatro, audiovisual e performance se misturam em uma narrativa protagonizada por moradores da Lapa e artistas convidados.

Por que?

Em oito anos de trajetória, com realizações de projetos artísticos que apontam possibilidades estéticas conduzidas pela memória, cidade e a palavra, a Peneira estabeleceu um método denominado Fabulações do Território, um conjunto de procedimentos criativos visando a construção de um processo cênico.

Onde?

A estreia do Fabulações do Território será na Joaquim Silva, uma das ruas mais simbólicas e visitadas do Rio de Janeiro. Ali residiram figuras como Carmen Miranda, Jacob do Bandolim, Manuel Bandeira, Madame Satã e Chiquinha Gonzaga.

Como?

Conduzido pela direção de arte da Peneira, um grupo de artistas e moradores da região da Lapa passarão por um processo de oficinas, elaboração de narrativas, construção cênica e apresentação de um espetáculo.

Quando?

Três meses de processo criativo (novembro, dezembro e janeiro)

Um mês de temporada (sábados e domingos de fevereiro)

A Peneira e projetos anteriores:

A Peneira, reconhecida pelo Ministério da Cultura (MinC) como Ponto de Cultura, é uma organização multicultural criada no Rio em 2010, que busca possibilidades estéticas em suas variadas ações no campo da indústria criativa. Atuando através da combinação de linguagens, propõe processos artísticos e estratégias de viabilização, mobilização e metodologias propulsoras para transformações culturais e sociais.

Instituições e empresas que já patrocinaram ou apoiaram projetos da organização: Petrobras, Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro, Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro, Ministério da Cultura, Fundação Telefônica - Vivo, Sesc Rio e Firjan.

Na Lapa, criou em 2013 o Sarau do Escritório, conhecido como um dos projetos mais criativos da capital fluminense, e que já circulou cidades como Lisboa, Coimbra, Recife, Juiz de Fora e Salvador.

Em 78 edições:

- * 45.000 pessoas frequentaram o Sarau do Escritório.*
- * Mais de 1600 artistas de diversas linguagens fizeram parte da programação.*
- * Aproximadamente 225 horas de programação cultural.*
- * 36 edições do Sarau do Escritório Itinerante (Cinemateca do MAM, Globo Rio, Cidade das Artes, Fórum Rio, Praça Itália/Consulado Geral da Itália e Som na Rural.*

Cotas de apoio para parceiros:

Investimento - R\$500 - Agradecimento no dia da estreia do espetáculo

Investimento - R\$1.000 - Agradecimento no término de todas as apresentações
Investimento - R\$1.500 - Inserção da logo da empresa como apoiador em todo material de divulgação e agradecimento no término de todas as apresentações

Investimento - R\$3.000 - Inserção da logo da empresa com apoio em todo o material de divulgação do espetáculo; Citação como apoiador nas publicações do Facebook, Instagram e agradecimento no término de todas as apresentações

Neste documento demonstramos um panorama do projeto numa tentativa de convencer os corações da galera. Por sorte, todos os presentes ao encontro toparam o desafio de experimentar essa doideira com a gente. O sonho começava a se ampliar, com: Yassu Noguchi e Paulo Sérgio Kajal na dramaturgia; Hugo Cruz na supervisão; Maurício Maia na direção musical; Fernando Katullo e Jon Pires na música; Kamilla Neves na direção de movimento e preparação corporal; Ledjane Motta na preparação vocal; Domitila Almenteiro na cenografia; Jon Thomaz na iluminação; Camila Loren no figurino; Flávia Moretz e Handerson Oliveira no mapping e videoinstalação; Michele Lima Pereira, Pedro Uchoa e Victor Santana no elenco; Victor Coutinho na fotografia; Fabiano Pires no design; Talita Magar na produção; Katleen Carvalho na assistência de produção e Luiz Fernando Pinto, Priscila Bittencourt e eu na direção, pesquisa e texto. Nesse primeiro momento não deixamos explícito que quase todos, além de suas funções previamente descritas, também estariam em cena como atores, mas explicamos que a partir daquele dia o procedimento seria o seguinte:

Construção 1 - do “topei” até final de outubro

Comprometimento com o projeto, criação, apropriação da estrutura do projeto e da agenda (incluindo datas da temporada), fechamento da ficha técnica e acúmulo de referências;

Construção 2 - à partir de 1º de novembro

Criação, trocas, contatos e sistematização das informações à partir do coletivo;

Construção 3 - à partir de 1º de dezembro

Início da aplicação da dramaturgia e criação do espetáculo

Construção 4 - à partir de 1º de janeiro

Ensaios, visita técnica e finalizações

Construção 5 - à partir de 1º de fevereiro

Temporada da peça na Rua Joaquim Silva



Figura 62 - Primeiro encontro da ficha técnica na Casa de Estudos Urbanos. Fonte: Acervo Peneira/Victor Coutinho.

ATO III, CENA IV

Construção coletiva e temporada da peça Sorte ou Revés na Joaquim Silva

Chega o tão aguardado dia 1º de novembro de 2018, às 18h30, na Rua da Glória, 18A, a data em que marcamos para inaugurar o Fabulações do Território, o projeto que sistematizava os oito anos de atuação da Peneira na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.

Se não me falha a memória, o primeiro membro da comunidade a chegar à Casa de Estudos Urbanos foi o Marcus Ferreira, um rapper que viu o anúncio do Fabulações numa das faixas e achou que ia assistir a um espetáculo. Ele não esperava participar de um processo artístico para a construção de um espetáculo. Nesse dia apareceram ainda Ben-Hur, Calebi Benedito, Júlia Cabo, Luan Estevez, Luís Cláudio Arcos (LC), Tiago Nascimento (Articulador), Wellington Silva, Ana Hortência, entre outros. Posteriormente, agregaram-se Amanda Corrêa, Cristina Telles e Waleska Adami (Dilminha).

Apresentamos a proposta do método; explicamos os eixos memória, conexão entre pessoas e confluência entre linguagens artísticas; falamos da trajetória da

Peneira na Lapa; a duração de três meses da ação (com encontros três vezes por semana); e o que desejávamos com essa caminhada, que era uma experimentação sistematizada que tinha como objetivo principal o processo, mas que se encerraria com um espetáculo multilinguagem. A peça ficaria em cartaz aos sábados e domingos de fevereiro de 2019, às 19h, na própria Rua Joaquim Silva, na Lapa.

O primeiro encontro foi repleto de dúvidas e curiosidades. O lance da conquista dos participantes, como tinha nos alertado o Hugo Cruz, precisava ser contínuo, até o dia da última apresentação da temporada. Logo no primeiro dia, o desafio já se impôs: o mesmo Marcus Ferreira agradeceu a acolhida, a escuta, mas ressaltou que não voltaria, pois não era ator. Me recordo do Luiz conversando com ele na calçada da Rua da Glória e dizendo porque era importante ele retornar, pois como afirmava Boal: todos os seres humanos são atores, porque agem, e espectadores, porque observam (BOAL, 2007: IX). Que aquela história sobre a Joaquim só faria sentido se tivéssemos pessoas como ele ocupando esse espaço. Deu certo. Marcus voltou, voltou e seguiu até o fim.

Abaixo descrevo o planejamento e comento alguns tópicos das etapas que chamamos de Construção 2 e 3 (novembro e dezembro/2018):

1º encontro - Narrativa oral

Dia: 1º de novembro (quinta-feira)

Material utilizado: Som + computador

Núcleo presente: Dramaturgia (Priscila Bittencourt, Yassu Noguchi, Alex Teixeira, Luiz Fernando Pinto e Paulo Sérgio Kajal)

18:30 - Chegada

19:00 - Apresentação do projeto

19:45 - Jogo do nome

20:00 - Jogo de bolinha com música

20:30 - Pausa para banheiro e água

20:35 - Narrar uma memória sobre a Rua Joaquim Silva (duas etapas: primeira - dividida em dupla e um conta a história para o outro e depois um narra a história do outro. segunda - juntam as histórias e criam uma nova narrativa com elementos das duas)

20:40 - Realizar o exercício

21:20 - Comentários e trabalho para o próximo encontro (uma história com mais elementos, camadas e informações - oral)

21:30 - Final

2º encontro - Outras formas de narrar

Dia: 3 de novembro (sábado)

Material utilizado: Celular para filmar o exercício de escrita

Núcleo presente: Dramaturgia (Priscila Bittencourt, Yassu Noguchi, Alex Teixeira, Luiz Fernando Pinto e Paulo Sérgio Kajal)

10:00 - Alongamento

10:15 - Jogo aquecimento

10:40 - Apresentação do exercício de casa

11:00 - Exercício escrita / desenho e colagem (criação ficcional a partir do exercício anterior - do outro - em grupo)

> os dois contarem a história em dupla, pensar modos de contar essa história

> estimular outros tempos narrativos

> ser em 1º pessoa ou não

12:00 - Jogo de encerramento (desacelerar)

- Comentários e exercício para o próximo encontro (ficar atento aos sons da Rua Joaquim Silva e trazer no próximo encontro. Formas: gravar ou qualquer outra possibilidade de dizer sobre o som)



Figura 63 - Imagens do segundo encontro do Fabulações na Casa de Estudos Urbanos.

Fonte: Acervo Peneira/Victor Coutinho.

3º encontro

Dia: 6 de novembro (terça-feira)

Material utilizado: Computador + projetor

Núcleos presentes: Dramaturgia (Priscila Bittencourt, Yassu Noguchi, Alex Teixeira, Luiz Fernando Pinto e Paulo Sérgio Kajal) + Música (Maurício Maia)

18:30 - Chegada

18:45 - Jogo de aquecimento (alongamento + jogo)

19:10 - Apresentação do vídeo (Foley)

19:15 - Em dupla ou trio, contar uma narrativa utilizando corpo e som (sem palavras)

20:05 - Jogo de ritmo e movimento (som inicial + um movimento / em grupo)

20:20 - Junção da narrativa em corpo e som + experimento do exercício anterior

21:05 - Comentários e exercício para o próximo encontro (Fotos e vídeos - memória afetiva relacionada à algum aspecto da Rua Joaquim Silva). Pensar o suporte em que os vídeos serão trazidos.

4º encontro

Dia: 08/11 (quinta-feira)

Material utilizado: Computador + projetor

Núcleo presente: Dramaturgia (Priscila Bittencourt, Yassu Noguchi, Alex Teixeira, Luiz Fernando Pinto e Paulo Sérgio Kajal)

18:30 - Chegada

18:45 - Alongamento e jogo de aquecimento

19:15 - Apresentação das fotos - Debate (porque escolheu essa foto e descrever a foto, quem está, em que tempo, a relação com quem tirou, a postura das pessoas na foto, etc)

19:45 - Contar uma história coletiva a partir das fotos

20:00 - Criar individualmente, um texto em cinco linhas a partir da história contada (pra casa)

20:10 - Em grupo, criar uma cena a partir dos textos

21:00 - Comentários, falar sobre sábado



Figura 64 - Participantes apresentam e discutem as fotos que trouxeram sobre a Rua Joaquim Silva. Fonte: Acervo Peneira/Victor Coutinho.

5º encontro

Data: 10/11 (sábado)

Material utilizado: 3 ou 4 folhas de papel 40 kg + folhas de papel ofício + cola + tesoura + caneta

Núcleo presente: Dramaturgia (Priscila Bittencourt, Yassu Noguchi, Alex Teixeira, Luiz Fernando Pinto e Paulo Sérgio Kajal)

10:00 - Alongamento

10:15 - Jogo aquecimento

10:40 - Em grupo, construir um mapa afetivo da Rua Joaquim Silva, considerando o seu entorno. O mapa deve conter além do espaço geográfico, elementos sonoros, cheiro, pessoas, estabelecimentos e 5 principais acontecimentos da rua que o grupo escolherá de forma conjunta.

Neste encontro falamos sobre:

João do Rio e Luiz Martins e seus livros “Lapa” e “Noturno da Lapa”

Exercícios:

1) Criar um inventário afetivo da Rua Joaquim Silva, em grupo

- 10 - pessoas
- 10 - profissões
- 10 - espaços
- 10 - memórias boêmias
- 10 - memórias cotidianas

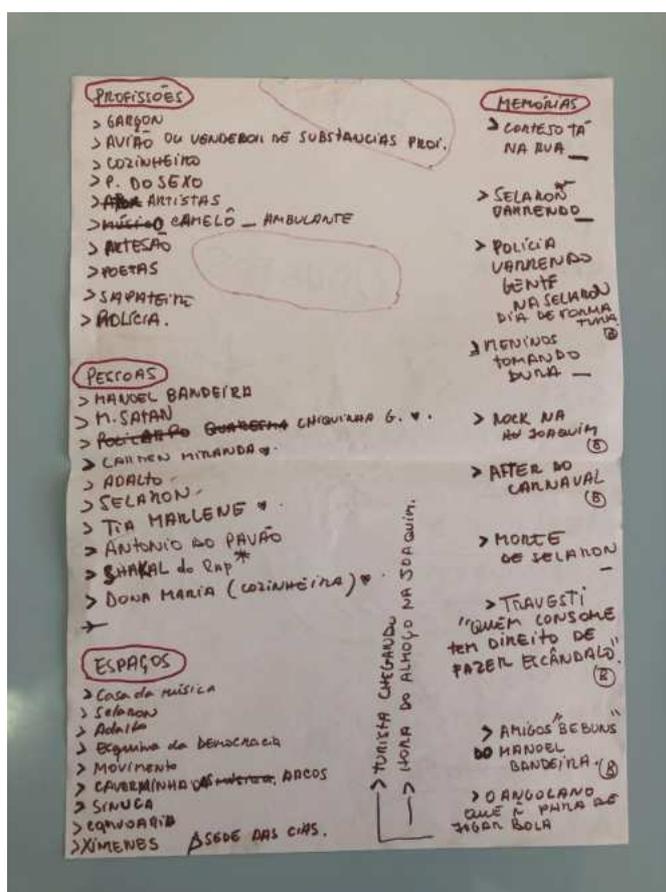


Figura 65 - Inventário das pessoas, profissões, espaços, memórias boêmias e memórias cotidianas da Joaquim Silva. Fonte: Acervo Peneira.

2) Escrever em pequenos papéis frases sobre a Lapa e a Rua Joaquim Silva (música de Noel Rosa, entrevista de Madame Satã, histórias que já ouvimos, etc). Em dupla, criar formas de apresentar a frase, pode somar com outros elementos.

3) Localizar e inserir no mapa a foto que cada um trouxe. Mesmo que não tenhamos impressa. Pensar formas de inserir (descrever a foto, dar um nome pra foto, contar uma breve história da foto ou outro)

4) Construir em 5 linhas (nem mais nem menos de 5), uma memória de rua que não seja na Lapa. A proposta desse exercício é levantar o debate de que qualquer história pode ser contada na Joaquim Silva, mesmo que não tenha ocorrido naquele território. Enfatizar o critério de escolha dessa memória, tem que ser um fato que marcou a vida, que mesmo que deseje, não consegue esquecer.

5) Para casa, solicitar um objeto que seja afetivo e que tenha uma importância. Trazer no próximo encontro.



Figura 66 - Construção do mapa afetivo sobre a Rua Joaquim Silva e seu entorno. Fonte: Acervo Peneira.

6º encontro

Data: 13/11 (terça-feira)

Material utilizado: Computador + caixa de som

Núcleo presente: Dramaturgia (Priscila Bittencourt, Yassu Noguchi, Alex Teixeira, Luiz Fernando Pinto e Paulo Sérgio Kajal)

18:30 - Alongamento

19:00 - Apresentar a composição a partir das 5 linhas (resultado do exercício de casa)

19:30 - Olhar pro mapa e acrescentar coisas

20:00 - Criação de uma história coletiva a partir das fotos, do mapa e das composições anteriores.

20:30 - Criar uma partitura relacionando o corpo e o objeto.

1º) Por intermédio dos objetos trazidos, cada um cria uma partitura a partir da relação com o objeto (vale ressignificar). Som ao fundo

2º) Após um tempo de investigação da relação corpo, objeto pedir para cada um reproduzir a ação que estava realizando. Coro corifeu

21:30 - Comentários e exercício de casa - Texto de 10 linhas sobre algo marcante na sua trajetória

7º encontro

Data: 17/11 (sábado)

Núcleos presentes: Dramaturgia (Priscila Bittencourt, Yassu Noguchi, Alex Teixeira, Luiz Fernando Pinto e Paulo Sérgio Kajal) + Preparação corporal (Kamilla Neves)

10:00 - Chegada e café

10:15 - Corpo - Aquecimento + trabalho coro/imagem

10:45 - Saída para observação da Rua Joaquim Silva

Pedidos:

1º) Observar outras possibilidades de dois elementos, de cada item, do inventário. Esmiuçar, minuciar, pormenorizar, detalhar.

2º) Descobrir dois elementos, de cada item, que não estão no inventário.

3º) Fazer anotação dos pedidos anteriores.

4º) Elaborar estratégias/formas de apresentar essa observação (utilizando corpo/fala/espço).

11:45 - Retorno e apresentação do exercício anterior

12:45 - Comentários e exercício pra casa
Que informação eu gostaria de ter se encontrasse alguém na Rua Joaquim Silva?

Formular 5 perguntas

*Solicitar os textos de 10 linhas para cada integrante

8º encontro

Data: 22/11 (quinta-feira)

Núcleos presentes: Dramaturgia (Priscila Bittencourt, Yassu Noguchi, Alex Teixeira, Luiz Fernando Pinto e Paulo Sérgio Kajal) + Preparação corporal (Kamilla Neves)

18:30 - Chegada e café

18:45 - Aquecimento corporal

19:45 - Apresentação à partir do objeto

20:15 - Apresentação das memórias de 10 linhas seguidas de provocações coletivas (apontamentos de cena)

21:00 - Falar das cinco perguntas (Debater as perguntas que serão utilizadas na segunda visita à Joaquim Silva, no sábado, dia 24/11)

9º encontro

Data: 24/11 (sábado)

Núcleo presente: Dramaturgia (Priscila Bittencourt, Yassu Noguchi, Alex Teixeira, Luiz Fernando Pinto e Paulo Sérgio Kajal)

10:00 - Chegada e café

10:15 - Alongamento + corpo - Exercício do animal

11:15 - Visita à Joaquim Silva com as cinco perguntas

12:15 - Comentários

13:00 - Finalização

10º encontro

Data: 27/11 (terça-feira)

Núcleos presentes: Dramaturgia (Priscila Bittencourt, Yassu Noguchi, Alex Teixeira, Luiz Fernando Pinto e Paulo Sérgio Kajal) + Preparação corporal (Kamilla Neves)

18:30 - Chegada + café

18:45 - Alongamento + corpo

19:15 - Apontamentos de cena (construção de cenas curtas a partir do texto de 10 linhas)

21:00 - Comentários

21:30 - Finalização

Trazer no próximo encontro (quinta-feira, dia 29/11), algum instrumento ou objeto de percussão.

11º encontro

Data: 29/11 (quinta-feira)

Núcleos presentes: Dramaturgia (Priscila Bittencourt, Yassu Noguchi, Alex Teixeira, Luiz Fernando Pinto e Paulo Sérgio Kajal) + Preparação corporal (Kamilla Neves) + Música (Maurício Maia)

19:00 - Chegada + café

19:15 - Alongamento + corpo

19:45 - Construção de sonoridades

20:45 - Construção de cenas a partir de estruturas/imagens/som

21:40 - Comentários e finalização

12º encontro

Data: 01/12 (sábado)

Núcleos presentes: Dramaturgia (Priscila Bittencourt, Yassu Noguchi, Alex Teixeira, Luiz Fernando Pinto e Paulo Sérgio Kajal) + Preparação corporal (Kamilla Neves) + Música (Maurício Maia) + Cenografia (Domitila Almenteiro) + Audiovisual (Flávia Moretz e Handerson Oliveira)

10:00 às 13:00 - Encontro com os núcleos Dramaturgia, Preparação corporal, Música, Cenografia e Audiovisual

13º encontro

Data: 4 de dezembro (terça-feira)

18:30 - Chegada + café

19:00 - Imagens de chegadas (corpos que circulam pela Rua Joaquim Silva - grupo de vendedores, varredores de rua, turistas, garçons, viciados em bingo, etc)

20:00 - Cenas a partir dos coros - trabalhar com os textos.

Como estávamos indo diariamente à Joaquim para reparar nas minúcias do cotidiano, um dia nos deparamos com uma geladeira frost free duplex, nova, toda embalada no plástico e posicionada na calçada em frente a Estação Joaquim Silva, a escola do Circo Voador. Ao perguntar a Dona Marlene do que se tratava, ela nos informou que esse seria o principal prêmio da edição natalina do bingo. O eletrodoméstico havia sido adquirido por um casal de noivos da rua que acabara de se separar. O evento ainda não tinha data para acontecer, pois dependia da quantidade de cartelas vendidas, que deveria suprir o valor do refrigerador.

Essa foi a senha para que criássemos o fio condutor da peça Sorte ou Revés⁴⁰ - a inspiração do nome veio da ideia do jogo.

A Rua Joaquim Silva se prepara para o grande bingo; há um movimento de imensa expectativa. Todo o cotidiano da via é influenciado por esse momento histórico. Desde o prêmio, passando pela decoração, produção e logística. Tudo é pensado e organizado - ou não. O locutor da rádio acusa tempestade à vista, os supersticiosos sugerem simpatias, outros pedem ajuda aos santos, crianças desenham sol no asfalto da rua, tem moradores que pensam outras estratégias. Surge a ideia de montar uma lona. Todos os moradores se organizam para erguer a tal lona. Alguém diz que isso não vai dar certo, um fala que era melhor adiar o bingo, o povo reage, tentam novamente colocar a lona de pé. Chamam reforços, ela balança mas não cai. Dona Marlene gentilmente nos emprestou sua voz para a gravação das pedras do bingo, que eram acionadas ao longo do percurso do espetáculo.

⁴⁰ O espetáculo Sorte ou Revés traz à tona questões relacionadas à micropolítica, quando um grupo de moradores da Rua Joaquim Silva se junta para realizar um bingo, e é surpreendido pela chegada de um pesquisador em busca de informações sobre a cantora Carmen Miranda, e o anúncio de um ciclone que se aproxima da cidade. Neste contexto, o público é convidado a jogar o bingo com os atores, enquanto são reveladas histórias sobre personagens da Lapa e suas riquezas. Passado e promessas de futuro se encontram entre as pedras cantadas. A peça pode ser assistida na íntegra através do youtube: https://www.youtube.com/watch?v=PD_4dEVOeQE. Acessado em 1/08/2022.



Figura 67 - Elenco e espectadores da peça *Sorte ou Revés* se misturam para a cena da montagem da lona do bingo. Fonte: Acervo Peneira/Victor Coutinho.

Nas pesquisas sobre os moradores ilustres da rua, tínhamos descoberto que Carmen Miranda foi uma delas. Acontece que nenhum morador entrevistado/abordado sabia onde a Pequena Notável havia residido. Então surgiu no 13º encontro uma outra questão que foi incorporada e ficcionada em nossa obra:

Para entre a Joaquim Silva a seguinte questão. Onde mora Carmen? Uns tem certeza, outros ouviram falar, tem gente que ganha dinheiro dizendo que morou em tal lugar, enganam turistas; contam histórias e lendas do primeiro banho de praia; alguém chega à rua para desvelar esse mistério. Há um grande burburinho sobre o assunto. Nos bares, nas sacadas, o assunto é constante. Há várias histórias dentro da mesma história. Carmen está presente em todos os lugares.

Outro tema que descobrimos nas pesquisas sobre os processos de remodelação da Lapa e que já abordei nesta dissertação é que historicamente os governantes têm ideias mirabolantes para “melhorar” o bairro. Em nossa ficção, em nome da modernidade e desenvolvimento há um grande projeto para a Escadaria do Selarón. No texto de *Sorte ou Revés*, o prefeito resolve transformar a Escadaria Selarón numa moderna escada rolante.

Proposta de exercício para casa: trazer uma cena a partir dos motes temáticos.

Coro com isopor, que se transforma em diversos elementos e imagens. Uma possibilidade de projeção. Exemplo de comissão de frente de escola de samba

14º encontro

Data: 06/12 (quinta-feira)

Núcleos presentes: Dramaturgia (Priscila Bittencourt, Yassu Noguchi, Alex Teixeira, Luiz Fernando Pinto e Paulo Sérgio Kajal) + Preparação corporal (Kamilla Neves)

18:30 - Chegada

19:40 - Trabalho de corpo - coro

20:00 - Trabalhar a primeira cena do espetáculo

20:40 - Apresentação dos exercícios de casa

15º encontro

Data: 08/12 (sábado)

Núcleos presentes: Dramaturgia (Priscila Bittencourt, Yassu Noguchi, Alex Teixeira, Luiz Fernando Pinto e Paulo Sérgio Kajal) + Preparação corporal (Kamilla Neves)

10:00 - Chegada e café

10:20 - Olhar as imagens dos personagens do Portinari

10:40 - Alongamento + corpo - Trabalhar corpos dos personagens do Portinari

11:40 - Trabalhar a primeira cena pensando esses corpos

12:40 - Fala sobre o exercício (cenas) do encontro anterior

13:00 - Finalização e exercício de casa (trazer elementos que tenham a ver com esses personagens escolhidos)

16º encontro

Data: 11/12 (terça-feira)

Núcleos presentes: Dramaturgia (Priscila Bittencourt, Yassu Noguchi, Alex Teixeira, Luiz Fernando Pinto e Paulo Sérgio Kajal) + Preparação corporal (Kamilla Neves)

18:30 - Chegada e café

19:00 - Aquecimento e preparação corporal

20:00 - Revisitar o mapa afetivo, imagens do Portinari e leitura da primeira cena

21:00 - Experimentar a movimentação da primeira cena

Um dos procedimentos estruturais do Fabulações do Território é a manipulação da memória de determinada localidade como elemento de criação de novos discursos. A ativação dos arquivos da Rua Joaquim Silva iniciou-se através de uma pesquisa de campo. Essa etapa do processo, além de ensejar o estabelecimento de uma relação com os moradores, foi o momento em que levantamos fotografias, narrativas orais e textos sobre o território. Passamos a frequentar diariamente a extensão da rua e começamos a visualizar as suas sutilezas. As dinâmicas do cotidiano, o ritmo acelerado da rua em dias de semana no período diurno, contrapondo-se com a calma ao entardecer, a relação dos moradores com os turistas, as crianças brincando de pique, entre outras situações do dia a dia, foram registrados em nosso diário de campo. A partir dessa coleta de materiais, percebemos que, apesar de uma escuta ativa, um olhar atento e um bocado de bibliografias e materiais de arquivo sobre a Lapa, estavam diante de nós muitas lacunas e um desconhecido que daria margem para a criação de ficções e (re)construções de narrativas. Essas eram as brechas fundamentais para o nosso processo criativo. Desse modo, iniciamos a relação com os elementos que compreendem a Rua Joaquim Silva. (PINTO, 2020: 48-49)

Esses pontos expressos pelo Luiz Fernando se consolidam ainda mais nas etapas Construção 4 e Construção 5 (janeiro/2019) quando realizamos ensaios intensificados e definimos os ajustes da temporada a partir da manipulação de arquivos e exercícios de criação.

Trajeto do espetáculo: Início na Rua Evaristo da Veiga (em frente aos Arcos da Lapa), segue para a Escadaria, passa pela Casa da Música, cruza a Rua da Lapa, passa em frente ao Bar do Adalto e termina no banho de mar e final do bingo com pagode/samba na Rua Moraes e Vale.

Estrutura do espetáculo: Todos estão na Rua Joaquim Silva realizando uma ação do cotidiano. É dia. O rádio (um carrinho de carregar gelo adaptado) liga, com uma música de fundo (executada ao vivo), o locutor fala sobre o verão quente do Rio de Janeiro (referência da previsão do tempo do Jornal do Brasil quando foi decretado o AI5), a informação de uma possível tempestade chegando e outras notícias sobre a cidade. As pessoas que antes estavam realizando suas ações, agora dão atenção para os informes noticiados pelo locutor. No término da informação da rádio, os atores

se juntam em coro, param em foto e começam a olhar para o céu e vão se conectando com essa ideia da possibilidade de chuva.

A construção corpórea dos personagens se deu através da análise de obras do pintor Candido Portinari, que viveu num imóvel da esquina das ruas Joaquim Silva com Teotônio Regadas. Outras referências foram: exercícios de dança afro; análise de fotografias antigas do acervo do Instituto Moreira Salles e da Agência O Globo; e observação dos arquétipos de determinados frequentadores da Lapa, tais como, vendedores, carregadores, guias de turismo e crianças brincando.



Figura 68 - Crianças brincam em 1975 no chafariz que existia em frente aos Arcos, onde já foi o Anfiteatro e hoje está a Praça dos Arcos. Fonte: Agência O Globo/José Vidal



Figura 69 - No verão de 2022, crianças se divertem em uma piscina montada na Rua Joaquim Silva. Cenas como essa se repetem em dias de sol intenso. Fonte: Alex Teixeira



Figura 70 - Pinturas de Candido Portinari aliadas aos corpos dos frequentadores do presente da Lapa inspiraram a construção dos personagens. Fonte: Plataforma Portinari



Figura 71 - Cena inicial do espetáculo *Sorte ou Revés*, na esquina das ruas Evaristo da Veiga com Joaquim Silva. Fonte: Arquivo Peneira/Victor Coutinho

As disputas territoriais presentes na peça *Sorte ou Revés* também foram influenciadas por imagens antigas e conversas com moradores que revelaram as tensões, sobretudo sociais. Em um diálogo com Dona Marlene, ela nos revelou que o cenário da Joaquim Silva mudou significativamente nos últimos anos e de forma bastante abrupta após a implementação do Lapa Legal⁴¹, na primeira gestão do prefeito Eduardo Paes, então filiado ao PMDB. O projeto criado em 2009 conectava a

⁴¹ Materia do Extra que fala que fala sobre as ações do projeto Lapa Legal: <https://extra.globo.com/noticias/rio/prefeitura-anuncia-acoas-que-integrarao-projeto-lapa-legal-222662.html>. Acessado em 8/07/2022.

Secretaria Municipal de Cultura (SMC), à época chefiada por Jandira Feghali (PCdoB), com a Guarda Municipal e previa o ordenamento de ambulantes e a regulamentação dos horários de shows em espaços abertos. Com isso, as barraquinhas existentes na rua foram proibidas, bem como as músicas em espaço aberto. Era o início do que viraria o Choque de Ordem⁴² e o abre alas para a implantação do Lapa Presente⁴³. Pode parecer confuso porque estou falando de um método artístico comunitário, mas também dialogando sobre cidade, acessos e direitos, e esses espaços, inclusive os temporais, acabam sendo borrados.

Logo nos primeiros encontros do Fabulações, pedimos que os participantes compartilhassem suas primeiras memórias com a Joaquim e, curiosamente, as recordações da maioria das pessoas eram relacionadas à noite e como aquele era um espaço de sociabilização da boêmia. Poucos foram os relatos sobre os usos diurnos, onde moradores vivem de maneira ordinária, executando tarefas cotidianas.

Isso estimulou o trio de diretores a trabalharem com o grupo estratégias de desnaturalização das ideias pré-concebidas sobre aquele território.

⁴² O Choque de Ordem foi a principal bandeira dos cem dias do primeiro governo de Eduardo Paes, em 2009. A Seop (Secretaria Especial da Ordem Pública) promovia operações, que segundo a prefeitura, eram voltadas ao combate à desordem urbana. Rolavam ainda apreensões de materiais de camelôs, fiscalização de bares e demolição de prédios irregulares.

⁴³ O Lapa Presente, criado em janeiro de 2014, foi o embrião do projeto Segurança Presente, que atualmente funciona em bairros da região central, Zona Norte, Zona Sul, e Zona Oeste, além das cidades de Niterói, São Gonçalo e de municípios da Baixada Fluminense. O efetivo é formado por policiais militares de folga, agentes civis (egressos das Forças Armadas) e assistentes sociais.



Figura 72 - Uma sexta-feira na Rua Joaquim Silva, por volta de 2008. Detalhe para os preços: Caipirinha R\$2,50 e cerveja Itaipava R\$2,00. Fonte: Alex Teixeira

Ainda sobre as tensões, em um dos dias da temporada de *Sorte ou Revés*, estávamos em cena quando ouvimos um barulho alto. Posteriormente descobrimos que a Polícia Militar havia efetuado um disparo na Travessa do Mosqueira, muito perto de onde o nosso cortejo havia acabado de passar. Não é incomum que esse tipo de ação ocorra nessa área, sendo promovida por um sistema de segurança falido.

Em 4 de julho de 2022, uma matéria no jornal O Globo noticiava: "Polícia prende traficantes em ponto turístico da Lapa".

Polícia prende traficantes em pontos turísticos da Lapa

Criminosos alugavam casarões antigos da região para vender drogas

RAFAEL NASCIMENTO DE SOUZA
rafael.nascimento@globo.com

A Delegacia de Atendimento ao Turista (Deat) e o Batalhão de Policiamento de Áreas Turísticas (BPTur) realizaram, ontem, a Operação Colmeia, para prender traficantes que atuam no entorno dos Arcos da Lapa e da Escadaria Selarón, no Centro. Quatro pessoas foram presas e levadas para a Deat, no Leblon, na Zona Sul.

Durante quatro meses, policiais da Deat e do BPTur investigaram como a organização criminosa que atua no Morro dos Prazeres, em Santa Teresa, criou um ponto de venda de drogas na área. A

abordagem dos traficantes aos clientes era feita na Rua Joaquim Silva, a poucos metros dos Arcos. Atualmente, a região é patrulhada por agentes do BPTur e do Segurança Presente. A concorrida Escadaria Selarón fica a cerca de 500 metros da Secretaria estadual de Polícia Militar.

DROGAS PELOCANO

Para despistar os policiais, os traficantes alugaram os casarões, que passaram a ser usados como bocas de fumo. As drogas eram armazenadas no telhado das casas e passadas para o comprador através de um cano de PVC.

—Essa quadrilha funciona de maneira disfarçada, abor-

dando turistas, para não chamar a atenção. Já que a Lapa atrai muitas pessoas, por ser uma região que tem casas de shows e bares, eles usam desse artifício para vender drogas — explicou a delegada Patrícia Alemany, titular da Deat. — A escadaria é um dos pontos turísticos mais visitados do Rio de Janeiro. Tem muita gente o tempo inteiro. Os traficantes ficam ali, é um comércio velado.

Imagens feitas durante a investigação revelaram que os traficantes usavam a tubulação de uma das casas para entregar as drogas. Depois, o dinheiro da venda era colocado em bolsas plásticas que eram içadas para o segundo



Operação Colmeia. Policiais da Deat e do BPTur prenderam quatro traficantes que atuavam na região da Lapa

andar dos sobrados.

A quadrilha é conhecida como "Tropo do mel" — por isso, o nome da operação. De acordo com informações do inquérito, os bandidos atuavam há anos com essa dinâmica.

Um dos casarões de onde a droga era distribuída tinha

uma placa na fachada onde lê-se "comida caseira". Na porta do sobrado, os policiais constataram que circulavam os "vapores", como são conhecidos os "varejistas" do tráfico.

Esses "vapores" organizavam uma fila de dependentes e se comunicavam com outro

traficante, que seria o chefe deles. Este bandido controlava a droga e liberava o produto aos poucos, do terraço da casa. Se desconfiassem de algo ou alguém, os vendedores rapidamente corriam para dentro do casarão e trancavam a porta.

Figura 73 - Matéria do Globo sobre a prisão de vendedores de drogas da Rua Joaquim Silva.

Fonte: O Globo

Apenas 15 dias após essa incursão da PM, a Polícia Civil executou um jovem na Joaquim Silva, bem na altura da Travessa do Mosqueira, com a justificativa de que ele era suspeito de comercializar drogas no local. Em entrevista ao jornal O Dia⁴⁴, uma testemunha que preferiu não se identificar, afirmou que o rapaz não reagiu e não estava armado, ao contrário do que diz a polícia.

⁴⁴ Testemunha diz que homem morto pela polícia na Lapa estava desarmado e não reagiu: 'preferiu matar à queima-roupa': <https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2022/07/6446417-testemunha-diz-que-homem-morto-pela-policia-na-lapa-estava-desarmado-e-nao-reagiu-preferiu-matar-a-queima-roupa.html>. Acessado em 25/08/2022.



Figura 74 - Na noite do crime, vizinhos e conhecidos do jovem protestaram, ateando fogo em barricadas nas principais ruas da Lapa. Fonte: O Globo/Hermes de Paula



Figura 74 - Moradores colocaram uma faixa denunciando as ações truculentas do estado bem na porta da casa onde vivia Dona Marlene. Fonte: Julinho Barroso

Abordo esses temas da Joaquim Silva em 2022 porque eles se conectam diretamente com as tensões e disputas territoriais que cito nesta dissertação desde o Ato I, seja na matéria da Folha de São Paulo de 2008, que fala sobre um assassinado na Travessa do Mosqueira, ou quando, em 2011, nos deparávamos com pessoas entorpecidas no chão da quadra do Ciep de Bangu enquanto ensaiávamos, ou quando precisamos migrar para o Parque das Crianças, no Catete, uma vez que a situação da segurança pública não estava nada amistosa na Zona Oeste naquele período pré-Copa do Mundo. Tudo está ligada à ausência de políticas sociais, de saúde pública, ao racismo e a guerra às drogas, que no fundo é uma guerra contra as populações mais vulneráveis.

E ainda no tema das políticas sociais, durante a observação das imagens da Coleção Gilberto Ferrez, de Marc Ferrez, do início do século XX, para a construção do *Sorte ou Revés*, percebemos que diversas moradias populares da região foram removidas. Dessa forma, incorporamos essas questões na dramaturgia do espetáculo.



Figura 75 - Imagem da área dos Arcos da Lapa pouco antes das reformas de Pereira Passos. Fonte: IMS/Marc Ferrez

Sorte ou Revés cumpriu temporada na Rua Joaquim Silva ao longo dos quatro sábados e domingos do mês de fevereiro de 2019, e para conseguirmos todas as autorizações necessárias para a realização de uma peça itinerante que envolvia cerca de 30 pessoas trabalhando e nenhum investimento público, tivemos que mais uma vez operar nas brechas.

Ao invés de declararmos aos órgãos competentes que esse era um espetáculo multilinguagem, dissemos que era uma ocupação. Ou melhor, informamos que era o ato político cultural “Ocupa Fabulações do Território”. Por se caracterizar como uma “manifestação”, que é garantida constitucionalmente, nenhuma autoridade poderia nos barrar.

E assim fizemos. Com o nada a opor da prefeitura e das polícias Civil e Militar e a publicação do Diário Oficial que nos autorizava o fechamento da rua (CET-Rio), a equipe de produção seguia na frente do cortejo e sempre que abordada, partia para os *desenrolés* com os policiais. No fim, deu certo. Não fosse desse jeito, não teríamos tido como arcar com os custos de um despachante para a legalização do que seria enquadrado como evento.

A viabilização da arte pública é um tema urgente que precisa ser discutido nesse Rio de Janeiro, seja para o próximo carnaval, seja para a próxima aplicação do Fabulações do Território. Pelo fato da peça ser itinerante não se enquadra na Lei do Artista de Rua⁴⁵.

⁴⁵ Lei que dispõe sobre a apresentação de Artistas de Rua nos logradouros públicos do Município do Rio de Janeiro. Mais informações: <http://mail.camara.rj.gov.br/APL/Legislativos/contlei.nsf/50ad008247b8f030032579ea0073d588/67120c4c1ae54a6603257a14006d2b1d?OpenDocument#:~:text=Durante%20a%20atividade%20ou%20evento,na%20data%20de%20sua%20publica%C3%A7%C3%A3o>. Acessado em 10/08/2022

 Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro	
NADA A OPOR À REALIZAÇÃO DO EVENTO	
Documento emitido de acordo com o art. 2º do Regulamento do Sistema Rio Ainda Mais Fácil Eventos - RIAMFE (Resolução CVL Nº 56 de 30/05/2017)	
Datas: 02/02/2019 à 24/02/2019	
Nome do Evento: Ocupa Fabulações do Território	
Local do Evento: RUA JOAQUIM SILVA	
Horário: 18:00:00 a 21:00:00	
Análise Subprefeitura: Aprovado Nada a opor, desde que haja autorização da Cet Rio.	
Observação: *Se houver necessidade de alteração ou interdição de vias e/ou reserva de vagas, este documento somente terá validade com o opinamento favorável da CET-RIO. *Autorização da SMAC/Fundação Parques e Jardins, quando forem utilizadas praças/parques e orla marítima. *Em qualquer caso, os particulares devem abster-se de condutas que prejudiquem o bom desempenho das funções urbanas de circulação e lazer nas calçadas e logradouros.	
Rio de Janeiro, 18 de Janeiro de 2019 Paulo de Melo Rodrigues Guadalupe - Superintendente Centro e Centro Histórico	

Art. 2º Esta autorização só será válida se forem cumpridos os dispositivos contidos nos artigos 94 e 95 do Código de Trânsito Brasileiro, ficando o infrator pela inobservância dos aludidos dispositivos sujeito a multa conforme previsto no C.T.B., independente das cominações civis e penais cabíveis.

Art. 3º A presente portaria terá validade para os dias e horários que tratam os Artigos 1º e 2º, revogadas as disposições em contrário.

**PORTARIA TR/SUBG/CRV Nº 16.871
EM 28 DE JANEIRO DE 2019.**

AUTORIZA INTERDIÇÃO AO TRÂNSITO DE VEÍCULOS EM VIA DO BAIRRO CENTRO PARA REALIZAÇÃO DE EVENTO DE ARTÍSTICO.

O COORDENADOR DA COORDENADORIA DE REGULAMENTAÇÃO E INFRAÇÕES VIÁRIAS - TR/SUBG/CRV, no uso de suas atribuições legais,

CONSIDERANDO o disposto no Art. 2º c/c o Art. 24, inciso II e no Art. 95 do Código de Trânsito Brasileiro,

CONSIDERANDO o constante na Consulta Prévia Eletrônica nº 0061761 - Ocupa Fabulações do Território;

CONSIDERANDO o constante no parecer técnico da CET/PRE/CTRT/AP-1.

RESOLVE:
 Art. 1º Autorizar a interdição ao trânsito de veículos na Rua Joaquim Silva, no trecho compreendido entre a Rua Evaristo da Veiga e a Travessa do Mosqueira.

Parágrafo único. A interdição de que trata este artigo não se aplica aos veículos de moradores e aos destinados a socorro e emergência previstos no Art. 29, incisos VII e VIII do Código de Trânsito Brasileiro.

Art. 2º Esta autorização somente será válida se o organizador do evento, objetivando a segurança dos participantes, requerer e obtiver o apoio da Polícia Militar, da Guarda Municipal ou ainda da CET Rio com os Agentes de Trânsito, para a orientação do tráfego ficando a obrigação da sinalização/balizamento, por conta do responsável pelo evento conforme prescreve o § 1º do Art. 95 do Código de Trânsito Brasileiro.

Art. 3º A presente Portaria terá validade para os dias 2 e 3 de fevereiro 2019, das 9, 10, 16, 17, 23 e 24 de fevereiro de 2019, das 19h30min às 21h, revogadas as disposições em contrário.

**PORTARIA TR/SUBG/CRV Nº 16.872
EM 28 DE JANEIRO DE 2019.**

PROIBE O ESTACIONAMENTO DE VEÍCULOS EM VIA DO BAIRRO

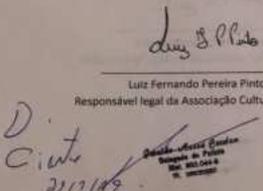
<p>PENEIRA</p> <p>Associação Cultural Peneira</p> <p>Rua da Glória, 18A, Glória - Rio de Janeiro, CEP 20031-050 Telefone: 972058842 e-mail: contato@peneira.org</p> <p>Ofício GVTM nº 001 / 2019 Rio de Janeiro, 21 de janeiro de 2019.</p> <p>Ao Comandante do 5º Batalhão da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro</p> <p>ASSUNTO: Comunicação de ato organizado pela Associação Cultural Peneira</p> <p>Prezado Senhor Comandante,</p> <p>A ASSOCIAÇÃO CULTURAL PENEIRA, na qualidade de instituição sem fins lucrativos do Rio de Janeiro, vem COMUNICAR sobre a realização do ato político cultural "Ocupa Fabulações do Território", a ser realizado nos próximos dias 02, 03, 09, 10, 16, 17, 23 e 24 de Fevereiro de 2019, das 17:00 às 22:00 horas, na Rua Joaquim Silva s/n, Lapa, Rio de Janeiro.</p> <p>Certos de poder contar com a sua colaboração, renovam-se os votos de estima e elevada consideração.</p> <p>Atenciosamente,</p> <p style="text-align: center;"><i>Luiz Fernando Pereira Pinto</i></p> <p style="text-align: center;">Luiz Fernando Pereira Pinto Responsável legal da Associação Cultural Peneira</p> <p style="text-align: center;">  </p>	<p>PENEIRA</p> <p>Associação Cultural Peneira</p> <p>Rua da Glória, 18A, Glória - Rio de Janeiro, CEP 20031-050 Telefone: 972058842 e-mail: contato@peneira.org</p> <p>Rio de Janeiro, 24 de janeiro de 2019.</p> <p>Ao Delegado da 5ª Delegacia de Polícia Civil - Centro - Rio de Janeiro</p> <p>ASSUNTO: Documento complementar para o ato político cultural organizado pela Associação Cultural Peneira</p> <p>Prezado Senhor Delegado,</p> <p>A ASSOCIAÇÃO CULTURAL PENEIRA, na qualidade de instituição sem fins lucrativos do Rio de Janeiro, vem por meio desta COMUNICAR as informações relativas ao ato político cultural "Ocupa Fabulações do Território", a ser realizado nos próximos dias 02, 03, 09, 10, 16, 17, 23 e 24 de Fevereiro de 2019, das 17:00 às 22:00 horas, na Rua Joaquim Silva s/n, Lapa, Rio de Janeiro.</p> <p>Estimativa de público: 80 pessoas Local: Espaço Público (Rua)</p> <p>Certos de poder contar com a sua colaboração, renovam-se os votos de estima e elevada consideração.</p> <p>Atenciosamente,</p> <p style="text-align: center;"><i>Luiz Fernando Pereira Pinto</i></p> <p style="text-align: center;">Luiz Fernando Pereira Pinto Responsável legal da Associação Cultural Peneira</p> <p style="text-align: center;">  </p>
---	--

Figura 76 - Documentos do ato cultural "Fabulações do Território" para a liberação da peça itinerante Sorte ou Revés. Fonte: Acervo Peneira

ATO III, CENA V

Os desdobramentos do método Fabulações do Território

Março de 2020, início da pandemia da Covid-19. Esse era o ano que marcava o aniversário de 10 anos da Peneira, e assim como tantos outros grupos, estávamos completamente perdidos e impossibilitados de fazer o que sabíamos. Promover encontros. Os meses foram duros, difíceis, e de muitas incertezas. Luiz Fernando, Priscila Bittencourt, Taty Maria, que tinha voltado a fazer parte do grupo em 2019 e eu, começamos a bolar estratégias e possibilidades de (re)existência. Fomos contemplados na 7ª Edição do Prêmio Culturas Populares – Edição Teixeira, da Secretaria da Diversidade Cultural (SDC) do Ministério da Cidadania e resolvemos aportar parte da grana em lives comemorativas pelos 10 anos do grupo, que chamamos de *Peneira + 10*, e a outra parte em três publicações editoriais: a *Cartonera do Escritório - volume I*⁴⁶ e a *Cartonera do Escritório - volume II*⁴⁷ (duas antologias com poetas que passaram pelo *Sarau do Escritório*) e um livro que contasse como tinha sido a experiência da aplicação do método *Fabulações* através da ótica dos participantes, do público e de moradores. A publicação foi intitulada *Fabulações do Território - Rua Joaquim Silva*⁴⁸, e contou com a organização da Priscila Bittencourt e do Luiz Fernando Pinto, e textos da Ana Cláudia Souza, Domitila Alenteiro, Júlia Cabo, Priscila Bittencourt, Guilherme Lopes, Hugo Cruz, Luiz Fernando Pinto e meu.

⁴⁶ O livro *Cartonera do Escritório - volume I* pode ser lido na íntegra através do link: https://drive.google.com/file/d/1NlwKTK4DgWbKxeETUHNUGCCg7r1_gXvs/view?usp=sharing. Acessado em 10/08/2022.

⁴⁷ O livro *Cartonera do Escritório - volume II* pode ser lido na íntegra através do link: <https://drive.google.com/file/d/1SphkWYxETXgC8m5LI-jnVNEg0CLafAoI/view?usp=sharing>. Acessado em 10/08/2022.

⁴⁸ O livro *Fabulações do Território - Rua Joaquim Silva* pode ser lido na íntegra através do link: <https://drive.google.com/file/d/1VWVDIiEAbmwxrD9ISGem6A2TIYPOuahI/view>. Acessado em 10/08/2022.



Figura 77 - Livro Fabulações do Território - Rua Joaquim Silva publicado em 2020. Fonte: Acervo Peneira

O artigo que abre o livro é justamente o meu. Nele começo falando sobre o momento sinistro que vivíamos naquele abril de 2020, um mês após decretada a pandemia.

É curioso escrever sobre o método Fabulações do Território em perspectiva, justamente no ano em que a Peneira completa uma década, e no exato momento que vivemos. Estamos em abril de 2020, confinados em casa e diante da maior crise enfrentada pela nossa geração. A crise da covid-19. Nesses dias de quarentena, tive a oportunidade de conversar com algumas pessoas por videochamada, abrir gavetas e vasculhar HDs antigos em busca de reconexões com o passado, para uma tentativa de entendimento do momento presente e, quiçá, de projeção de futuro. Talvez neste exato momento em que escrevo, esteja em curso uma das maiores mudanças no campo da cultura dos últimos anos. Falo da relação entre artista e espectador, seja pela forma de recepção do conteúdo, seja pela influência que o público passa a exercer sobre a obra. E olhando de maneira mais atenta a isso, percebo que, na trajetória da Peneira, sempre estivemos em busca dessa troca mais íntima e horizontal, tentando de alguma forma borrar os obstáculos entre a plateia e o espetáculo. Isso se esgarça justamente no Fabulações do

Território, que, entre outras coisas, propõe uma construção criativa entre artistas e aqueles que eventualmente poderiam ser meros observadores, mas que viram não somente parte, mas todo o processo (...) (TEIXEIRA, 2020: 12-13)

Foi a produção deste texto, aliada à suspensão do campo - por conta da pandemia - e as disciplinas do primeiro semestre do PPCULT que me fizeram entender que precisava mudar de tema de pesquisa no programa de mestrado. Tinha ali uma outra urgência que era falar sobre uma década, uma década de muitos atravessamentos, conexões, experimentações e sistematizações que culminaram em um método artístico-comunitário.

Quando perguntei ao Alex como a ideia da peça Sorte ou Revés havia surgido, ele pacientemente me contou a história do grupo Peneira, as diversas experiências estéticas e de linguagens que eles haviam realizado, e as colaborações e alianças que desaguaram no espetáculo. Tudo muito interessante, é verdade, mas a explicação me pareceu curiosamente insuficiente. O desenvolvimento de uma técnica, o cuidado, o estudo e a dedicação de todas as pessoas envolvidas claramente transpareciam na história que ele me contava, mas nada daquilo me sanava a dúvida que eu venho carregando faz tempo: como é possível que esse grupo de pessoas tenha feito tudo certo? No plano estético, no plano ético e na forma como abordavam as relações interpessoais, foi tudo feito com uma delicadeza e seriedade fora do normal. Eu, francamente, quando vi a faixa perto do bar do Adalto convidando os moradores da região para participarem de uma peça sobre o bairro, não esperava isso. Eu não conhecia ninguém daquele grupo, não sabia como o processo iria ser gerido e sou, por natureza, um pouco desconfiada. Além disso, com exceção de algumas poucas malfadadas experiências no segundo grau, eu nunca havia atuado. Estar neste lugar do ator é, pelo menos para mim, algo muito estranho, que exige uma vulnerabilidade que eu tinha minhas dúvidas se seria capaz de suportar. Foi um tremendo alívio perceber que os diretores, a preparadora corporal e a preparadora vocal sabiam mais do que bem o que estavam fazendo. No fim das contas, eles fizeram com que todo o processo parecesse fácil e possível de ser desfrutado. Um feito e tanto. Mas, acima de tudo, me preocupava a forma como eles iriam estabelecer uma relação com aquele ambiente que propunham em que trabalhássemos e com as pessoas que por ali moram e transitam (...) (CABO, 2020: 20-21)

O depoimento acima é de Julia Cabo, historiadora e moradora da Avenida Augusto Severo, quase na esquina com a Rua Joaquim Silva. Ela ficou sabendo do processo do *Fabulações* através de uma faixa que colocamos bem pertinho de seu prédio, e veio ver qual era. Mergulhou de cabeça e seguiu conosco até o fim da jornada.

(...) Pensar a arte e a criação como espaços de autodeterminação. Em um só movimento, reinterpretar o passado, disputar o presente e elaborar um futuro. Reunir as memórias da Joaquim Silva, de personagens históricos como Carmen Miranda, denunciar a especulação imobiliária e as intervenções urbanas antidemocráticas, mas, também, celebrar a capacidade de subversão e a reinvenção de tradições. O espetáculo nos convida a retomar, por meio da cultura, a imaginação política que se esvaziou tanto em nossos dias, quando, na urgência de barrarmos os retrocessos, não nos tem sobrado tempo de sonhar. O encontro entre atores, moradores do entorno, músicos e alguns personagens da Lapa no espetáculo me fez celebrar a memória de quando ocupávamos ruas e praças com maior frequência. Um momento em que política, estética e vida cotidiana se atravessavam em meio a palavras de ordem, lambe-lambes, aulas públicas e rodas de danças populares num território menos regulado pelo Lapa Presente. Importante destacar que esse ponto se torna especialmente sensível nesse tempo em que finalizo este texto, em abril de 2020, quando a cultura carioca está de quarentena em função da pandemia que atinge o Brasil e o mundo. (LOPES, 2020: 34-35)

O Guilherme Lopes afirma em seu texto que "não nos tem sobrado tempo de sonhar", e talvez a proposta do Fabulações tenha sido realmente essa. A de colocar no mundo um sonho coletivo, gestado por anos, por muitas mãos e mentes e que só virou realidade pois existem muitos sonháticos na cidade. Muitos sonháticos na Lapa.

Fabulações é um processo realmente coletivo, em que toda a criação depende das descobertas feitas em conjunto. Ele foi usado na criação de Sorte ou revés. Diferente do que se faz nas peças tradicionais, aqui o roteiro é desenvolvido ao mesmo tempo em que o grupo se forma. Através de explorações ativas na cidade, surge o espetáculo. Para que tudo isso funcione, é preciso uma dose singela de ingenuidade. Sorte ou revés não tem a rua só como palco ou como inspiração, mas como protagonista. Tudo acontece através de e com ela. Essa inversão desloca a ideia de realidade e fantasia, permitindo-nos transitar e embaralhar o convencional. O que é, afinal, presente e passado, progresso e retrocesso, coletivo e individual, público e privado, encenação e vida real? Espremida entre o pé do morro de Santa Teresa e o Largo da Lapa, a Joaquim Silva é uma rua singular na cidade. Sua lógica própria é cosmopolita e suburbana. Abriga ao mesmo tempo o futebol da criançada (que ainda brinca na rua), a cadeira na calçada, a efervescência da noite mais diversificada da cidade e o bingo de domingo da Dona Marlene. O botequim tradicional, o novo restaurante da moda, a carvoaria (onde mais ainda existe uma carvoaria?) e o terceiro ponto turístico mais visitado do Rio, a Escadaria Selarón. A descida do convento e as lendas de Madame Satã. É essa sobreposição de camadas que forma a alma da Joaquim. E "sim, as ruas têm alma!", como escreveu João do Rio, compreendendo que as elas têm personalidade própria e são a vida das cidades. A rua Joaquim Silva é uma amálgama de tantas almas. (ALMENTEIRO, 2020: 39-41)

João do Rio também diz em seu livro *A alma encantadora das ruas*, que: “A rua faz as celebridades e as revoltas”, e foi justamente essa conjunção que pudemos observar/pesquisar na Joaquim Silva. Das rodas de samba da então cantora iniciante Teresa Cristina no final dos anos 1990, no Bar Semente, as manifestações dos moradores em 2022 pelo assassinato de um jovem, por parte do estado. Sim Domi, concordo plenamente que a Joaquim é uma amálgama de tantas almas.

A cidade é viva. A alma já está lá. Se a rua é a protagonista, *Sorte ou revés* é quase uma autobiografia. A cenografia, então, precisa apenas colocar os adereços para vestir o personagem. O papel do cenário é jogar luz naquilo que é essencial para guiar os olhares em meio a esse grande emaranhado. Um carrinho de entrega de bebidas, elemento marcante do bairro, foi adaptado para se transformar em estação de rádio e acompanhar o trajeto de meio quilômetro. Brincando com a não linearidade temporal do texto, foram inseridos elementos cinematográficos de décadas passadas e acessórios de praia, resgatando a memória da antiga Praia Areias de Espanha. Tudo isso misturado a elementos do cotidiano. Para essa construção, também se tirou proveito do que a própria rua oferece. Muitos componentes do cenário foram adquiridos no “shopping chão” (formado por vendedores de objetos usados que expõem suas mercadorias na calçada). Com um aspecto de improviso, bem característico da Lapa, o cenário se mesclou ao contexto e virou parte integrante da paisagem, misturando aquilo que já é parte do cotidiano da Joaquim com o que foi trazido pela produção. Assim, os limites vão se borrando para os participantes. O que faz parte do dia a dia e o que é parte do espetáculo? O que é encenação e o que é vida real? *Sorte ou revés* é um questionamento sobre tudo isso, às vezes mais real que a própria realidade. Um convite àqueles que estão realmente abertos a ouvir, enxergar e saborear a rua, embarcando em uma caminhada por todas essas dimensões da experiência de cidade. Afinal, o que o atravessa quando você atravessa? (ALMENTEIRO, 2020: 42-43)

A temporada de *Sorte ou Revés* aconteceu em fevereiro, justamente num pré-carnaval, época em que os poros da cidade só transpiram folia e na Joaquim Silva não é diferente.

Se não me falha a memória, no segundo final de semana da peça, ao chegarmos na rua, vimos o estandarte do *Traz a caçamba*, um bloco de carnaval que homenageia o grupo Molejo. Quando íamos iniciar nosso cortejo, a agremiação voltou a tocar, após um intervalo. A produção foi lá, desenrolou, pediu aos músicos que aguardassem um pouco para que pudessemos seguir e assim foi. O nosso cortejo efetivamente se misturava ao bloco e aos foliões do carnaval e já não era mais possível saber o que era vida ou ficção, carnaval ou teatro.

Em outro dia da temporada, uma festa enorme do Rato Branco, o ateliê dos artistas plásticos Raul Mourão e Cabelo, que também funciona na Joaquim, estava promovendo uma comemoração, literalmente no meio da rua, com direito a DJ, ambulantes e o escambau. Novamente a produção deu aquele papo, nosso cortejo passou, e ainda arrastou parte do público para o nosso encerramento, na cena do pagode da Praia Areias de Espanha.

Diversos pesquisadores das artes performativas operaram a ideia de Ações Físicas, expandindo as provocações de Stanislavski e desdobrando em outros procedimentos (BONFITTO, 2009). No nosso processo de composição dos personagens de Sorte ou revés, as Ações Físicas somaram-se aos materiais de arquivo que levantamos desde o início do projeto. Após a criação de exercícios combinando essas referências, desenvolvidos a partir de uma centralidade na palavra e na imagem, tendo como viés canalizador das improvisações apresentadas pelos atores o direcionamento para uma ideia de fabulação, chegamos à elaboração do texto dramaturgico e aos corpos de cada personagem. Outro elemento presente no método de Stanislavski e enfatizado por nós durante os dois últimos meses de ensaio foi a execução e a repetição das ações e cenas criadas, sobretudo antes dos ensaios gerais na Rua Joaquim Silva. (PINTO, 2020: 54-55)

Teatro e literatura são formas de repetições. A vida é pura repetição e a gente é que tenta fabular umas efemérides para as coisas não parecerem ordinárias o tempo todo. Apesar das repetições, o teatro não é ordinário. Não é ordinário porque ele é vivo, ele é ao vivo, e requer atenção. Então as repetições nesse processo se tornam ainda mais necessárias, no sentido das ações estarem mais dentro, no sentimento, do que no próprio movimento.

Assim como me referi no início deste texto, quando apresentamos o espetáculo Sorte ou revés durante o mês de fevereiro de 2019 na Rua Joaquim Silva, sabíamos que ali não seria o encerramento do projeto, mas o último dia de apresentação foi para nós como um novo início. Além da mudança da perspectiva de relação com a rua, alterando nossos corpos e modificando o nosso olhar perante o dia a dia da localidade, diversos acontecimentos ocorreram e nos revelaram o quanto também fazemos parte da Rua Joaquim Silva e como as suas dinâmicas traduzem a cidade em que habitamos. Desenvolver um processo participativo com moradores da região, manusear e fabular arquivos sobre a localidade, estreitar laços com o território, compartilhar com a rua um espetáculo que tensiona o seu cotidiano, transformou-se em uma ação micropolítica que buscou novos caminhos para futuros possíveis, ação essa que se inscreve no domínio performativo não só artístico, mas também teórico e/ou existencial (ROLNIK, 2009). (PINTO, 2020: 55-56)

Todo esse processo do Fabulações foi intenso e lembro da gente comentar ao final, como os nossos olhares estavam inicialmente condicionados pela ideia da Joaquim boemia. Após meses de incursões no território, depois de conhecer a Márcia do bingo, a Dona Marlene, a Dona Aghata, o Seu Francesco, a Daade, a Fátima, o Antonio e até as pessoas que já não estavam mais ali, como o Seu Cláudio, o Jacob - o do bandolim, as polacas, as francesas, o Manoel Bandeira, as nacionais, a Madame Satã, o emparedado da Lapa, o Luís Martins, o João do Rio, e tantos. A Joaquim Silva certamente nunca mais será a mesma para os olhos daquele grupo de fabuladores.

Durante os encontros, os participantes foram convidados a realizar trabalho de campo no logradouro e estimulados a desnaturalizar os sons, a arquitetura, os personagens locais e as diferentes intervenções no espaço urbano, levando-os a perceber as diversas camadas de temporalidades e construções sociais em um mesmo espaço tempo, em um movimento de estranhar o familiar – como Gilberto Velho sugere em O desafio da proximidade (VELHO, 2003). Cada participante do processo recebeu um bloco de notas para escrever o seu “diário de bordo” e, em ocasiões específicas, realizou entrevistas com moradores e transeuntes, além de praticar a observação participante. Circular e frequentar espaços da Joaquim Silva passou a ser parte da rotina do grupo durante os meses de preparação do espetáculo; estar na Joaquim Silva passava por momentos de trabalho assim como de lazer. Os participantes passaram também por preparação corporal, vocal, musical, e encontros com análise de fotografias e vídeos sobre a região, sendo estimulados a produzir também seus próprios conteúdos. Os textos, vídeos e fotografias produzidos pelo grupo foram analisados e debatidos durante os encontros. (BITTENCOURT, 2020: 69-70)

Em uma das manhãs de sábado, a proposta era ir à Joaquim Silva e anotar todos os cheiros e sons que pudéssemos absorver. E que composição incrível tivemos ao final. Desnaturalizar o cotidiano é fundamental, não só num processo como o do Fabulações, mas diria que para a vida.

(...) tudo começa nos Arcos da Lapa, ali pertinho de onde era o restaurante Semente, e termina no boteco Beco do Rato –, o público também tem de prestar atenção no bingo, que corre junto com a trama e se torna parte da história. A cada trecho, nova dezena é sorteada e, no final, conhece-se o vencedor, que ganha até prêmio! Aconteceu comigo. Acompanhei tudo desde o início: vi chegar a charanga iluminada e sonora, empurrada com cuidado pelos integrantes do grupo; vi o show ao vivo, que dá início a tudo, com ótimos músicos tocando na rua, aquecendo a plateia; vi cenas lindas que são parte da trama, como o momento incrível em que todos têm de ajudar a subir a grande e invisível tenda que vai cobrir o espaço e proteger o que vai

acontecer ali embaixo... Cruzei toda a Joaquim Silva, com tempo para admirar o casario, os restaurantes tradicionais, os mais requintados e os caídos, a escada de ladrilhos que sobe para Santa Teresa, a rua de paralelepípedos que vai até a Sala Cecília Meirelles, o Centro Afro-Carioca de Cinema Zózimo Bulbul... a Lapa inteira naquele caminho, muita história sendo conduzida por essa ideia um tanto excêntrica de uma trupe de jovens de todo o Rio, dispostos a ocupar a rua com teatro, música, poesia, alegria, irreverência. Impossível não admirar esse coletivo abusado, inventivo, criativo, que faz, acontece e bota na rua eventos incríveis como Sarau do Escritório. Articulados, eles conhecem todo mundo e, queridos, é claro que todo mundo vai atrás do chamado do Peneira. No grand finale de Sorte ou revés, quando é revelado o ganhador do bingo, surpresa: a cartela sorteada foi a minha! (SOUZA, 2020: 85-87)

A ideia de construir uma peça interativa (em que o público jogava um bingo enquanto a encenação rolava), que andava e ainda se relacionava com o território, parecia no primeiro momento uma doideira. De fato era e tinha tudo pra dar errado, mas a repetição, a alma da rua e o encantamento, fizeram com que desse bom.

Num movimento orgânico e contínuo de questionamento, rigor, criatividade e organização coletiva e não negando conflitos e impasses inerentes, esse grupo procura manter o seu trabalho com dignidade ética e estética, essencial aos nossos tempos. Assume, desde que o conheço, uma postura descentrada, de escuta e aprendizagem com as realidades, não procurando falar sobre essas realidades nas suas criações, mas antes a partir delas. Quando surgiu, depois de alguns felizes encontros, a possibilidade de estar próximo desse trabalho, como supervisor, penso ter entendido as demandas artísticas e políticas que o grupo não queria mais adiar. Pensando nas discussões comprometidas de como fazer e por quê, nas deambulações pelas ruas, nas reuniões via Skype (hoje tão banalizadas), nas leituras partilhadas, nas dúvidas e rupturas transversais, o coletivo manteve uma ação marcada pela construção de um encontro com os moradores da Rua Joaquim Silva, afinal um encontro de vizinhos do mesmo bairro com toda a sua diversidade. Sem tentações de “romantizar” esses processos, muito expostos a instrumentalizações, esse trabalho concreto reuniu um conjunto de elementos-chave a sublinhar. Desde logo, consistiu numa criação baseada na horizontalidade entre todos os elementos do grupo, profissionais ou não das artes, numa participação ativa em todas as fases do processo criativo. Dessa forma, parecem ter sido evitadas abordagens participativas manipuladoras que excluem, por exemplo, os não profissionais da tomada de decisão nos processos, perpetuando-se, assim, a manutenção da visão de quem já tem o poder dentro dos cânones estabelecidos. Tive oportunidade de perceber como a pesquisa histórica e antropológica envolveu todos, como a discussão e reflexão foi aprofundada e como a escrita e direção, mesmo que assumida mais diretamente por alguns elementos, foi partilhada de forma persistente. Sorte ou revés espelhou um exercício de relação com a Lapa não se limitando à representação, mas indo muito mais além, poeticamente cruzando passado, presente e projetando futuro para os moradores do bairro e da cidade. O percurso da Peneira, quase sempre difícil, tem sido

continuado, estruturado, pensado, perspectivando o conflito como uma potência. Esse caminho foi reforçado neste projeto pela sua ligação ao contexto de vizinhança, da rua e proximidade intrínseca do ato de “criar” ao pulsar da vida. Tal permitiu conceber a criação artística nas suas múltiplas dimensões muito para além dos circuitos culturais legitimados. Nesse caso, parece estarmos, à semelhança do que acontece noutras geografias na atualidade, perante “outras” e “novas” configurações de criação e participação. (CRUZ, 2020: 92-94)

Meu desejo com esse trabalho, e que sempre foi o trabalho da Peneira, é o de contribuir com algum quinhão para o fortalecimento de histórias e narrativas não hegemônicas. De alguma forma, nós, enquanto grupo, ao longo da década de 10 do Século XXI, ajudamos a assentar algumas pedrinhas miudinhas desse Rio de Janeiro.

Em 18 de abril de 2021, Dona Marlene Nazareth, nossa principal interlocutora na Rua Joaquim Silva, se foi aos 73 anos, vitimada pela Covid-19.

Poucos meses antes eu havia feito uma longa entrevista com ela para uma homenagem que realizamos numa edição on-line do Sarau do Escritório. Nesse mesmo dia, tirei algumas fotos e uma delas foi usada como base para a criação de um grafite que os artistas Marcelo Ment, Airá Ocrespo e Bragga desenharam na porta da Estação Joaquim Silva, a escola do Circo Voador que Dona Marlene trabalhava e que ajudou a fundar junto com Maria Juçá, a diretora da Iona da Lapa.





Figura 78 - Dona Marlene posa na janela de sua casa na Rua Joaquim Silva. Fonte: Alex Teixeira. **Figura 79** - Netos da Dona Marlene em frente ao painel que foi pintado em sua homenagem na parede da escola do Circo Voador, na Joaquim Silva. Fonte: Instagram

Talvez esse seja o principal significado deste método de trabalho. Gerar documentos, gerar memória e fazer com que pessoas tão importantes como a Dona Marlene sejam celebradas e lembradas, dentro e fora de seus territórios.

Com essa dissertação, encerro um capítulo importante da minha vida e também concluo meus trabalhos junto a Peneira. Sigo como associado da organização, parceiro e um eterno espectador-participante.

Evoé!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

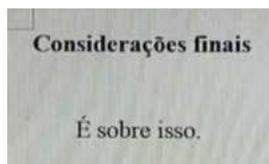
Em uma das primeiras reuniões de orientação com Marildo Nercolini ele lançou uma frase que balizou minha investigação até aqui: “Alex, seu trabalho é sobre vida, sobre arte e cidade!”. No começo, ao mudar o tema de pesquisa para o *Fabulações do Território*, achava que ia tratar da aplicação do método na Rua Joaquim Silva e como ele impactou a comunidade e os participantes. Após muito refletir sobre a provocação do Marildo, entendi que pra chegar no método, muitas vidas haviam atravessado a minha e as dos meus companheiros de grupo.

Entendi ainda que naquele ano de 2020, quando a Peneira completara 10 anos, além da data redonda (eventualmente ainda penso com a cabeça de jornalista), tinha um recorte geracional a ser abordado. Eu teria a oportunidade de escrever e falar sobre a geração que ajudei/ajudamos a construir e como os atravessamentos da cidade foram importantes para os nossos fazeres artísticos e culturais.

Era uma receita de bolo que me dava tesão e que precisou de uma faísca para ser acendida. A academia às vezes é tão árida e pesada, que se não tiver tesão, não há solução. E de alguma forma, essa pesquisa foi a solução para que eu conseguisse chegar até aqui após cruzar uma pandemia e todos os B.Os que a vida apresenta.

Durante os primeiros anos da década de 10 dos anos 2000, em diálogo com diversos amigos trabalhadores da cultura, falávamos o quanto a universidade era careta e como os nossos sonhos não cabiam nesses muros. Corta pra 2022: maior galera desse bonde concluindo mestrado e doutorado e pesquisando justamente o que fazíamos/fazemos na prática. Muito por conta de diversas políticas públicas e das pressões do dia a dia, as universidades brasileiras estão se abrindo para outros corpos e conseqüentemente para diferentes narrativas. É um privilégio estar nesse espaço da universidade pública e poder investigar o que a gente viveu, o que nos influenciou e nos moldou.

Essa pesquisa sobre 10 anos de atividade da Peneira e como chegamos num método artístico-comunitário não se encerra na Peneira e nem tenho a pretensão de concluir nada por aqui. Não é como aquela figurinha do whatsapp:



É uma proposta de "considerações finais", mas que não tem como ser final, porque a vida está acontecendo (e essa pesquisa também é sobre isso). É aqui e agora. É tudo ao vivo.

Quando começamos a nos reunir para pensar a Cia Teatral Peneira, não fazíamos ideia de onde isso ia desaguar. Por vezes o mar é profundo, revolto, mas também pode ser uma calmaria. É assim a vida na cidade, e é assim a vida de quem vive da cultura.

O jeito de olhar para a ideia de recorte geracional é perceber quantos indivíduos, grupos, coletivos, emaranhados, organizações, blocos e agremiações foram importantes para que a gente chegasse num método de trabalho, que esse método saísse do campo das ideias e virasse prática, que essa prática virasse peça de teatro, livro, artigo acadêmico e até uma dissertação.

Olhando em perspectiva, muitas coisas que vivemos individualmente ou coletivamente acabavam virando insights para os fazeres artísticos. Das conversas sobre Bate-Papo UOL e ICQ, passando pelos shows assistidos no Coca-Cola Vibezone, ensaios na quadra da Beija-Flor, nights na Casa Rosa, Pista 3, Lona Cultural, Comuna, Teatro Odisseia, Gafieira Elite, Estudantina ou Circo Voador. Os memoráveis cafés, que na verdade eram pastéis de queijo com caldo de cana às 6h da manhã, na Feira da Glória; ou coxinha de frango com catupiry, no Forno da Voluntários. Ou sentar na porta do metrô pra esperar a estação abrir na volta das festas.

Aí teve um momento que a cidade se arrumava para os megaeventos, lembra? Tudo começou a ficar muito caro e a grana curta demais. Vários eventos que aconteciam em lugares fechados foram parar nas ruas. Outros tantos já surgiram nas ruas, nas ruas dessa cidade que é portuária, mas que também é sertão. Outrora a Zona Oeste era chamada de Sertão Carioca.

Ensaio da Orquestra Voadora nos Jardins do MAM, Abre alas com biricótico liberados na encruza da Gentil Carioca (misturava os punks, a galera das artes visuais, os doidões da Tiradentes...), apresentação da montagem de Romeu e Julieta

do Grupo Galpão no Monumento dos Pracinhas, Hotel da Loucura, Joaquim Silva, Cachaça cinema clube no Odeon, aulas públicas do Simas com a galera do Norte Comum, Roque Pense, manifestações na Cinelândia, Geringonça no Sesc Tijuca, Mohandas na Pedra do Leme, Buraco do Getúlio no Sylvio Monteiro, mostras da Frente Teatro RJ, O Passeio é Público, Mate com angu na Lira de Ouro, Casa Nuvem, velório do Presidente⁴⁹ na Câmara de Vereadores, seguido de cortejo com a galera carregando seu caixão da Cinelândia até o Catumbi. Velório da Marielle com a Cinelândia absurdamente lotada. Um dos dias mais tristes que já vivi.

Ando por aí de bike, de trem e ônibus e sinto como se essa cidade porosa estivesse tatuada na minha pele, como se ela pudesse transbordar entre o ir e vir, entre o desejar e o fabular. Pesquisa, vida e arte se misturam. As cidades são interconectadas e as possibilidades de ficcionar a realidade são muitas. Como disse, essa tecitura de palavras que tem o nome de dissertação não termina aqui. Ela tenta oferecer caminhos para outras possibilidades através das experiências aplicadas pela Peneira e por um montão de outros companheiros de jornada.

A vida prática se dá nos territórios. Acho que o que estou entendendo nessas linhas e que talvez essa pesquisa nos revele, é que vida, arte e cidade são uma coisa só. Todos nós temos isso dentro da gente, com as nossas experimentações e experiências, cada uma à sua maneira.

⁴⁹ Sergio Luiz Santos das Dores, o Presidente, era uma pessoa muito simbólica nos atos políticos do Centro da cidade. Em seus últimos anos, vivia em situação de rua embaixo da marquise do Amarelinho da Cinelândia. Quando morreu, teve seu corpo velado na Câmara de Vereadores. Mais informações: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/12/1719998-morador-de-rua-e-manifestante-presidente-e-velado-na-camara-do-rio.shtml>. Acessado em 20/08/2018

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEX, Sun. Projeto da Praça: convívio e exclusões no espaço público. São Paulo: SENAC, 2008.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. Racismo estrutural. São Paulo, SP: Editora Jandaíra - Coleção Feminismo Plurais (Selo Sueli Carneiro), 2020.
- ALMENTEIRO, Domitila. O que te atravessa quando você atravessa. In: Fabulações do Território_Rua Joaquim Silva. Priscila Bittencourt e Luiz Fernando Pinto (orgs.). Rio de Janeiro: Associação Cultural Peneira, 2020.
- AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. Dicionário Teórico e Crítico de Cinema. São Paulo: Papirus Ed. 2007.
- BAHIA, Silvana Helena Gomes. Quem bate cartão também faz poesia: O Sarau do Escritório, as disputas e os encontros nas esquinas da Lapa. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades) – PPCULT, Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro: 2016.
- BELART, Victor. Cidade Pirata: Carnaval de rua, coletivos culturais e o Centro do Rio de Janeiro (2010-2020). Belo Horizonte, MG: Temporada, 2021.
- BITTENCOURT, Priscila. Sobre fabular um método e uma rua. In: Fabulações do Território_Rua Joaquim Silva. Priscila Bittencourt e Luiz Fernando Pinto (orgs.). Rio de Janeiro: Associação Cultural Peneira, 2020.
- BOAL, Augusto. Jogos para atores e não atores. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2007.
- BOAL, Augusto. Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. A miséria do mundo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- CABO, Júlia. “Paga nada não, pode entrar!”. In: Fabulações do Território_Rua Joaquim Silva. Priscila Bittencourt e Luiz Fernando Pinto (orgs.). Rio de Janeiro: Associação Cultural Peneira, 2020.
- CABALLERO, Mara. Bafo da Onça comemora 30 anos. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 8 janeiro 1987.
- CANCLINI, Néstor García. Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997.
- CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1, Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1998.
- COSTA, Lúcio. A nova Lapa de guerra. Revista Manchete. Rio de Janeiro, edição especial, 1974.
- CORTELLA, Mário Sérgio. A resignação como cumplicidade. Folha de São Paulo. São Paulo, 8 novembro 2001. Disponível em:

- <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/equilibrio/eq0811200123.htm>>. Acesso em 10 junho 2022.
- COUTINHO, Marina Henriques. A favela como palco e personagem e o desafio da comunidade - sujeito. Tese (Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas) - PPGAC, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2010.
- CRUZ, Hugo. Arte e comunidade. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2015.
- CRUZ, Hugo. "Sorte ou Revés" ou a vida como ela é!. In: Fabulações do Território_Rua Joaquim Silva. Priscila Bittencourt e Luiz Fernando Pinto (orgs.). Rio de Janeiro: Associação Cultural Peneira, 2020.
- FERNANDES, Thiago Spíndola Motta (2020). Mídia tática como conceito operativo nas artes visuais. Revista Estado da Arte, Uberlândia. v.1, n.1, 147-163, jan./jun. 2020
- FAUSTINI, Marcus. Mais de cem saraus. O Globo, Segundo Caderno. 7 abr. 2015. p. 2.
- GOMES, Paulo César da Costa. A Condição Urbana - ensaios de ecopolítica da cidade. Rio de Janeiro: Bertrand, 2002.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. Micropolítica: cartografias do desejo. 2ª Edição. Petrópolis: Vozes, 1986.
- HAESBAERT, Rogerio. O mito da desterritorialização: Do "fim dos territórios" à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- HANNERZ, Ulf. Fluxos, fronteiras, híbridos. Palavras-chave da antropologia transnacional. In: MANA - Estudos de Antropologia Social (Nº-3, v.1). (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional) - PPGAS-MN, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 1997.
- HARVEY, David. Cidades Rebeldes: Do Direito à Cidade à Revolução Urbana. São Paulo: Martins Fontes, 2014
- JACQUES, Paola Berenstein. Notas sobre espaço público e imagens da cidade. Arqtextos, São Paulo, ano 10, n. 110.02, Vitruvius, jul. 2009 <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/10.110/41>>. Acesso em 2 agosto 2022.
- LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In. LE GOFF, Jacques. História e memória. 5. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 1990.
- LEFEBVRE, Henri. O direito à cidade. São Paulo: Centauro, 2001.
- LOPES, Guilherme. Fabular a cidade e a nós. In: Fabulações do Território_Rua Joaquim Silva. Priscila Bittencourt e Luiz Fernando Pinto (orgs.). Rio de Janeiro: Associação Cultural Peneira, 2020.
- LUSTOSA, Isabel. Lapa do desterro e do desvario – Uma antologia / vários autores. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001.
- LUZ, Moacyr. A Lapa em dois sambas. In: Antologia da Lapa. Gasparino Damata (org.). Rio de Janeiro: Desiderata, 2007.
- NERCOLINI, Marildo José. A construção cultural pelas metáforas: A MPB e o Rock Nacional Argentino repensam as fronteiras globalizadas .Tese (Programa de Pós-

graduação em Ciência da Literatura) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2005.

NERCOLINI, Marildo e ENNE, Ana Lucia. Narrativas de memória e territórios inventados: a configuração das identidades e dos lugares como processos culturais. IN: Revista Mídia e Cotidiano - UFF, número 8. Niterói, 2016.

OLIVEIRA, Denilson Araújo de. O marketing urbano e a questão racial na era dos megaempreendimentos e eventos no Rio de Janeiro. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais. v. 16, n. 1, 85-106, maio 2014.

. Inscrição espacial do racismo e do antirracismo: A 'Pequena África' como forma espacial de descolonização da área central e portuária do Rio de Janeiro. XIII ENANPEGE. 3-4, setembro 2019.

PAVIS, Patricie. Dicionário de Teatro. Tradução para a língua portuguesa sob a direção de J. Guinsburg e Maria Lúcia Pereira. São Paulo: Perspectiva, 2005.

PINTO, Luiz Fernando. Tecendo a trama, ligando os pontos. In: Fabulações do Território_Rua Joaquim Silva. Priscila Bittencourt e Luiz Fernando Pinto (orgs.). Rio de Janeiro: Associação Cultural Peneira, 2020.

PIRES, Ericson. Cidade Ocupada. Rio de Janeiro: Coleção Tramas Urbanas, Aeroplano Editora, 2007

RIBEIRO, Ana Paula Alves. Quantas cidades há em mim? Diálogos entre intervenções urbanas nas ruas do Rio de Janeiro. In: Revista de Antropologia e Arte. Campinas: n.7, v.2, 2017.

ROSENBERG, Diego. Teatro Comunitario Argentino: Catalinas Sur; El Teatral Barracas; Patricios Unidos de Pié; El Bermejo. Buenos Aires, Emergentes, 2009

SACK, Robert. Human Territoriality: its theory and history. Cambridge: Cambridge University Press. Reino Unido, 1986.

SANSÃO, Adriana. Amabilidade Urbana. URBS - Revista de Estudios Urbanos y Ciencias Sociales. Volumen 2, número 1. 69-93, 2012.

SANTOS, Milton. O Dinheiro e o Território. In Geographia. Revista da Pós-Graduação em Geografia da UFF, v. 1, n. 1, 1999.

SHER, Edith. Teatro de vecinos: de la comunidad para la comunidad. Colección estudios teatrales. Ed. Instituto Nacional del Teatro, Buenos Aires. 2010.

SOUZA, Ana Claudia. Notas sobre Sorte ou Revés. In: Fabulações do Território_Rua Joaquim Silva. Priscila Bittencourt e Luiz Fernando Pinto (orgs.). Rio de Janeiro: Associação Cultural Peneira, 2020.

STATUTO, Rosana. Lapa o templo da boemia clean. Revista Manchete. Rio de Janeiro, 19 outubro 1996.

TEIXEIRA, Alex. A incansável construção de um método de trabalho artístico. In: Fabulações do Território_Rua Joaquim Silva. Priscila Bittencourt e Luiz Fernando Pinto (orgs.). Rio de Janeiro: Associação Cultural Peneira, 2020.

TEIXEIRA, Alex. Quem vai socorrer os malditos. Blog da Peneira. Rio de Janeiro, 3 agosto 2020. Disponível em: <<https://peneira.org/quem-vai-socorrer-os-malditos>>. Acesso em 10 julho 2021.

VENTURA, Zuenir. Cidade Partida. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

VIANNA, Luiz Fernando. A reinvenção da Lapa. Folha de São Paulo. Rio de Janeiro, 6 janeiro 2008. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0601200828.htm>>. Acesso em 1 março 2021.

YOUNGBLOOD, Gene. Expanded Cinema. New York: P. Dutton, 1970.

ANEXOS

Sorte ou Revés Fabulações do Território_Joaquim Silva

SINOPSE

Espetáculo criado a partir das memórias da Rua Joaquim Silva, na Lapa, uma das mais simbólicas do Rio de Janeiro.

Um grupo de vizinhos se une para realizar um bingo, quando são surpreendidos pela chegada de um pesquisador em busca de informações sobre a cantora Carmen Miranda e o anúncio de um ciclone extratropical que se aproxima da cidade. Neste contexto, em formato itinerante, o público é convidado a jogar o bingo com os atores, enquanto são reveladas histórias sobre personagens da Lapa e suas riquezas. Passado e promessas de futuro se encontram entre as pedras cantadas.

A montagem é resultado do método “Fabulações do Território”, criado pelo grupo Peneira, no qual moradores e artistas convidados, durante quatro meses, se reuniram em um processo artístico-comunitário a partir de oficinas multilinguagens e procedimentos ficcionais de criação.

O espetáculo é uma alegoria permeada por cenas que incluem contação de experiências e memórias, composições poéticas e musicais, projeção e registros visuais do/no território como forma de vivenciar e redescobrir este espaço. A dramaturgia abre espaço para ressignificação da paisagem urbana como possibilidade ficcional, mística e fantástica.

Ficha técnica:

Direção e texto: Priscila Bittencourt, Alex Teixeira e Luiz Fernando Pinto
Dramaturgia: Priscila Bittencourt, Yassu Noguchi, Alex Teixeira, Luiz Fernando Pinto e Paulo Sérgio Kajal
Supervisão: Hugo Cruz
Direção musical: Maurício Maia
Músicos: Calebi Benedito, Fernando Katullo, Jon Pires e Mauricio Maia
Direção de movimento e preparação corporal: Kamilla Neves
Preparação vocal: Ledjane Motta
Cenografia: Domitila Almenteiro
Iluminação: Jon Thomaz
Figurino: Camila Loren
Mapping e videoinstalação: Flávia Moretz, Handerson Oliveira e Priscila Bittencourt
Elenco: Amanda Corrêa, Cristina Telles, Domitila Almenteiro, Júlia Cabo, Michele Lima Pereira, Waleska Adami, Yassu Noguchi, Alex Teixeira, Calebi Benedito, Luís Cláudio Arcos, Marcus Ferreira, Paulo Sérgio Kajal, Pedro Uchoa, Tiago Nascimento e Victor Santana
Fotografia: Victor Coutinho
Design: Fabiano Pires
Pesquisa: Priscila Bittencourt, Alex Teixeira e Luiz Fernando Pinto
Produção: Talita Magar
Assistência de produção: Katleen Carvalho
Realização: Peneira

Serviço:**Sorte ou Revés**

Local: Rua Joaquim Silva, s/nº - Lapa (ponto de partida na esquina com a Rua Evaristo da Veiga)

Datas: 2 a 24 de fevereiro de 2019 (sábados e domingos)

Horário: 19h30

Informações: (21) 98122-5488 / contato@peneira.org

Ingressos: Colaboração consciente

Duração: 90min

Gênero: Comédia

Classificação indicativa: Livre

Capacidade: 80 pessoas

Sorte ou Revés
Cena 1 - O grande bingo

Todos estão na Rua Joaquim Silva realizando ações do cotidiano. A Rádio L.A.P.A FM Rio de Janeiro está no ar e toca músicas dançantes. Após uma sequência de canções entra o locutor e todos dão atenção para as informações.

Locutor - Ouvintes da rádio L.A.P.A FM Rio de Janeiro, aqui quem fala é a sua companheira de todos os dias, a voz de todas as horas, Odylo Paixão, o locutor apaixonado por vocês! Muita atenção para o nosso plantão! *(toca a vinheta do plantão)*. Aqui quem fala é Odylo Paixão, testemunha ocular da história. Atenção, atenção, ouvintes! Acaba de chegar na Cidade Maravilhosa o importante pesquisador Herbert Richards, em busca de uma informação crucial para o seu próximo filme. Onde morou Carmen Miranda, a Pequena Notável? Neste momento, com base em dispositivos do ato institucional, o presidente da república assinou uma série de importantes decretos do setor financeiro. Segundo o Ministro Delfim Netto, os documentos firmados hoje pelo chefe de governo, destinam-se a corrigir uma série de distorções do setor tributário, e contém inovações visando o fortalecimento da atividade das empresas, estimulando sua capitalização. *(vinheta do tempo)* Previsão: Tempo sinistro! Temperatura sufocante. O ar está irrespirável. O país está sendo varrido por fortes ventos. Máxima de 38 graus em Brasília e mínima de 5 graus na Lapa. Atenção todos os ouvintes, tempestade em breve na Guanabara. Previsão de alagamento na Praça da Bandeira e água até o pescoço na Rua Joaquim Silva.

O clima na Joaquim Silva muda com a notícia de possível tempestade. Os atores se juntam em coro observando a mudança do tempo. Uns olham para o céu, outros para os lados. Quando o coro estiver todo formado, faz-se uma imagem com todos parados.

Alex - Chuva? Mas logo hoje!

Michele - Mas não é possível, o céu tá azul. Tudo limpo, não tem nem uma nuvem.

Dilminha - Esses caras não sabem de nada. Eu não acredito em previsão do tempo.

(coro vira com a próxima fala)

Marcus - Eles nunca erram. É batata! Se falam que vai chover, podem acreditar.

Julia - Não é março o mês que chove?

LC - Então pronto. Não estamos em março. Tá tudo tranquilo.

(coro vira com a próxima fala)

Paulo - Eu só acredito vendo. Faz dias que não chove.

Amanda - E daí?

Calebi - E daí que vamos ter que cancelar o bingo!

(coro avança cobrindo o Calebi)

Todos - Cancelar o bingo?

Tiago - Você ficou doidão?

(Tiago cresce diante do coro, em seguida coro vira com a Cris)

Cris - Fazer bingo na chuva é que não dá, né?

Vitor - Cancelar o bingo dá azar.

Domitila - Nunca vi bingo debaixo d'água.

(coro segue Amanda que muda o eixo pelo plano inferior)

Amanda - Ralei pra cacete pra esse bingo rolar, então tem que acontecer!

Michele - Ralei? Só você, né bonita?

Paulo - Todos nós! Apesar que tem gente aí que ficou só no migué.

(coro muda de direção com Julia)

Julia - Deus tá vendo!

(Silêncio - o coro sente uma gota d'água)

LC - Caiu uma gota!

Calebi - Que gota? É água do ar-condicionado.

(coro gira com a Julia)

Julia - Meu filho, onde você está vendo ar-condicionado aqui?

Paulo - Pelo cheiro tá parecendo xixi de pombo.

Yassu - Não pode chover não.

Victor - Eu nunca vi bingo na chuva.

Cris - Se adiar agora, o próximo só ano que vem.

(Silêncio - o coro sente outra gota d'água e Tiago inclina-se para diagonal)

Tiago - Agora eu vi, é água mesmo!

Amanda - Se isso aqui não for água de chuva, eu mudo de nome.

LC - Caramba!

(Amanda muda a direção do coro)

Amanda - O que foi?

LC - Logo agora que deixei a minha galocha consertando lá no Seu Francisco!

Paulo - O que é galocha.

LC - É bota, moleque!

(Silêncio - o coro sente outra gota d'água)

Michele - Outra?

(Todos viram no lh! se agachando para a esquerda)

Todos - Ih!

Amanda - É mesmo.

(somente LC levanta)

LC - Essa caiu na testa dela.

(Julia levanta)

Paulo - É suor, não está vendo?

(todo levantam)

LC - Mas tem cara de água.

Tiago - Com um céu bonito desses, aposto 10 contos que não chove.

(Silêncio - o coro sente outras gotas d'água, eles se olham, olham pro céu e correm.

Alex fica em cena.)

*Neste momento o coro agacha, formam-se outros dois pequenos coros e se desfazem do objeto,
Alex fica só, à frente, no meio da cena.*

Alex - Atenção, atenção! E a primeira dezena é...33

Off canta a primeira pedra do bingo. Todos marcam suas cartelas, inclusive o público

Calebi - O grande bingo do ano não pode ter prêmio mixuruca!

Michele - Tem que ser coisa boa.

Vitor - Carrinho de controle remoto.

Amanda - Garrafa de cachaça de Minas.

Calebi - Bolsa.

Michele - Panela de pressão!

Vitor - Patinete.

Amanda - Uísque.

Calebi - Espremedor de laranja.

Michele - Cafeteira.

Victor - Guarda roupa.

Amanda - Aparelho de jantar.

Calebi - Tô precisando de ventilador.

Vitor - Fogão.

Michele - Desses de cinco bocas.

Amanda - Sofá.

(todos concordam que sofá é um bom prêmio)

Calebi - Atenção, atenção e a próxima dezena é... 51 *(Off canta a segunda pedra do bingo... Todos marcam a sua cartela, inclusive o público.)*

Cena 2 - Conversa na sacada

Na sacada

Julia - Ei, tô falando com você. É surdo?

Paulo - Ainda não.

Julia - Tô te chamando faz horas.

Paulo - E esse bingo, hein?

Julia - Parece que não vai dar pé.

Paulo - Graças a Deus!

Julia - Você não gosta?

Paulo - Deus me livre.

Julia - Mas é animado.

Paulo - Isso é.

Julia - Deixa a rua mais alegre.

Paulo - É verdade.

Julia - Vem gente de tudo quanto é lugar.

Paulo - Essa parte é a melhor.

Julia - Então por que não gosta?

Paulo - É que sempre jogo e nunca venço.

Cena 3 - Organização do bingo

Coro em deslocamento

(Muito burburinho sobre o bingo, os prêmios, etc)

Vitor - Posso falar? *(Muito burburinho)* Posso falar? *(Muito burburinho)* Posso falar?
(Se destaca do coro e repete três vez "posso falar?". Ergue os braços na terceira)
(burburinho cessa)

Domitila - Se ele calar a boca.

Tiago - Mas eu nem falei.

Cris - Xiu!

Alex - Desse jeito esse bingo não sai.

Michele - Vira essa boca pra lá.

(muito burburinho)

Vitor - Posso falar?

(burburinho cessa)

Calebi - Toda vez é mesma coisa.

LC - Ô, galera. Não tenho todo tempo do mundo.

Domitila - Assim fica difícil.

(Muito burburinho)

Vitor - Posso falar?

(burburinho cessa)

Todos - Fala logo de uma vez, ô!

Vitor - Repassando, você recepciona os convidados *(aponta para Domitila)*. Você vende as cartelas *(aponta para Michelle)*. Vocês dois aí são responsáveis pela decoração *(aponta para Alex e Calebi)*. Tu vai arranjar o equipamento de som e falar com o DJ *(aponta para Cris)*. Ei, você compra os ingredientes pro churrasco, o arroz à la grega, farofa e o molho à campanha *(aponta para o Marcus)*.

Tiago - E eu?

Vitor - Você fica quietinho. Quem não ajuda, não atrapalha.

LC - Atenção, senhoras, senhores e crianças presentes, lá vai a terceira pedra...13
(*Off canta mais uma pedra do bingo. Todos marcam suas cartelas, inclusive o público*)

Cena 4 - Pedro Barbudo

Ideia de ágora, o coro utiliza os engradados de cerveja para ganhar altura

Calebi - Porra, vai chover. A gente já sabe. Mas o Pedro Barbudo, da associação dos barraqueiros, me disse que quando chove eles não montam as suas barracas. O que eu pensei, podemos pegar as lonas das barracas e montar uma grande tenda.

Tiago - Eu tô com ele. Esse aí é pé quente.

Calebi - A gente costura uma lona na outra. Três meses preparando o bingo, não vamos desistir agora.

Michele - Eu tinha já dito que iria chover. Ninguém me deu ideia.

Tiago - Será que a gente não desenha um sol?

Calebi - Não acredito nessas mandingas aí, não.

Michele - Então a gente faz as duas coisas, desenha o tal o do sol e põe a lona de pé.

(Enquanto desenhavam o sol, chegam as outras pessoas carregando a lona. Os que estavam desenhando o sol, seguem para ajudar o grupo. O que segue é a tentativa de montarem a lona. Após a lona ficar de pé, o coro observa orgulhoso o que fizeram, quase uma obra de arte. A lona deverá ser montada na altura do Bar do Seu Antônio.)

Cena 5 - Onde mora Carmen e a Escadaria

Domitila e Alex aproximam-se do coro e parabenizam o trabalho feito

Domitila - Que beleza! Ficou bonito. Agora esse bingo sai.

Alex - Isso que é trabalho em grupo.

Domitila - Agora não há chuva que acabe com a nossa diversão!

(Vão formando-se dois coros, um atrás de Domitila e outro atrás de Alex)

Alex - Olhando bem, essa lona poderia ser um pouquinho maior.

Domitila - Também achei pequena.

Alex - Mas é que nem coração de mãe.

Domitila- Chegou um estrangeiro batendo na casa de vocês?

Alex - Na minha não.

Tiago - Na minha também não, eu moro em área de risco.

Domitila - Apareceu lá em casa falando umas coisas em línguas que eu não entendo.

Perguntando sobre uma tal de Pequena Notável.

Paulo- Acho que é a Carmen Miranda, hein!

Michele - E o que você disse?

Julia - Disse que não sei. Se morou não me lembro.

(Neste momento os dois coros já estão formados)

Tiago - Mas contei aquela história.

LC - Qual?

(Rádio, plantão ao vivo. Os dois coros dão atenção ao informe)

(vinheta de plantão da rádio)

Locutor - Atenção, ouvintes! Aqui quem fala é Odylo Paixão, da Rádio L.A.P.A FM Rio de Janeiro, com as notícias de última hora. Funcionários da prefeitura acabam de chegar na Escadaria Selarón, na Lapa, onde será feito o anúncio das obras de modernização do monumento.

(Após a notícia, os coros se juntam formando um coro apenas, tensão! [música para cantar a pedra] O corifeu canta mais uma pedra e todos anotam na cartela, inclusive o público.)

Michele - Atenção, atenção! E a próxima pedra é... *terminando o jogo, 90 (off anuncia mais uma pedra)*

(Música na rádio e burburinho, o coro se desfaz e segue chamando as pessoas nas casas e na rua para seguirem juntos rumo à escadaria)

Cena 6 - O anúncio da modernidade

O coro chega à Escadaria Selarón e inicia o movimento de levar um pedaço do monumento consigo. Uns tiram azulejos, outros se juntam para levar as banheiras, uns iniciam a venda de azulejos, e tem gente que tira a última foto para guardar de recordação.

Prefeito - Senhoras e senhores, hoje é um dia histórico para o bairro da Lapa e para a nossa Cidade Maravilhosa. Não foi fácil, mas com o trabalho do nosso excelentíssimo prefeito vamos dar início a primeira parceria público privada do bairro, e isso não vai custar quase nada aos cofres públicos. O projeto vai de encontro com o que há de mais moderno no mundo. Seguimos padrões internacionais, como a cidade de New York, Berlin, Barcelona, o bairro de Montmartre em Paris, e finalmente a Lapa será valorizada como merece. Aqui temos o símbolo da modernidade na nossa nação.

(O coro inicia um movimento mecânico da “última selfie” na escadaria.)

Prefeito - Aqui será instalada uma nova e moderna escadaria, com uma melhor iluminação utilizando faróis de xenon, borrifadores de água para refrescar nossos turistas no verão. Tudo com a mais avançada tecnologia mundial. E para o inverno, neste clima de montanha da Lapa, serão instalados aquecedores que alcançam altas temperaturas. Para o melhor conforto e comodidade, o principal, no lugar desse concreto e azulejos, será instalada uma luxuosa e ostentosa escada rolante. Além de bilheteria e segurança 24h.

(O coro faz o movimento da escada rolante.)

Maurício - Como prometido desde o começo da nossa campanha, a proposta é cuidar das pessoas. No sentido de não descaracterizar a Lapa, e homenagear o pintor chileno Jorge Selarón, convidamos o artista brasileiro Romero Britto para realizar dez painéis que serão afixados ao lado direito da nova e moderna escadaria. Para que todo o projeto seja realizado com sucesso, todos nós devemos fazer concessões. Uma delas é a necessidade de reassentamento de algumas famílias e a demolição de algumas residências e casarios que enfeiam a rua, incluindo a casa onde morou

Carmen Miranda, aqui na Joaquim Silva. Essas remoções atendem as normas internacionais, e visam a boa circulação dos milhares de turistas que passarão a consumir aqui.

(As pessoas ficam revoltadas e vão se juntando em coro.)

Victor - Ah, não!

Dilminha - Não mesmo!

Yassu - Aí já é demais.

Paulo - Mexer com a Carmen?

Alex - Agora o bicho vai pegar.

Marcus - Ninguém vai colocar um dedo na Carmen.

LC - Que papo é esse?

Calebi - Porra, Romero Britto?

Julia - Já não está bom de Romero Britto por aí?

Domitila - Mas onde morou Carmen mesmo?

Tiago - Eita! Você não sabe?

Cris - Não.

LC - Eu sei.

Marcus - Ouvi na rádio que tem um cara aí querendo saber também.

Yassu - Fiquei sabendo.

Amanda - Meu tio disse que morou no 37.

LC - Claro que não.

Tiago - Cara, quem é Carmen?

Julia - Carmen Miranda, a cantora.

Alex - No 37, mora Seu Geraldo há mais de 50 anos.

Michele - *(Da janela do hotel da Daad)* Eu sei onde morou Carmen! Ela morou aqui. Tinha um quarto exclusivo, o 1379. Carmen chegou ainda pequena na Joaquim Silva. Seu pai era barbeiro e sua mãe proprietária desta pensão, que à época, chamava-se Pensão Recanto do Amor, e hoje, com a globalização e desenvolvimento da Lapa, passou a se chamar Hotel Love's House.

Mamãe trabalhou para os pais de Carmen. Lembro bem dos banhos de sol e de lua na Praia Areias de Espanha, chamada por nós de Praia da Lapa. Num domingo quente

de verão, a praia estava abarrotada de gente. Pra arrumar uns trocados, Carmen e eu resolvemos vender salada de fruta para os banhistas. Eu era um arraso! Colocava uma cesta de frutas na cabeça e Carmen, com aquele vozerão, anunciava o produto. Era um estouro de vendas, chegava a faltar frutas no sacolão. Tudo que Carmen foi, ela deve a mim. Fui eu que a ensinei a cantar. Fez tanto sucesso que logo encantou o mundo e se mudou para os Estados Unidos. Me chamou pra ir junto, mas eu não queria largar a Lapa. Resolvi fazer carreira por aqui e assumir esse hotel. Carmen não morreu em 1955, foi tudo um grande teatro! Na verdade ela estava fatigada com aquele marido que a explorava, daquela vida horrorosa de Hollywood. Tinha que tomar remédio para dormir, para acordar, para emagrecer. Ela planejou fugir com um amante e sair de cena. Carmen não era feliz com aquele glamour. Foi o plano perfeito. Eu fui uma das poucas pessoas que sabia da verdadeira história. Uma pessoa muito parecida com Carmen Miranda apareceu ali no IML da Lapa e com a minha ajuda e do Seu Cláudio do 57, conseguimos trocar as identidades. Carmen permaneceu no anonimato nos Estados Unidos e depois voltou para a Joaquim Silva. E aqui, neste mesmo imóvel, viveu os seus anos de glória. Carmen morreu com 100 anos, em 2009, quando a Lapa já estava bombando. Poucas pessoas sabiam que aquela velha senhora era Carmen Miranda. A família dela comprou o bar Semente, mas quando ela morreu, resolveram enterrar o corpo de Carmen no porão do Ximeninho. Na verdade, o Ximenes é primo de segundo grau de Carmen Miranda. A Pequena Notável tinha grana e ajudou muita gente. Um dia, um chileno muito aventureiro, passando pela Lapa, disse que queria ladrilhar essa escada aqui. Carmen foi até a loja de ferragens e deixou tudo pago: cimento, argamassa, rejunte e azulejos de tudo quanto é lugar do mundo. E deu-se a obra! Se perguntarem, não diga que fui eu que contei. Se me perguntarem, eu nego! Mas diz que as joias de Carmen Miranda estão enterradas sob a escadaria, abaixo de sete palmos, pois são sete cidades embaixo dessa cidade. Há algo místico na Lapa.

Maurício - Por gentileza, é necessário que evacuem o espaço pois é preciso dar seguimento à obra, rumo ao futuro. Solicitamos aos moradores que deixem suas casas, fechem as janelas e liberem a área! (*sirene e contagem regressiva*).

Todos - Corre! Corre! Corre! Cuidado! Anda! Vamos!

(Parte dos atores formam um cordão de isolamento. Todos seguem para a Casa da Música para buscar refúgio)

Cena 7 - Assembleia - Casa da Música

(mapping de arco íris no espaço todo)

Paulo - Podem entrar! Sejam bem vindos. Boa noite.

Domitila - Cabe todo mundo.

Dilma - Vamos, vamos. Entrem.

Marcus - Silêncio! Silêncio!

LC - Se ajeita aí!

Amanda - Pode sentar aí, senhor!

Julia - Paga nada não, pode entrar.

Tiago - Começa ou não começa?

Alex - Vamos iniciar a reunião.

Victor - Estamos aqui reunidos em assembleia extraordinária para deliberar acerca do ciclone que vem se aproximando da nossa cidade e ameaçando a realização do nosso bingo. Segundo informações do centro de operações da prefeitura, a aproximação de uma frente fria e a formação de um sistema de áreas de baixa pressão, aliada a uma massa de ar polar, vai provocar fortes chuvas e rajadas de vento, sobretudo aqui na Lapa. Providenciamos uma grande lona que vai cobrir toda a Rua Joaquim Silva, mas há um receio de que a lona não seja suficiente. Ainda mais após o anúncio do prefeito.

(entra áudio do Crivella)

“Depois do carnaval, uma tempestade que nunca se viu no Rio de Janeiro, na quarta feira. Uma tempestade que segundo os especialistas, ela nunca tinha ocorrido antes na cidade. Mas eu tenho fé em Deus que nós vamos vencer todas essas dificuldades e com certeza superar esse nosso difícil processo de evolução civilizatória. Tenho certeza de que vamos alcançar o aperfeiçoamento econômico, social e até espiritual da nossa população. Que Deus vos abençoe! Muito obrigado pelas orações de todos. E, graças a Deus, depois do dilúvio, vamos ver o arco-íris no céu.”

Calebi - Galera, enquanto vocês resolvem aí, vou lá no depósito comprar o gelo. *(sai)*

Julia - Olha, vocês estão falando aí de chuva, mas quando chove quem se ferra sou eu. Não tô preocupada com bingo, não. Quero saber quem vai resolver o meu problema. Aquela fossa da Lucinha do 86 está entupida há anos. Toda vez que São Pedro resolve lavar o castelo é a mesma coisa. Tudo enche, é bosta por tudo quanto é lado. O pior, é a fedentina.

Michele - Cruz credo!

Victor - Senhoras e senhores, por favor! O foco aqui é outro.

Julia - Porque não é contigo!

Alex - Isso me lembra uma história do prédio que eu morei ali na Taylor.

Victor - Gente, por favor!

Domitila - Deixe ele continuar, oras!

Alex - Esse caso deu até no Linha Direta. O doutor advogado Heitor, um homem bem apessoado, de família, eu particularmente não conhecia os familiares, mas sei que era de boa índole. Tinha dois apartamentos, um ali pelos lados da Glória e o outro bem aqui na Taylor, que usava só para guardar os processos. Um dia ele deu um chá de sumiço, escafedeu-se. Foi quando apareceu um sobrinho dele lá do norte, veio pra passar o carnaval. Quando chegou na Glória, foi avisado pelo porteiro que seu tio não aparecia há semanas. Devia estar dormindo com os processos na Taylor. O rapaz então se encaminhou para a Taylor. E vocês não imaginam o que aconteceu.

Cris - O que?

Amanda - Fala, fala!

Alex - Calma que a história me emociona. Severino, o porteiro do prédio da Taylor, disse ao sobrinho que o doutor Heitor devia estar na Glória, pois na Taylor ele não aparecia há semanas.

Marcus - Eu conheci esse Severino aí, era um safado!

Alex - Pois bem. Severino começou a ostentar aqui na Joaquim Silva. Passou a viver de camisa de linho, sapato bicolor, pagava rodada de cerveja para rapaziada e ainda comprou um Escort XR3 conversível. A vizinhança começou a manjar. Depois de um mês do sumiço do doutor Heitor, subiu uma catinga insuportável, e numa reunião dos condôminos, assim, tipo essa aqui, perceberam que o fedor vinha lá dos lados do elevador.

LC - Da casa de máquinas?

Alex - Então, meu filho. Isso mesmo. A gente resolveu arreventar a parede que o Severino tinha construído com as próprias mãos. Chamamos o Linha Direta, foi a primeira vez que eles transmitiram um caso ao vivo. Vocês não podem imaginar o horror! Lá estava o Seu Heitor, doutor Heitor, enrolado numas ataduras, que nem uma múmia do Museu Nacional, e ainda estava segurando um charuto. Não consigo esquecer essa imagem. Todo dia, entra noite e sai noite, eu sonho com o doutor Heitor. Hoje, inclusive, vou sonhar de novo.

Paulo - E o porteiro?

Alex - Severino? Diz que Severino roubou o dinheiro todo, comprou carro, lancha, jet ski e se meteu pro Paraguai. Nunca mais vimos o porteiro aqui na Lapa. Mas parece que enriqueceu mais ainda, abriu uma empresa de turismo lá nas Cataratas do Iguaçu.

Yassu - Já ouvi essa história, isso aí ficou conhecido como o caso do “emparedado da Lapa”.

Victor - Pessoal, não quero ser o chato, mas precisamos dar prosseguimento ao nosso encontro... Eu tenho aqui algumas propostas, mas antes, gostaria de ouvir a de vocês.

Tiago - Olha, essa rua não tem mais limites. Diante de toda insalubridade que a companheira ali relatou, eu queria compartilhar o que aconteceu comigo. Presenciei ontem um caso cinematográfico. Me lembrou até Macunaíma. Cheguei cedo na Joaquim Silva pra arrumar um lugarzinho perto da carvoaria. Eu, meu isopor, minhas caipirinhas e meu banquinho. Era assim, umas seis da noite. O povo começava se aglomerar, o reggae já estava rolando, o pagode comendo solto, os punks fazendo rodinha, os hippies vendendo artesanato, a galera do melzinho ganhando seu dinheiro, os gringos, que já vinham da praia manguaçados, entrando e saindo da sinuca, uns brother do hip-hop rimando na hora, até o cover do Michael Jackson estava lá. O cheiro de mijo se misturava com a marola. Aí, do nada, sem ninguém perceber e nem imaginar, olhei pro lado e lá estava uma mulher gritando. Aos berros! Não entendi, mas corri pra ajudar. Chamei a Vivi que estava do outro lado da rua.

Amanda - Olha, eu já cheguei com o plástico de gelo. Me posicionei em baixo da mulher. E foi uma das coisas mais bonitas que já presenciei em toda a minha vida. Ela deu a luz ali mesmo. Um meninão forte, bonito. Cortei o cordão umbilical e ainda virei madrinha.

Victor - É sério, sei que tem muitas histórias, a gente está aqui dentro há horas. Mas temos um bingo pra resolver.

Domitila - Você pode me dar um minuto? Prometo que vai ser rápido, mas é importante.

Victor - É que nós não temos mais tempo, minha senhora.

Domitila - É rapidinho mesmo, eu juro.

Victor - Desculpa, senhora. Mas não dá.

(Domitila vai tomando o centro do espaço)

Domitila - Eu queria aproveitar que estamos todos aqui reunidos, e tem um monte de guia de turismo presente na casa. É que do jeito que tá, não dá mais pra ficar.

Victor - Senhora...

Domitila - Deixa eu falar, caramba! Como eu ia dizendo, vai ser bem rapidinho. Precisamos melhorar a nossa forma de trabalhar com os turistas. Tá todo mundo aí reclamando que os cruzeiros que chegam estão fracos, que ninguém paga pelo pacote do tour, e isso talvez seja culpa nossa. Precisamos mudar a visão do negócio. Tem que ser mais B2B e menos B2C. Vamos fazer um brainstorm pra nossa startup? Tem que ter pitch, fazer canvas com turista, criar networking sem preconceito, incubar nosso negócio, viver em coworking, porque turismo é business! Vamos começar pelo post-it para a análise swot. Eu vou brifar vocês, tá? Se liga no feedback. Trouxe aqui um coaching, especialista, que vai transformar a gente em unicórnio sem precisar de crowdfunding.

Marcus - Boa noite, pessoal! Tá fraco. Não ouvi. Boa noite! *(tempo para resposta do público)* Vim falar de turismo de experiência e turismo de base comunitária, sacam? Vamos lá, repitam comigo: “Turismo de experiência. Turismo de ... *(tempo para resposta do público)*”, não ouvi. Mais alto. “Turismo de...*(tempo para resposta do público)*”. Muito bom, maravilhoso! E turismo de base comunitária. Só vocês, agora: “Turismo de base...”. Perfeito! Repitam comigo “Concedei-me senhor, a curiosidade necessária para conhecer as histórias mais peculiares, e menos difundidas.” E eu não tô falando de fofoca! “Coragem para não desistir jamais, e sabedoria para lidar com as adversidades”. Perfeito! Temos que honrar quem viveu neste perímetro. Madame Satã, Jacob do Bandolim, Carmen Miranda, Chiquinha Gonzaga, Manuel Bandeira e Portinari. Ali nas ruas de baixo tinha o Rei Roberto Carlos, Jorge Amado, Lima Barreto

e Lamartine Babo. Para explicar melhor o roteiro que construímos, eu chamo os nossos vizinhos que estão presente aqui na assembleia. *(Marcus inicia as palmas)*

Paulo - Nosso tour de experiência começa no Aqueduto da Carioca, o nosso Arco do Triunfo. Após cruzarmos o portal, daremos umas cafungadas embaixo do arco, experimentaremos cheiros e sabores... ladeando a imagem protetora de Zé Pelintra. Logo no início da rua, do lado esquerdo, no 138, temos o finado Bar Semente, onde despontou a estonteante Teresa Cristina. Seguindo o fluxo, em ambos os lados, temos uma galeria a céu aberto com diversos grafites. Adiante, sempre mantendo a esquerda, temos ali, sentadinha, Dona Marlene, no mesmo local a mais de 50 anos. Passando em movimento, vale destacar o torresmo 5 estrelas da Lapa, no bar do Antônio. Tem carvoaria, brechó, comida oriental, e anos atrás, rolava por ali uma das surubas mais famosas do Rio de Janeiro. Seguindo o fluxo, tem sindicato, já no 97 fica a casa de Jacob do Bandolim, do outro lado o extinto bar do Seu Cláudio, onde rolava aquele samba com o Negro Gato Luiz Melodia e Beth Carvalho, hotel para rapazes solteiros, hotel para rapazes não tão solteiros assim, o famoso porão do Ximeninho...

Yassu - E como o nosso turismo é de experiência, pularemos a Escadaria, mas sem antes deixar de citar a morada de Portinari, onde hoje fica uma adega. E não para por aí, seguindo tem atelier de artista famoso, a Casa da Música, que aparenta muito esse lugar aqui, e era frequentada por Tom Jobim e Milton Nascimento.

Victor - E os cabarés?

Yassu - Calma que o percurso ainda não terminou, e vamos chegar nessa parte. No 53, morou Carmen Miranda...

Dilma - 53? Mas não tem 53 aqui na rua.

Amanda - Ih, eu disse pro estrangeiro que quem morou no 53 foi a família que veio pra cá na época da enchente.

Victor - Basta!

Marcus - O roteiro não terminou. Tem mais!

Victor - Basta!

Marcus - Foi só uma pitada sobre o nosso método. Quem quiser saber mais, toma aqui o meu cartão. *(Domitila, Yassu, Paulo e Marcus distribuem o cartão)*

Victor - Acabou! Tem horas que estamos aqui e não chegamos a nenhuma conclusão para o nosso bingo, que é o que realmente interessa! Vamos concentrar, galera!

(Entra Calebi)

Calebi - Caramba! Já fui e já voltei e vocês ainda estão aí nessa lenha? Quem é que vai buscar o sofá comigo?

Domitila - Que sofá?

Marcus - Você tá de mudança?

Paulo - O prêmio do bingo, gente!

Dilma - Buscar o sofá na chuva?

Calebi - Mas quem disse que tá chovendo?

Cris - Ué, mas e o ciclone?

Calebi - Eu acabei de ouvir no programa do Odylo Paixão que a massa de ar polar se deslocou para São Paulo. Não chove mais!

Amanda - Pra São Paulo?

Marcus - Esse ciclone vai virar garoa!

Michele - Eu tinha dito que não ia chover.

Julia - Quero ver quem vai me ajudar a devolver a lona do Pedro Barbudo.

Alex - Eu até poderia ajudar, mas me apareceu uma dor na coluna.

Domitila - Tempo bonito desses, esse pessoal da previsão do tempo...

Tiago - Ainda bem que desenhamos o sol.

Victor - Teremos bingo! *(Todos comemoram)* Pessoal, galera! Vamos organizar, temos muito trabalho pela frente.

Yassu - Hoje é dia de bingo!

Victor - Atenção, atenção! Eis a próxima pedra... dois patinhos na lagoa, 22 *(Off canta pedra do bingo. Em seguida áudio: "Sacudi o saco, mais uma pedra, 69")*

Calebi - Tá calor, o que a gente ainda tá fazendo aqui?

Alex, Cris e Domitila - Vamos pra rua!

Todos - Vamos!

Cena 8 - Tempestade foi pro Pará

(Quando estão saindo da Casa da Música a rádio já está no ar com a orquestra tocando)

Locutor - Ouvintes, aqui é Odylo Paixão da Rádio L.A.P.A FM Rio de Janeiro! *(vinheta previsão do tempo)* Tempo bom! O ciclone extratropical que seguia para São Paulo

está tão rápido que chegou no Pará. Dia quente! Verão carioca, as praias estão lotadas. Arrastão da praia do Arpoador até o Leblon. Piscininha no Leme. Já na Lapa, a novidade deste verão é o legado que o pesquisador Herbert Richards deixará para a cidade. Ele mandou reconstruir, em homenagem a Carmen Miranda, a Praia Areias de Espanha, local onde a Pequena Notável aprendeu a nadar. Lá serão gravadas as principais cenas do seu novo filme "Sorte ou Revés". E a inauguração é agora! Neste exato momento! Quem estiver pela Lapa, corra! Será um dia histórico para a Cidade Maravilhosa e para a nossa rádio, que transmitirá ao vivo do local.

Calebi - É lá que a gente tem que fazer o bingo!

Amanda - Mas o que tem a ver o bingo com a gravação de filme na praia?

Calebi- Nada! Mas tá calor, a gente aproveita que vai ter praia, levamos um isopor e fazemos o nosso bingo por lá.

Cris - E churrasco!

Dilma - Tô precisando pegar uma corzinha mesmo.

Tiago - Concordo! Já que esse Richards perguntador alugou a gente, agora vamos usar a locação dele.

Victor - Desde quando cenário de filme é legado?

Domitila- Geração de Valor! De uma vez por todas vocês tem que aprender a gerir o potencial turístico do bairro

Alex - Aposto que não dura dois finais de semana.

Marcus - Gente! (para Yassu, Paulo e Domitila) Vamos incluir o cenário do estrangeiro no nosso roteiro de experiência.

Julia- Não vejo a hora de ver essa praia aí. Era só o que faltava, depois de escada rolante, agora é a vez da praia de cimento.

Michele - Já teve praia ali antes desse Richards chegar. Não vejo novidade nenhuma aí.

Calebi - Tem gente dizendo que pegaram água da Praia do Flamengo e trouxeram aqui pra Joaquim Silva.

Paulo - Prefiro o Piscinão de Ramos!

Julia - Então não é própria para banho...

Calebi - O segredo é não beber a água.

LC - Tenho que ir em casa me arrumar!

Paulo - Eu vou fazer o cabelo.

Tiago - Não, não dá tempo gente!

Alex - Não pode faltar cerveja.

Michele - Óculos de sol, protetor solar, chapéu, canga....

Dilma - Pega a boia, aí.

Victor - Não esqueçam das cartelas. Ei, vocês levam o prêmio do bingo pra praia.

Calebi - Pode deixar!

Victor - Partiu, galera! Rumo ao bingo e a praia!

(música de praia, todos pegam as boias, óculos escuros, pés de pato, bola e outros apetrechos de praia. Seguem a Rua Joaquim Silva, após o Hotel Viña Del Mar a música cessa, e os atores se deparam com uma instalação, estilo shopping chão, com uma tv exibindo uma live da modernização da Escadaria Selarón. Atores e o público permanecem um tempo na instalação, Marcus dá um tempo para reações ao vídeo antes de puxar para a próxima cena.)

Cena 9 – Tour para Areias de Espanha

Marcus - Atenção grupo, vamos nos organizar. Silêncio! Ao nosso lado esquerdo, está o Centro Afro Carioca de Cinema, criado por Zózimo Bulbul, um dos mais importantes nomes do cinema negro nacional.

Domitila - Já aqui na Rua Conde de Lages, nas décadas de 20, 30 e 40, existiam os rendez-vous, as pensões e os cabarés, que eram divididos em nacionalidades. Ali ficavam as polacas, lá as francesas e logo abaixo as nacionais. Como podem perceber, a arquitetura é eclética, mas a rua conta com edificações art-déco e outras inspiradas no modernismo.

Yassu - (Apito) Vamos seguir pessoal, muita calma nessa hora! Segurança em primeiro lugar! *(Param o trânsito para que todos atravessem)*

(Michelle, Alex, Victor, Dilma, Cris, Paulo, Tiago, Calebi, Amanda e Julia, dão a volta no quarteirão pelo Beco das Carmelitas)

Marcus - Tá todo mundo aí?

Yassu - Neste estabelecimento, a Sapataria Roma, onde Madame Satã consertava os seus sapatos. Ao lado, a casa onde dizem ter residido Manuel Bandeira, e hoje abriga o melhor pastel da Rua Joaquim Silva, o Bar do Adalto.

LC - Oi, meu filho! *(acenando para alguém dentro do bar)*

Domitila - E aqui, senhoras e senhores, o final do nosso percurso turístico. A praia Areias de Espanha, mais conhecida como Praia da Lapa, local que foi aterrado, e onde a pequena Carmen Miranda aprendeu a nadar. E que daqui por diante, será conhecido como cenário do filme Sorte ou Revés, do diretor Herbert Richards.

(Os músicos e os atores que deram a volta pelo quarteirão já estão posicionados para o show)

Cena 10 – Finalmente o bingo

Victor - O prêmio já chegou?

Calebi - Já está tudo certo!

Tiago - Arruma aí, galera.

Dilma - Vamos começar.

Amanda - Cartela nas mãos! Atenção!

Alex - Atenção, o bingo é sério! Sem brincadeiras. Depois não adianta vir aqui reclamar.

Julia - Ô, junta que vai começar.

Cris - Tudo certo? Concentra.

Paulo - Cartela, prêmio, feijão, caneta.

Michele - Tá todo mundo ouvindo?

Todos - Não!

Tiago - Fala mais alto!

Michele - *(segue em direção a rádio e pede o microfone)* Ô moço, dá uma licencinha aqui. Me empresta esse microfone aí pra gente começar o bingo?

Locutor - Mas minha filha, a rádio está no ar.

Michele - Rádio?

Locutor - É, minha menina. Eu sou Odylo Paixão, da Rádio...

Michele - Odylo Paixão? Minha nossa! Meu sonho sempre foi te conhecer. Dá cá um abraço. Posso usar o microfone?

Locutor - Um momento, menina! Alô, alô, ouvintes! Voltamos ao vivo aqui da reprodução da Praia Areias de Espanha, onde milhares de cariocas e turistas aproveitam esse lindo dia de sol para conhecer o grande legado da Lapa. Temos aqui presente uma moradora, que vejam só, está fazendo um bingo que acontece há mais de quarenta anos no bairro, e ela quer cantar a pedra ao vivo. É com você, moça!

Michele - Aproveitando que tá ao vivo, antes de tudo eu queria dizer que essa praia aqui é muito chinfrim. Dinheiro jogado fora, era melhor ter investido no nosso bingo. Mas vamos ao que importa... *(mexe no saco com as pedras)* Atenção, atenção, e a dezena sorteada é... uma duzia, 12 *(Off da pedra do bingo)*.

X - Bingo!

(Black-out, a orquestra retorna o som no miudinho, e conforme os instrumentos vão entrando, a luz se acende e torna-se um bailão na praia)

FIM